



**UNICRUZ – UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA
UNIUIV – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE**

**ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT* E CORTISOL SALIVAR EM
SERVIDORES PENITENCIÁRIOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI

Ijuí – RS, Brasil

2017

**ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT* E CORTISOL SALIVAR EM
SERVIDORES PENITENCIÁRIOS**

Por

SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Atenção Integral à Saúde, da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ, RS), em rede com a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Atenção Integral à Saúde.

Orientadora: Dr^a Eniva Fernandes Miladi Stumm

Coorientador: Dr. Matias Nunes Frizzo

Ijuí – RS, Brasil

2017

Catálogo na Publicação

B465e Benetti, Sabrina Azevedo Wagner
Estresse, Síndrome de Burnout e Cortisol Salivar em servidores penitenciários / Sabrina Azevedo Wagner Benetti. – Ijuí, 2017.
110 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Cruz Alta / Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí).
Atenção Integral à Saúde.

“Orientador: Dr^a Eniva Fernandes Miladi Stumm”.

1. Esgotamento profissional. 2. Trabalhadores. 3. Prisões. 4. Cortisol.
I. Stumm, Eniva Fernandes Miladi. II. Título.

CDU: 615.851.3

Ginamara de Oliveira Lima
CRB10/1204

UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA E UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT* E CORTISOL SALIVAR EM
SERVIDORES PENITENCIÁRIOS

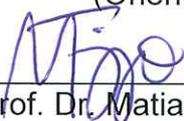
elaborada por:

Sabrina Azevedo Wagner Benetti

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Atenção Integral à Saúde



Prof^a. Dr^a. Eniva Miladi Fernandes Stumm
(Orientadora)

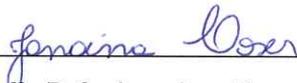


Prof. Dr. Matias Nunes Frizzo
(Coorientador)

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Rafaela Andolhe – (UFSM)



Prof^a. Dr^a. Janaina Coser - (UNICRUZ)



Prof^a. Dr^a. Marli Maria Loro - (UNIJUÍ)

Ijuí (RS), 11 de dezembro de 2017

Dedicatória

Dedico esse trabalho a meu esposo Marcos Benetti, meu porto seguro, companheiro de todas as horas, exemplo de ser humano e profissional, pela sua compreensão, respeito, tolerância, por presentear-me com a família que sempre sonhei e por todas as atitudes que o fazem merecedor de todo o meu amor.

A minha amada Maria Eduarda Wagner Benetti, filha e amiga, que me ensinou o que é o verdadeiro amor e que sempre estará em primeiro lugar na minha vida.

Ao meu pai Vitorino e sua esposa Fátima, minha mãe Angela e seu esposo Kau, por acreditar na minha capacidade, apoiar e estar sempre presente em todos os momentos.

A meus irmãos Matheus e Luciano por acreditar em mim, estar sempre mandando energias positivas, mesmo distantes, vibrando com minhas conquistas e me incentivando a crescer.

As minhas amigas Cíntia Goi, Daiane Steiernagel, Madalena Rotta e Cátia Dezordi, por compartilhar comigo este momento, me incentivar a superar os desafios que o Mestrado trouxe em minha vida.

A quem de alguma forma participou dessa caminhada comigo, sonhou e me acolheu com amor, carinho e paciência compreendendo a minha ausência.

Agradecimentos

A Deus, pela proteção divina, por me guiar todos os dias me dando luz, amor, sabedoria e renovando minhas energias.

Ao meu esposo Marcos e minha filha Maria Eduarda pelo apoio, incentivo, compreensão e paciência nesse período de abdicação de muitos momentos em família.

Ao meu pai Vitorino, sua esposa Fátima e minha mãe Angela e seu esposo Kau pelo apoio, incentivo e amor. Por me ensinarem valores e princípios essenciais diante da vida, como humildade, honestidade, lealdade, sinceridade e dedicação.

Aos meus irmãos Luciano e Matheus pelo amor, carinho e apoio. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Eniva Stumm, por ter me acolhido, acreditado na minha proposta de pesquisa, pela paciência, risadas, conversas e pelo tempo dispensado no processo de escrita. Nossos momentos foram de crescimento, trocas de experiências e superação.

Ao meu coorientador Matias Frizzo pelo apoio e incentivo nesse momento da escrita.

A meus amigos, em especial Cíntia Beatriz Goi e Daiane Steiernagel, pela amizade, por estar junto comigo nessa caminhada, me dando coragem, palavras de incentivo para superar todos os desafios.

À SUSEPE, em especial à 3^a Região Penitenciária e ao Diretor Oséias Amaral da Penitenciária Modulada de Ijuí pelo apoio e incentivo na pesquisa.

Aos meus colegas da SUSEPE, em especial a Katrin e Darlen pelo apoio manifestado na ocasião da ciência da realização da pesquisa, pela acolhida, amizade e disponibilidade.

Aos meus colegas do IFFAR pela paciência e incentivo durante esses dois anos, em especial as minhas colegas de setor Madalena Rotta, Graciele Castro, Versiéri Almeida, Maiara Berlt, Vinícius Comaretto e Valter Moreira.

Aos colegas da Turma de Mestrado, em especial Cátia Dezordi e Caroline Pretto pelos momentos de aprendizado e troca de experiências.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Atenção Integral à Saúde, pelos ensinamentos e trabalho realizado.

À Banca Examinadora, pela disponibilidade em avaliar esta dissertação e participar deste momento ímpar da minha formação, a obtenção do título de Mestre em Atenção Integral à Saúde.

Enfim, a todos os que fizeram parte dessa etapa de minha vida pessoal e profissional e que, de alguma forma, contribuíram para concretizá-la.

Com amor, agradeço!

“Hoje me sinto mais forte,
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei,
Ou nada sei.”

Almir Sater

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Atenção Integral à Saúde
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
Universidade de Cruz Alta

ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT* E CORTISOL SALIVAR EM SERVIDORES PENITENCIÁRIOS

AUTORA: SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI
ORIENTADORA: PROF^a DR^a ENIVA M. F. STUMM
COORDENADOR: DR. MATIAS NUNES FRIZZO
LOCAL E DATA DA DEFESA: Ijuí, 11 de dezembro de 2017.

RESUMO

Introdução: Os trabalhadores do sistema prisional desempenham função de alto risco, necessitam, além de conhecimento técnico e científico, capacidade de gerenciamento das emoções e habilidade para enfrentamento ao estresse vivenciado. A Síndrome de *Burnout* é oriunda do estresse ocupacional, considerada um limitante profissional pelo impacto negativo no desempenho cognitivo e no humor do trabalhador, associado ao aumento do risco de doenças físicas e psíquicas que, em muitos casos, resultam em incapacidade laboral. **Objetivo:** avaliar a intensidade de estresse ocupacional, níveis de cortisol salivar e Síndrome de *Burnout* em trabalhadores penitenciários que atuam no sistema prisional. **Objetivos específicos:** traçar o perfil sociodemográfico e laboral do servidor penitenciário; avaliar o nível de estresse vivenciado pelos participantes da pesquisa com o uso da Escala de Estresse no Trabalho (EET); verificar o nível de cortisol salivar em servidores penitenciários; avaliar a presença ou ausência de *burnout* em servidores penitenciários; analisar a associação entre *burnout* e cortisol salivar dos servidores do sistema prisional. **Método:** estudo transversal, quantitativo, descritivo e analítico. Participaram 254 servidores penitenciários da 3ª Região Penitenciária do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados por meio de um protocolo composto por formulário de caracterização sociodemográfica e ocupacional, Escala de Estresse no Trabalho, *Maslach Burnout Inventory* e amostras salivares para dosagem do cortisol. O período de estudo da dissertação compreendeu fevereiro a novembro de 2017. Os dados da pesquisa foram registrados e organizados no programa *Statistical Package for Social Science*, versão 15.0. Utilizada estatística descritiva, ANOVA, t de Student e intervalo de confiança de 95%. **Resultados:** dos 254 participantes, 78% eram Agentes Penitenciários, 8,7% Agentes Penitenciários Administrativos e 13,4% Técnicos Superiores Penitenciários. Destes, 52,4% do sexo masculino, 72,4% casados/companheiro, 49,6% de 40 e 50 anos, 38,6% cursaram ensino médio e 37,8% superior; 65,7% residem na cidade onde trabalham, 57,9% atuam há menos de 10 anos, 36,2% integravam a classe B, 67,7% plantonistas e 82,3% atuavam exclusivamente na SUSEPE. Quanto ao estresse ocupacional, 55,9% encontravam-se em moderado estresse e 2,8% em alto estresse. Constatou-se que 5,11% trabalhadores encontravam-se em alto nível de *burnout* nas três dimensões; 13,77% em duas e 29,92% em uma dimensão. Evidenciou-se que quanto maior o nível de *burnout* dos participantes da pesquisa, mais elevados os níveis de cortisol salivar. **Conclusão:** Os trabalhadores do cárcere vivenciam o estresse e apresentam a

Síndrome de *Burnout*, em percentuais elevados, aliados a níveis de cortisol acima dos valores de referência.

Palavras-chave: Esgotamento Profissional. Trabalhadores. Prisões. Cortisol.

Masters Dissertation
Postgraduate Program in Comprehensive Health Care
Regional University of the Northwest of the State of Rio Grande do Sul
University of Cruz Alta

STRESS, BURNOUT SYNDROME AND SALIVAR CORTISOL IN PENITENTIARY
SERVERS

AUTHOR: SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI
ADVISOR: PROF^a DR^a ENIVA M. F. STUMM
CO GUIDELINES: DR. MATIAS NUNES FRIZZO
PLACE AND DATE OF DEFENSE: Ijuí, 11 de dezembro de 2017.

ABSTRACT

Introduction: Workers of the prison system deal with high risk tasks, and they need emotional control beyond technical expertise, as well as capacity to deal with stress. Burnout Syndrome derives from working stress, and it is regarded as a limitation to work due to its negative impact on performance and on the workers' mood. It is also related to the increase of physical and mental diseases that use to lead to labor incapacity. **Objective:** to evaluate the intensity of occupational stress, levels of salivary cortisol and Burnout Syndrome in penitentiary workers working in the prison system. **Specific objectives:** to define the socio-demographic and labor profile of the penitentiary server; to evaluate the level of stress experienced by the research participants with the use of the Occupational Stress Scale (EET); check the level of salivary cortisol; assess the presence or absence of burnout; to analyze the association between burnout and salivary cortisol of prison workers. **Method:** cross-sectional, quantitative, descriptive and analytical study. 254 prison workers took part in the survey, all from the 3rd Prison Zone of Rio Grande do Sul. The data were collected from a sociodemographic and occupational characterization form, Job Stress Scale, *Maslach Burnout Inventory* and salivary samples of cortisol. Survey extended from February to November 2017. The survey data were recorded and organized with *Statistical Package for Social Science* software, 15.0 version. It was employed the descriptive statistics ANOVA, t of Student, with 95% of reliability. **Results:** 78% of the prison workers were Correction Agents, 8.7% Administrative Penitentiary Agents, e 13.4% Superior Penitentiary Technicians. From this 52.4% were male; 72.4% married/engaged, 49.6% were 40 to 50 years old, 38.6% have high school level and 37.8% have graduation level; 65.7% live in the city where they work, 57.9% have been working less than 10 years, 36.2% are from B class, 67.7% worked in turns and 82.3% worked only for SUSEPE. Regarding to job stress, 55.9% have moderate stress level, and 2.8% have a high stress level. It was noted 5.11% of them showed a high level of BS at the three studied dimensions; 13.77% in two of them, and 29.92% in one of them. It was clear that the higher the BS level, the higher the salivary cortisol level of the prison worker. **Conclusion:** Prison workers are affected by the stress and show signs of Burnout Syndrome at a high level, as well as cortisol levels above the reference patterns.

Keywords: Professional Exhaustion. Workers. Prisons. Cortisol.

LISTA DE ABREVIATURAS

AP - Agente Penitenciário

APA - Agente Penitenciário Administrativo

CID-10 - Classificação Internacional de Doenças

CV - Coeficiente de Variação

DeCS - Descritores em Ciências da Saúde

DP- Despersonalização

EE - Exaustão Emocional

EET - Escala de Estresse no Trabalho

HPA - Hipotálamo-Pituitária-Adrenais

IC = Intervalo de confiança

INP - Incompetência Profissional

Li - Limite inferior

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde

Ls - Limite superior

MIB - *Maslach Burnout Inventory*

PPL – Pessoa Privada de Liberdade

PTSD - Transtorno de Estresse Pós-Traumático

PUBMED - Public MEDLINE

RS – Rio Grande do Sul

SAG - Síndrome de Adaptação Geral

SB – Síndrome de *Burnout*

SCOPUS - SciVerse Scopus

SPSS - Statistical Package for Social Science

SUSEPE - Superintendência dos Serviços Penitenciários

TSP - Técnico Superior Penitenciário

UET - Unidade Terapêutica Educacional

UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

WoS - Web of Science

LISTA DE TABELAS

Tabela 6.1 – Classificação da intensidade do estresse ocupacional dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017.....	55
Tabela 6.2 – Classificação da intensidade do estresse conforme características sociodemográficas de trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017.....	56
Tabela 6.3 – Classificação da intensidade do estresse conforme características funcionais dos participantes que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017.....	57
Tabela 6.4 – Estatística descritiva, ANOVA e Intervalo de Confiança da idade, horas de trabalho e horas ininterruptas na noite anterior, segundo a Escala de Estresse no Trabalhador (EET) dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017.....	58
Tabela 7.1 – Caracterização sociodemográfica de trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	69
Tabela 7.2 – Características funcionais do trabalho dos trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017.....	70
Tabela 7.3 – Incompetência Profissional, dimensão do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS Abril a Junho/2017.....	72
Tabela 7.4 – Desgaste Emocional, dimensão do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	73
Tabela 7.5 – Despersonalização, dimensão do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	74

Tabela 7.6 – Estatística descritiva e Intervalo de Confiança das dimensões do MBI segundo os níveis da SB dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	75
Tabela 7.7 – Correlação entre as dimensões do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	77
Tabela 8.1 – Análise do Cortisol Salivar dos trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017.....	89
Tabela 8.2 – Análise do MBI nas três dimensões da SB dos trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	89
Tabela 8.3 – Estatística descritiva, t de Student e ANOVA do valor do cortisol segundo níveis de SB de trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 5.1 – Quantitativo (n) dos artigos encontrados (E) e selecionados (S) após revisão integrativa por base de dados. Ijuí, RS, 2017.....	35
Quadro 5.2 – Quadro sinóptico dos artigos científicos incluídos na amostra. Ijuí, 2017.....	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 5.1 – Diagrama da seleção de artigos para revisão integrativa. Ijuí, 2017.....	36
Figura 7.1 – Dimensões do MBI em trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	71
Figura 7.2 – Dimensões do MBI segundo características da classe dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017.....	76

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	100
ANEXO II - ESCALA DE ESTRESSE NO TRABALHO (EET).....	104
ANEXO III - INVENTÁRIO DE MASLACH DE <i>BURNOUT</i>	106
ANEXO IV - PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS.....	108
ANEXO V - PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIJUÍ.....	110
ANEXO VI – NOTA PRÉVIA.....	115

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
1 INTRODUÇÃO.....	17
2 OBJETIVOS.....	21
2.1 OBJETIVO GERAL.....	21
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
3 METODOLOGIA.....	22
4 MANUSCRITO I – Estresse e Síndrome de <i>Burnout</i> em Servidores Penitenciários, Nota Prévia. Publicado em 15 de julho de 2017 na Revista de Enfermagem UFPE Online, ISSN: 1981-8963, Estrato: B2; Área de Avaliação: Enfermagem.....	25
5 MANUSCRITO II - Estresse e <i>Burnout</i> em Trabalhadores do Cárcere, Revisão Integrativa.....	31
6 MANUSCRITO III – Estresse ocupacional e relação com variáveis sociodemográficas em servidores penitenciários, aprovado na International Journal for Innovation Education and Research, ISSN: 2411-2933, Estrato: A2; Área de Avaliação: Interdisciplinar.....	51
7 MANUSCRITO IV – Síndrome de <i>Burnout</i> em Trabalhadores do Cárcere.....	65
8 MANUSCRITO V – Análise do Cortisol Salivar e <i>Burnout</i> em Trabalhadores do Cárcere.....	84
9 CONCLUSÃO.....	95
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS.....	99

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação apresenta uma introdução geral, seguida de objetivo geral, específicos e metodologia. Os resultados estão organizados sob a forma de 5 manuscritos:

- Manuscrito I (Nota Prévia) - Estresse e Síndrome de *Burnout* em Servidores Penitenciários;
- Manuscrito II - Estresse e *Burnout* em Trabalhadores do Cárcere, Revisão Integrativa;
- Manuscrito III - Estresse Ocupacional e Relação com Variáveis Sociodemográficas em Servidores Penitenciários;
- Manuscrito IV - Síndrome de *Burnout* em Trabalhadores do Cárcere;
- Manuscrito V – Análise do Cortisol Salivar e *Burnout* em Trabalhadores do Cárcere.

Sequencialmente é apresentada a conclusão da Dissertação, referências bibliográficas, anexos e apêndices.

1 INTRODUÇÃO

O sistema prisional é parte da segurança pública, atualmente, tema relevante para a sociedade (BONEZ; MORO; SEHNEM, 2013). O Brasil, em conjunto com os Estados Unidos da América, China e Federação Russa, possui mais da metade do contingente carcerário e ocupa o quarto lugar no ranking mundial (FERREIRA; FERREIRA; CRAVO-ROXO, 2015), com aumento do aprisionamento em 575% nos últimos 25 anos, de 90 mil presos no início da década de 90 passou a 622.202, em 2014 (BRASIL, 2015). Diante desta demanda necessitaria a criação de mais 373.991 vagas em prisões.

A situação das Pessoas Privadas de Liberdade (PPL) em âmbito nacional é grave e triste, pois vivem em presídios superlotados, ociosas e sem garantia dos direitos fundamentais previstos na Constituição Federal (MADRID; PRADO, 2014). O relatório da Organização das Nações Unidas (2016) descreve o sistema carcerário brasileiro como cruel, desumano, degradante, violador de direitos humanos e em desacordo com as normas nacionais e internacionais (BRITO; DAUDÉN, 2015).

Neste cenário, o trabalhador do cárcere desempenha função de alto risco, pelo contato direto com os detentos e exposto a diversas situações desencadeadoras de estresse (BONEZ; MORO; SEHNEM, 2013). Os autores pontuam que o agente penitenciário é o profissional responsável pela segurança interna do presídio e pela ordem entre os presos. Tem o dever de manter a lei, segurança, custódia dos prisioneiros, reconhecer comportamentos incomuns e garantir a integridade física desses indivíduos (VIOTTI, 2015).

O número massivo de presos aliado à insuficiência de vagas resultam na superlotação dos presídios. Com isso, estes espaços tornam-se difíceis de serem administrados pelo Estado aliado à dificuldade de controlar a massa carcerária (GOFFMANN, 2001). Este cenário requer aumento da responsabilidade dos trabalhadores que atuam no cárcere, levando à pré-disposição para o adoecimento físico e psíquico decorrente do estresse ocupacional.

Jaskowiaki e Fontana (2015), em estudo com 26 Agentes Penitenciários (AP), verificaram condições de trabalho dos profissionais e reflexos do exercício da atividade laboral em sua saúde. Os trabalhadores avaliados integram a região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 220 PPL em

regime fechado. Os autores pontuam que a maioria dos servidores ingressou no cargo motivada pela estabilidade, salário, influencia de familiares e amigos que atuavam no sistema prisional. Os AP demonstraram sentimento de tristeza e insatisfação no ambiente de trabalho, resultantes do confinamento, reincidência, descaso do governo, estrutura física inadequada, insalubre, insuficiência de equipamentos e materiais. Consideram o trabalho perigoso, jornadas repletas de incertezas, contato contínuo com violência, tensão e insegurança. Os resultados revelaram que as condições de trabalho são insatisfatórias por deficiência de recursos materiais e descaso do poder público com questões inerentes à ressocialização do prisioneiro, o que resulta em exposição a riscos psicossociais, entre eles, a insatisfação e o desgaste emocional dos trabalhadores.

O estresse está relacionado à capacidade de adaptação dos seres humanos diante de adversidades e mudanças (FARO; PEREIRA, 2013). É inerente ao ser humano, porém cada um responde de forma individualizada (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016).

O estresse ocupacional é um processo em que o sujeito percebe demandas do trabalho como estressoras, quando excedem sua habilidade de enfrentamento (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Os níveis de estresse dos servidores penitenciários são altos, principalmente quando não dispõem de recursos necessários para desempenhar suas funções, como falta de pessoal, inadequação ou deficiência de equipamentos (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016). Os profissionais estão submetidos a um trabalho que desencadeia fadiga física e mental, risco de doenças infecciosas, cumprem turnos de trabalho desgastantes, aliados à remuneração inadequada (HARIZANOVA; TARNOVSKA, 2013). Outro estressor, citado pelos trabalhadores é a invisibilidade de sua profissão perante a sociedade, mesmo em um país no qual a população carcerária aumenta e suas condições de trabalho se mantêm precárias (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

A Síndrome de *Burnout* (SB) é consequência do estresse ocupacional (PENZ et al., 2017), resultado da falha de estratégias de enfrentamento e acomete principalmente profissionais envolvidos com cuidado direto, contínuo e com alto envolvimento emocional (MASLACH; LEITER, 2016). Os sintomas se manifestam por expressões físicas, comportamentais e psíquicas, nem sempre concomitantes (SILVEIRA; CÂMARA; AMAZARRAY, 2014). O Manual de Procedimentos

Relacionados a Doenças do Trabalho classifica a SB como adoecimento possível de prevenção e assistido nos diversos níveis de atenção (BRASIL, 2001). Na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), *burnout* é reconhecida e registrada como Síndrome do Esgotamento Profissional, código Z73.0.

A SB compreende três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Incompetência Profissional (MASLACH; LEITER, 2016). Os autores afirmam que, na Exaustão ou Esgotamento Emocional, o profissional apresenta cansaço extremo, depleção, perda de energia, sensação de esgotamento físico e psíquico. Já a Despersonalização ou Cinismo se caracteriza por atitudes de frieza, indiferença e distanciamento em relação aos colegas e ao contexto de trabalho. Emergem sentimentos de negatividade, irritabilidade, perda de idealismo e isolamento. A terceira dimensão, Ineficiência ou Incompetência Profissional, é descrita como perda da produtividade ou capacidade reduzida, sentimento de incompetência, baixa moral e incapacidade de lidar com as adversidades no ambiente de trabalho.

Gould et al. (2013), em estudo com 208 Agentes Penitenciários na província de Alberta no Canadá, investigaram a prevalência de *burnout* e estratégias de *coping* entre os profissionais. Os trabalhadores apresentaram altos níveis de *burnout*, evidenciados por absenteísmo, rotatividade, má saúde física, aumento da exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal. Esses resultados demonstram altos níveis de estresse e *burnout* no trabalho, onerosos para os serviços prisionais e para os trabalhadores.

A SB possui maior risco de ocorrer em trabalhadores que vivem em ambientes particulares, propensos a violência interpessoal e estresse, como, por exemplo, os que atuam no sistema prisional (BOUDOUKHA et al., 2013). Ressalta-se que esses trabalhadores possuem uma rotina de trabalho diferenciada, em ambiente isolado, monótono e, muitas vezes, na modalidade de plantões que exige elevado grau de concentração, estado de alerta aliados à ameaça de violência (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016). Os autores enfatizam que, a qualquer momento, o trabalhador pode ser confrontado com incidentes críticos e estressores crônicos. Neste contexto, há prevalência de SB em percentuais elevados entre trabalhadores do cárcere (BRINGAS-MOLLEDA et al., 2015).

A invisibilidade do sofrimento psíquico no trabalho, aliada à dificuldade em se reconhecer a atividade laboral como causadora de agravos à saúde mental ainda é

uma realidade (FEITOSA; SILVEIRA; ALMEIDA, 2015). Os autores evidenciam que as queixas psíquicas do trabalhador são levadas em consideração somente quando se encontram associadas a manifestações físicas, com a presença de alterações, anormalidades ou lesão orgânica.

A avaliação do estresse ocupacional pode ser realizada com o uso de instrumentos validados, porém confrontá-los com a mensuração de hormônios diretamente relacionados é importante. Neste sentido, destaca-se que o organismo, através das glândulas adrenais, produz o hormônio cortisol, considerado importante marcador do estresse fisiológico (HELLHAMMER; WÜST; KUDIELKA, 2009). A concentração do cortisol é mais elevada ao despertar e decresce ao longo do dia, atinge concentrações menores antes de dormir, mas nas últimas etapas do sono há um aumento, para preparar o organismo para a vigília (NUNES, 2008). O cortisol plasmático e salivar são os mais utilizados em pesquisas, por não serem invasivos e pela facilidade de acesso (CHRIST-CRAIN et al., 2007; KALRA et al., 2007; SOARES; ALVES, 2006; TAYLOR et al., 2007).

A relevância pessoal desse estudo se dá a partir da vivência há 12 anos como trabalhadora de saúde do sistema prisional, por conhecer as características do ambiente laboral e, principalmente, por me sentir instigada a partir da identificação de inúmeras situações de sofrimento psíquico meus e de colegas. A atenção à saúde mental dos servidores penitenciários beneficia a eles, seus familiares, instituições, prisioneiros e sociedade como um todo (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016). Neste contexto, questiona-se: Qual a intensidade de estresse ocupacional e síndrome de *burnout* em trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul?

Considera-se que este trabalho é importante, no intuito de fornecer subsídios teóricos, conceituais e clínicos, tanto para trabalhadores, quanto para gestores, pesquisadores e sociedade como um todo. Pensa-se que os resultados podem instigar gestores e pesquisadores na construção de mais investigações sobre a temática, inclusive com outras abordagens metodológicas que permitam fazer inferências e a obtenção de mais evidências científicas. Cientes de que a melhor forma de tratar a SB é prevenir sua ocorrência.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a intensidade de estresse ocupacional, níveis de cortisol salivar e Síndrome de *Burnout* em trabalhadores penitenciários que atuam no sistema prisional.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Traçar o perfil sociodemográfico e laboral do servidor penitenciário;
- b) Avaliar o nível de estresse vivenciado pelos participantes da pesquisa;
- c) Verificar o nível de cortisol salivar em servidores penitenciários;
- d) Avaliar a presença ou ausência de *burnout* em servidores penitenciários;
- e) Analisar a associação entre *burnout* e cortisol salivar dos servidores do sistema prisional.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal e quantitativo. Participaram trabalhadores que atenderam aos critérios de inclusão: ser trabalhador penitenciário, concursado ativo, pertencer ao quadro da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), lotado na 3ª Região Penitenciária e aceitar participar voluntariamente da pesquisa. Foram excluídos trabalhadores que realizaram procedimento dentário invasivo, devido aos sangramentos gengivais.

A população alvo foram 381 trabalhadores do sistema prisional, adscritos à 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, compostos por oito municípios e dez casas prisionais: Ijuí, Santo Ângelo, Cerro Largo, São Luiz Gonzaga, Três Passos, Cruz Alta, Santo Cristo e Santa Rosa. Integram as categorias profissionais: Agentes Penitenciários, Agentes Penitenciários Administrativos e Técnicos Superiores Penitenciários. No período de coleta de dados de abril a junho de 2017, 88 servidores não foram encontrados nas casas prisionais, 11 gozavam de licença prêmio, nove afastados por motivos de saúde, sete em férias, cinco se recusaram a participar, três estavam afastados pela Procuradoria Geral do Estado, um cedido para o sindicato e uma em licença gestante. Dessa forma, participaram efetivamente do estudo 254 trabalhadores.

Os dados foram coletados por meio de um protocolo composto por formulário de caracterização sociodemográfica e ocupacional (apêndice), Escala de Estresse no Trabalho (EET – anexo II), *Maslach Burnout Inventory* (MIB – anexo III) e dosagem de cortisol em amostras salivares. O formulário de caracterização sociodemográfica e ocupacional foi elaborado pela pesquisadora e contemplou as seguintes variáveis: sexo, estado civil, escolaridade, idade, reside na cidade em que está lotado, opção por atuar como servidor penitenciário, cargo, tempo de atuação, classe ocupacional, carga horária, atividade paralela e horas de sono ininterruptas na noite anterior. Na questão referente aos motivos que levaram o trabalhador a optar por ser servidor penitenciário, permitiu-se o uso de múltiplas respostas.

Para avaliar o estresse ocupacional foi empregada a EET, uma escala de estresse ocupacional geral, unifatorial, composta por 23 situações, cada uma aborda tanto um estressor quanto uma reação a ele (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Cada item do instrumento oferece opções de resposta com valores variáveis de um a

cinco, em escala tipo Likert: um – “discordo totalmente”, dois – “discordo”, três – “concordo em parte”, quatro - “concordo”, e cinco – “concordo totalmente”. A classificação dos participantes ocorreu pela soma das pontuações atribuídas aos itens da escala, após, dividido pelo número de itens e chegou-se à obtenção da média individual. Os participantes foram classificados quanto à intensidade de estresse: “baixo estresse” – 1,00 a 2,00; “moderado estresse” – 2,01 a 4,00 e “alto estresse” – 4,01 a 5,00.

Já para avaliar a Síndrome de *Burnout* usou-se o MBI. Os escores de *burnout* referem-se aos sentimentos pessoais e atitudes do profissional em seu trabalho e frente aos demais. A escolha dos pontos de corte nos escores da escala MBI foi realizada pelo percentil 75, o mesmo do estudo de validação do MBI no Brasil (LAUTERT, 1995). Desta maneira, cada dimensão foi categorizada nos níveis baixo/moderado ou alto. Para a análise utilizaram-se as três dimensões de *burnout*: Desgaste emocional considerando o percentil 75, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 0 a 17; Alto nível - escore de 18 a 34. Despersonalização considerando o percentil 75, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 0 a 9; Alto nível - escore de 10 a 17. Na Incompetência Profissional considerando o percentil 25 sendo este com escore reverso, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 17 a 32; Alto nível - escore de 0 a 16.

Para avaliar os níveis de cortisol salivar foram coletadas amostras salivares dos participantes por meio de tubos *Salivette*®, devidamente identificados e armazenados em condições e local apropriados. As coletas de saliva foram efetuadas pelo próprio trabalhador, em roletes de algodão de alta absorção, presentes no tubo *Salivette*®, previamente orientados pela pesquisadora. Não houve necessidade de jejum; quando o exame foi realizado após as principais refeições, houve um intervalo de três horas entre refeição e coleta. Antes da coleta, foram necessárias três horas sem escovar os dentes, não fumar 30’ antes e não coletado de se lesões orais.

Procedimento de coleta das amostras de saliva: Abriu-se o *Salivette*®, o *swab* foi removido e colocado na boca para estimular a salivação, mantido durante três a cinco minutos ou o tempo necessário para sentir que estava saturado de saliva, após retornou à posição inicial no *Salivette*® e fechou-se firmemente o tubo. O volume mínimo de saliva foi de 1,0 mL. Após as coletas, as amostras foram mantidas sob

refrigeração (2-8°C) e enviadas para a análise laboratorial. As amostras foram processadas em Laboratório de Análises Clínicas, e o cortisol determinado pelo método de Eletroquimioluminescência. Os valores de referência de cortisol: Coleta pela manhã - 10h: < 0,78 ug/dL; Coleta à tarde: < 0,24 ug/dL; Coleta à noite: < 0,24 ug/dL.

A pesquisadora e dois profissionais da saúde Enfermeiros treinados para a pesquisa se deslocaram de carro a cada uma das dez casas prisionais para coleta, foram bem recebidos pelos trabalhadores que durante o turno de trabalho participaram da pesquisa. A cada um deles foi explicado o objetivo da pesquisa e entregue o termo de consentimento. Após a concordância em participar do estudo o mesmo recebia o formulário de caracterização sociodemográfica e ocupacional, instrumentos da EET, MBI e o tubete já identificado para coleta do cortisol. A pesquisadora permanecia com o trabalhador até o fim do preenchimento dos instrumentos, a coleta de saliva ocorreu concomitante. Após a pesquisadora revisava cada questionário em busca de inconsistências.

Os dados da pesquisa foram registrados e organizados no programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 15.0. Foi utilizada estatística descritiva (limite superior e inferior, *range*, média, desvio padrão, coeficiente de variação), ANOVA, t de Student e intervalo de confiança de 95%.

Foram respeitados todos os aspectos éticos que regem pesquisas com seres humanos. O projeto, após consentimento do Comitê de Ética da Escola Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul (anexo IV), foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIJUI (parecer nº 1.948.910, CAAE nº 63136916.6.0000.5350 – anexo V). Os participantes que aceitaram integrarem-se à pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias.

Os resultados serão disponibilizados individualmente a cada participante e uma cópia do trabalho aos diretores das casas prisionais e Delegado a 3ª Região Penitenciária do RS.

4 MANUSCRITO I – Estresse e Síndrome de *Burnout* em Servidores Penitenciários, Nota Prévia. Publicado em 15 de julho de 2017 na Revista de Enfermagem UFPE Online, ISSN: 1981-8963, Estrato: B2; Área de Avaliação: Enfermagem.

ESTRESSE E SÍNDROME DE *BURNOUT* EM SERVIDORES PENITENCIÁRIOS

RESUMO

Objetivo: avaliar a intensidade de estresse ocupacional, prevalência e síndrome de *burnout* em trabalhadores que atuam no sistema prisional. **Método:** estudo exploratório, transversal, descritivo e analítico, com 381 trabalhadores penitenciários lotados na 3ª região penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Os dados serão coletados com os instrumentos: formulário sociodemográfico e clínico, Escala de Estresse no Trabalho, Inventário de *Maslach Burnout Inventory* e amostras salivares para dosagem dos níveis de cortisol. Projeto aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, CAEE 63136916.6.0000.5350. Os dados serão analisados com estatística descritiva e inferencial. **Resultados Esperados:** a mensuração do estresse, concentração de cortisol salivar e síndrome de *burnout* e seus efeitos na saúde dos servidores penitenciários podem ser importantes para a implementação de estratégias de promoção da saúde, prevenção de agravos a esse contingente de trabalhadores e com repercussões na melhoria da qualidade de vida.

Descritores: Prisões; Estresse ocupacional; *Burnout*; Cortisol; Trabalhadores.

ABSTRACT

Objective: to assess the intensity of occupational stress, prevalence and indicatives of *Bournout* syndrome in workers acting in the prisional system. **Methods:** analytical, descriptive, transversal and exploratory study, with 381 penitentiary workers allocated in the state of Rio Grande do Sul's 3rd penitentiary region. Data will be collected with the following instruments: clinical and sociodemographic form, Work Stress Scale, Malach Burnout Inventory and salivary samples for measurement of cortisol levels. This project was approved by the Research Ethics Commitee, CAEE

63136916.6.0000.5350. Data will be analysed with descriptive and inferential statistics. **Expected Results:** distress measurement, salivary concentration of cortisol and indicatives of the *Burnout* syndrome and its effects in penitentiary workers' health may be important for the implementation of health promotion strategies, injury prevention to this contingent of workers and repercussions in the improvement of life quality.

Descriptors: Prisons; Occupational Stress; Burnout; Cortisol; Workers.

RESUMEN

Objetivo: evaluar la intensidad de estrese ocupacional, predominio e del síndrome de Burnout en trabajadores que actúan en el régimen penitenciario. Método: estudio exploratorio, transversal, descriptivo y analítico, con 381 trabajadores penitenciarios llenos de gente en la 3ª región penitenciaria de la provincia de *Rio Grande Do Sul*. Los datos serán colectados con los instrumentos: formulario sociodemográfico y clínico, Escala del Estrese en el Trabajo, Inventario de *Maslach Bournout Inventory* y muestras salivales para dosificación de los niveles de cortisol. Proyecto aprobado por Comité de Ética en Búsqueda, CAEE 63136916.6.0000.5350. Los datos serán analizados con estadística descriptiva e inferencial. **Resultados Esperados:** la medición del estrese, concentración de cortisol salivar e del Síndrome de Burnout y sus efectos en la salud de los servidores penitenciarios pueden ser importantes para la implementación de estrategias de promoción de la salud, prevención de agravaciones a ese contingente de trabajadores y con repercusiones en la mejoría de la cualidad de vida.

Descriptoros: Cárceles; Estrese ocupacional; Burnout; Cortisol; Trabajadores.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o contingente carcerário cresceu 575%, de 90 mil presos no início da década de 90 passou a 607.731, em 2014. Diante desta demanda necessitaria de mais 373.991 vagas em prisões¹. O número massivo de presos aliado à insuficiência de vagas nas casas prisionais resultam na superlotação. Com isso, estes espaços tornam-se difíceis de serem administrados pelo Estado, aliado ao controle da massa

carcerária². Este cenário requer aumento da responsabilidade dos trabalhadores que atuam no cárcere e predispõe ao adoecimento físico e psíquico.

O trabalho no sistema prisional possui especificidades, tais como isolamento, monotonia, em formato de plantões, requer concentração constante, sensação de insegurança, sob ameaça de violência³. Dessa forma, os trabalhadores podem sofrer efeitos psicológicos adversos associados à sobrecarga, evoluir para Síndrome de *Burnout* (SB) e depressão⁴. Neste contexto, a SB apresenta percentuais elevados em trabalhadores do cárcere⁵.

Investigação com 26 Agentes Penitenciários (AP) de um presídio da região noroeste do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 220 Pessoas Privadas de Liberdade (PPL) em regime fechado, avaliou condições de trabalho e reflexos da atividade laboral sobre sua saúde⁶. Eles evidenciaram que a maioria dos servidores ingressou no cargo motivada pela estabilidade, salário, influenciada por familiares e amigos que atuavam no sistema prisional. Os resultados revelaram que as condições de trabalho são insatisfatórias por deficiência de recursos materiais e descaso do poder público com questões inerentes à ressocialização do apenado, que evolui para exposição a riscos psicossociais, insatisfação e desgaste emocional dos trabalhadores.

Outra pesquisa, com 208 AP na província de Alberta no Canadá, identificou a prevalência de *burnout* e estratégias de *coping* entre os profissionais⁷. Os autores constataram que os trabalhadores apresentavam altos níveis de *burnout*, evidenciada por absenteísmo, rotatividade, má saúde física, aumento da exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal.

A experiência como Enfermeira do sistema prisional durante 11 anos me conduz a reconhecer pontos de fragilidade, tais como estrutura física inadequada para atender à demanda, dinâmica de funcionamento, número insuficiente de profissionais aliado ao déficit de investimentos na qualificação da equipe, por parte do Estado.

Com base nessas considerações, busca-se avaliar a intensidade de estresse ocupacional, prevalência e síndrome de *burnout* em trabalhadores que atuam no sistema prisional. Os objetivos específicos são: Verificar a influência das variáveis sociodemográficas e clínicas no estresse do servidor penitenciário; Analisar a influência do trabalho frente ao estresse vivenciado pelos participantes da pesquisa

com o uso da Escala de Estresse no Trabalho – (EET); Avaliar prevalência e SB nos trabalhadores do cárcere, integrantes da pesquisa; Avaliar a concentração dos níveis de cortisol livre dos trabalhadores; Relacionar *burnout* com a intensidade do estresse vivenciado pelos trabalhadores do sistema prisional; Associar níveis de estresse e *burnout* com a carga de trabalho; Relacionar o cortisol e [sua relação com] o estresse.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, transversal e analítico. Os dados serão coletados com formulário sociodemográfico e clínico, Escala de Estresse no Trabalho e *Maslach Burnout Inventory* (MIB) e amostras salivares para dosagem dos níveis de cortisol. Pretende-se convidar todos os 381 trabalhadores lotados na 3ª região penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul.

Pretende-se incluir na pesquisa todos os 381 trabalhadores penitenciários concursados ativos, pertencentes ao quadro da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), lotados na 3ª Região Penitenciária. Os critérios de inclusão são: ser trabalhador da SUSEPE há no mínimo 6 meses e aceitar participar da pesquisa; e os critérios de exclusão são: apresentar dificuldades de compreensão das questões que integram os instrumentos de coleta de dados e não aceitar assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Serviço Penitenciário da Superintendência dos Serviços Penitenciários e Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, sob o CAAE: 63136916.6.0000.5350.

Os dados, após a coleta, serão registrados e organizados em um banco de dados no Excel for Windows (OFFICE, 2007), e posteriormente, analisados com estatística descritiva, inferencial e analítica, com auxílio do programa Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 17.0.

RESULTADOS ESPERADOS

Pretende-se com o presente estudo mapear e avaliar a intensidade de

estresse ocupacional, comparado com os níveis de cortisol salivar e síndrome de *burnout* em trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul.

Considera-se que estudar o estresse, mensurar níveis de cortisol salivar e SB e seus efeitos na saúde dos servidores penitenciários possibilitará o planejamento e implementação de ações direcionadas à promoção da saúde e prevenção de danos, muitas vezes irreparáveis, nessa população. Igualmente, considera-se que os resultados podem se constituir em subsídios importantes, com vistas a intervenções educacionais para ampliar o conhecimento sobre estresse e *burnout* e dessa forma empoderá-los para o autocuidado, ampliação da qualidade de vida e da saúde.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Justiça. Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN 2014. Brasília, 2015.
2. Goffman, E. Manicômios, prisões e conventos. Perspectiva. São Paulo: 2001.
3. Bezerra CM, Assis SG, Constantino P. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. Cien Saude Colet. 2016; v. 21, n. 7, p. 2135 – 46.
4. Who. World Health Organization. *Global Strategy on occupational health for all*. Geneva: 1995.
5. Molleda et al. Influence of burnout on the health of prison workers. Rev Esp Sanid Penit [Internet]. 2015 [cited 2016 Out]; p.: 67-73. Available from: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1575-06202015000300002&lng=es&nrm=iso&tlng=en
6. Jaskowiaki CR, Fontana RT. O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário. Rev Bras Enferm [Internet]. Mar/abr 2015 [cited 2016 Aug]; p. 235-43. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672015000200235&script=sci_abstract&tlng=pt
7. Gould DD, Watson SL, Price SR, Valliant PM. The Relationship Between Burnout and Coping in Adult and Young Offender Center Correctional Officers: An Exploratory Investigation. University- Psychological Services. American

Psychological Association [Internet]. 2013 [cited 2016 out], v. 10, n. 1, p. 37–47. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22924799>

5 MANUSCRITO II – Síndrome de *Burnout* em Trabalhadores do Cárcere, Revisão Integrativa.

SÍNDROME DE *BURNOUT* EM TRABALHADORES DO CÁRCERE, REVISÃO INTEGRATIVA

Stress and burnout syndrome indicatives in prison workers: an integrative review

Estrese e burnout en trabajadores de la cárcel, revisión integrativa

RESUMO

Objetivo: Analisar a produção científica, nacional e internacional, sobre síndrome de *burnout* em trabalhadores do sistema prisional.

Método: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca em quatro bases de dados no período de 2007 a 2017, com combinação dos descritores "*burnout, professional*" AND "*workers*" AND "*prisons*", "*burnout, professional*" AND "*workers*" e "*burnout, professional*" AND "*prisons*".

Resultados: Amostra de 19 artigos agrupados nas categorias temáticas “sintomas físicos, emocionais e fatores desencadeadores de estresse e síndrome de *burnout*”, “mecanismos protetores e de enfrentamento ao estresse utilizado por trabalhadores do sistema prisional” e “repercussões de *burnout* nos trabalhadores do cárcere”.

Conclusões: Trabalhadores do cárcere vivenciam o estresse e apresentam SB em percentuais elevados. Estes compreendem sintomas físicos, emocionais, aliados a danos, muitas irreversíveis.

Palavras-chaves: Esgotamento Profissional. Trabalhadores. Prisões.

ABSTRACT

Aim: Analyze international and national scientific production on burnout syndrome in prison workers.

Method: It is an integrative literature review, with searches in four data bases within the period from 2007 to 2017 with the combination of the descriptors “burnout, professional” AND “workers” AND “prisons”, “burnout, professional” AND “workers”, and “burnout, professional” AND “prisons”.

Results: Sample of 19 articles arranged in the thematic categories “physical and emotional symptoms and triggering factors of stress and burnout syndrome”, “protective and coping mechanisms for stress utilized by prison workers”, and “indicatives and repercussions of burnout in prison workers”.

Conclusions: Prison workers experience stress and present high percentage of burnout syndrome indicatives. Those comprise physical and emotional symptoms, allied to damages, most of them irreversible.

Keywords: Professional Exhaustion. Workers. Prisons.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la producción científica, nacional e internacional, sobre síndrome de *burnout* en trabajadores del sistema prisional.

Método: Trata de una revisión integrativa de la literatura, con busca en cuatro bases de datos en el periodo de 2007 a 2017 con combinación de los descriptores "*burnout, professional*" AND "*workers*" AND "*prisons*", "*burnout, professional*" AND "*workers*" e "*burnout, professional*" AND "*prisons*".

Resultados: Amuestra de 19 artículos agrupados en las categorías temáticas "síntomas físicos, emocionales y factores desencadenadores de estrese y síndrome de *burnout*", "mecanismos protectores y de enfrentamiento al estrese utilizado por trabajadores del sistema prisional" e "y repercusiones de *burnout* en los trabajadores del cárcel".

Conclusiones: Trabajadores del cárcel vivencian el estrese y presentan la SB en porcentuales elevados. Estos comprenden síntomas físicos, emocionales, aliados a daños, muchos irreversibles.

Palabras-claves: Agotamiento Profesional. Trabajadores. Prisiones.

INTRODUÇÃO

O termo "*burnout*" foi introduzido em 1974, por Freudenberger. A Síndrome de *Burnout* (SB) é caracterizada por esgotamento profissional decorrente da resposta prolongada a estressores interpessoais crônicos no trabalho (MASLACH; LEITER, 2016) e pode resultar em adoecimento físico e psíquico (SILVEIRA; CÂMARA; AMAZARRAY, 2014). É considerada, atualmente, um grave problema de saúde pública (CAMPOS et al., 2015).

A SB integra três dimensões: Exaustão Emocional (EE), Despersonalização (DP) e Incompetência Profissional - INP (MASLACH; LEITER, 2016). Os autores pontuam que, a exaustão se manifesta por perda de energia, fadiga, depleção, sensação de esgotamento dos recursos físicos e emocionais, cansaço extremo no trabalho e vida pessoal. Já, a despersonalização ou cinismo se caracteriza por atitudes insensíveis ao outro. Emergem sentimentos de negatividade, irritabilidade, perda de idealismo e isolamento. Ainda em relação às dimensões da síndrome, a terceira, ineficiência ou incompetência profissional, é descrita como perda da produtividade ou capacidade reduzida, sentimento de incompetência, baixa moral e incapacidade de lidar com as adversidades no ambiente de trabalho.

Os sintomas da SB se manifestam por expressões físicas, comportamentais e psíquicas, nem sempre concomitantes (SILVEIRA; CÂMARA; AMAZARRAY, 2014). O Manual de Procedimentos Relacionados a Doenças do Trabalho classifica a SB como adoecimento possível de prevenção e assistido nos diversos níveis de atenção (BRASIL, 2001). Na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), *burnout* é reconhecida e registrada como Síndrome do Esgotamento Profissional, código Z73.0.

SB possui maior risco de ser desenvolvida em trabalhadores que vivem em ambientes particulares propensos à violência interpessoal e estresse, como, por exemplo, os que atuam no sistema prisional (BOUDOUKHA et al., 2013). Isso decorre da rotina de trabalho diferenciada, em ambiente isolado, monótono e, muitas vezes, na modalidade de plantões e exige elevado grau de concentração, estado de alerta aliados à ameaça de violência (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016). E enfatizam que, a qualquer momento, o trabalhador pode ser confrontado com incidentes críticos e estressores crônicos. Neste contexto, há prevalência de SB em percentuais elevados entre trabalhadores do cárcere (BRINGAS-MOLLEDA et al., 2015).

Como profissional de saúde e trabalhadora do sistema prisional, me senti instigada a aprofundar conhecimentos sobre SB, nessa população. No cotidiano, vivenciam-se inúmeras situações que desencadeiam sofrimento no trabalhador, decorrentes da interação contínua com uma instituição total, situações de risco, pelo fato de desconhecer o transcorrer do turno de trabalho, sentir-se insegura, em constante estado de alerta, pelas situações inusitadas que podem ocorrer. A partir dessas considerações busca-se com este estudo: analisar a produção científica, nacional e internacional, sobre SB em trabalhadores do sistema prisional.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, estruturada nas seguintes etapas: formulação da pergunta e objetivo, amostragem, extração de dados dos estudos primários, avaliação crítica, análise e síntese dos resultados e apresentação da revisão integrativa (LACERDA; COSTENARO, 2016). Na formulação do problema adaptou-se a estratégia PICO (SANTOS; PIMENTA; NOBRE, 2007). Definiu-se a

seguinte questão norteadora: O que tem sido evidenciado nas produções científicas nacionais e internacionais sobre SB em trabalhadores do cárcere?

A investigação compreendeu consultas por duas pesquisadoras às seguintes bases de dados eletrônicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde (LILACS), Public MEDLINE (PUBMED), SciVerse Scopus (SCOPUS), Web of Science (WoS), ver quadro 5.1. Os descritores adotados para a busca foram extraídos do banco de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "*burnout, professional*" AND "*workers*" AND "*prisons*", "*burnout, professional*" AND "*workers*" e "*burnout, professional*" AND "*prisons*".

Os critérios de inclusão elencados para seleção da amostra foram os seguintes: artigos disponíveis eletronicamente na íntegra, sobre o tema proposto, publicados de janeiro de 2007 a julho de 2017, em português, espanhol ou inglês. Os critérios de exclusão foram: publicações disponíveis em mais de uma base de dados, *burnout* em outra população, carta ao editor, dissertações/teses, revisões e artigos para validação. O período de busca iniciou em 2007, em virtude de ter ocorrido nesse ano a publicação do Decreto nº 6.042 de 12 de fevereiro de 2007, que alterou o Regulamento da Previdência Social referente aos agentes patogênicos de doenças profissionais, conforme previsto no art. 20 da lei nº 8.213, de 1991 (BRASIL, 2007b).

A coleta de dados ocorreu nos meses de junho e julho de 2017, os artigos foram organizados em planilhas em ordem numérica crescente, no programa Microsoft Excel 2007, com as seguintes informações: base de dados, autores, título, ano de publicação, tipo de estudo, participantes, objetivos e resultados. Quanto aos aspectos éticos, foram respeitados os direitos autorais e o conteúdo. Inicialmente foram lidos todos os títulos dos artigos e se necessário os resumos a fim de selecioná-los, com vistas a responder à questão de pesquisa formulada.

Resultados

O cruzamento dos DeCS elencados resultou em 1707 artigos, destes 258 na LILACS, 216 na MEDLINE/PUBMED, 717 na SCOPUS e 516 artigos na WoS (Quadro 5.1).

BASE DE DADOS	Descritores <i>Burnout, professional AND workers</i>		Descritores <i>Burnout, professional AND prisons</i>		Descritores <i>Burnout, professional AND workers AND prisons</i>	
	E	S	E	S	E	S
LILACS	256	02	01	--	01	01
MEDLINE/PUB MED	186	--	22	08	08	--
SCOPUS	676	01	34	03	07	01
Web of Science	504	--	11	03	01	--
	Total encontrado: 1622 Total selecionado: 03		Total encontrado: 68 Total selecionado: 14		Total encontrado: 17 Total selecionado: 02	
	Total encontrado: 1707 Total selecionado: 19					

Quadro 5.1 – Quantitativo (n) dos artigos encontrados (E) e selecionados (S) após revisão integrativa por base de dados. Ijuí, RS, 2017.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Foram excluídos 1.661 artigos, por duplicidade ou por não se referirem à temática do estudo. Quanto aos critérios de elegibilidade, dos 46 artigos foram excluídos 27, que não responderam à questão elencada. Em síntese, constituíram a revisão 19 artigos (Figura 5.1).

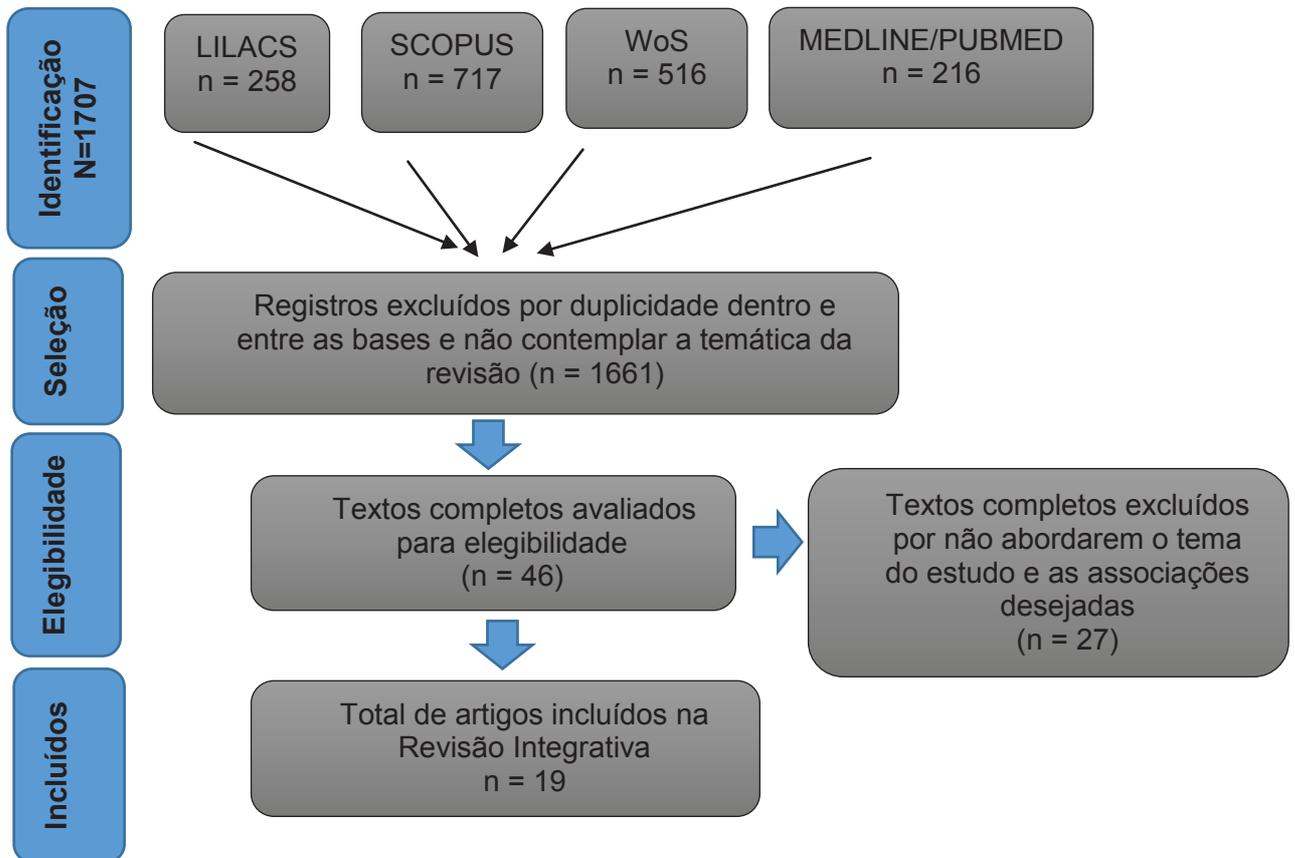


Figura 5.1 – Diagrama da seleção de artigos para revisão integrativa. Ijuí, 2017.
Fonte: Autores.

Dos 19 artigos que integraram a amostra, 17 (89,4%) estavam no idioma inglês e 2 (10,6%) em português. O periódico com maior número de publicações foi *The International Journal of Occupational and Environmental Medicine*, com 2 artigos (10,5%). Com relação ao ano de publicação, 2012 e 2013 foram os mais prevalentes, compreendendo uma amostra de 8 (42,1%) artigos. Em relação à origem dos estudos, ocorreram pesquisas em diversos países do mundo, mas prevaleceu o Brasil com 4 (21 %) Com relação a descrição dos estudos 9 (47,3%) com delineamento transversal.

O Quadro 5.2 apresenta os artigos analisados nos resultados e discussão do estudo.

AUTOR/ANO	TÍTULO/PAÍS	TIPO ESTUDO	POPULAÇÃO	RESULTADOS
Neveu, 2007.	Jailed resources: Conservation of resources theory as applied to burnout among prison guards (França)	Descritivo	Oficiais Correcionais	Realização pessoal menos relacionada ao esgotamento de recursos e a EE é mais relacionada ao absenteísmo e à depressão.
Lambert, Hogan, Altheimer, Jiang, Stevenson, 2010.	The Relationship Between Burnout and Support for Punishment and Treatment: A Preliminary Examination (USA)	Transversal	Funcionários da prisões	DE positivamente relacionada ao apoio à punição e negativamente relacionada ao apoio ao tratamento.
Bonez, Dal Moro, Sehnem, 2012	Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense (Brasil)	Qualiquantitativa Descritiva.	Agentes Penitenciários	Saúde mental relativamente boas, pelo baixo tempo de serviço.
Lemmergaard, Muhr, 2012.	Golfing with a murderer-Professional indifference and identity work in a Danish prison (Dinamarca)	Qualitativa Estudo de caso	Oficiais correcionais	Indiferença profissional permite que os oficiais lidem com a contradição entre envolvimento e desidentificação.
Palazzo, Carlotto, Aerts, 2012	Síndrome de Burnout: estudo de base populacional com servidores do setor público (Brasil)	Transversal	Servidores públicos municipais	Percepção sobre ambiente de trabalho tem importante papel como preditor da síndrome de <i>Burnout</i> .
Pranjic, Nuhbegovic, Lazarevic, Kurtic, 2012.	Is Adrenal Exhaustion Synonym of Syndrome Burnout at Workplace? (Bósnia e Herzegovina)	Caso controle	Servidores	Sofrem de esgotamento da SB e fadiga adrenal.
Boudoukha, Altintas, Rusinek, Hauwel, Hautekeete, 2013.	Inmates-to-Staff Assaults, PTSD and Burnout: Profiles of Risk and Vulnerability (França)	Observacional Transversal	Funcionários correcionais	Níveis elevados de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, <i>burnout</i> e estresse.
Gould, Watson, Price, Valliant, 2013.	The Relationship Between Burnout and Coping in Adult and Young Offender Center Correctional Officers: An Exploratory Investigation (Canadá)	Transversal Exploratório	Agentes de prisão	Altos níveis de estresse ocupacional e <i>burnout</i> são dispendiosos para os serviços correcionais e seus funcionários

Harizanova, Tarnovska, 2013.	Professional burnout syndrome among correctional facility Officers (Bulgária)	Descritivo	Funcionários da prisão	Alta prevalência de SB.
Tschiedel, Monteiro, 2013.	Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança Penitenciária (Brasil)	Qualitativo Descritivo	Agentes Penitenciárias	Prazer: gostar do que faz, salário e escala. Sofrimento: revista íntima, condições precárias e relações entre pares.
Akbari, Akbari, Farasati, Mahaki, 2014.	Job Stress among Iranian Prison Employees (Irã)	Transversal	Funcionários das prisões	Expostos a alto nível de estresse ocupacional.
Mendes, Claro, Robazzi, 2014.	Burnout in nurses working in Portuguese central prisons and type of employment contract (Portugal)	Quantitativo Descritivo Correlacional	Enfermeiras de prisões	Enfermeiras que trabalham nas prisões têm níveis de <i>burnout</i> mais elevados do que os enfermeiros em geral.
Hu, Wang, Liu, Wu, Yang, Wang, Wang, 2015.	The association between work-related characteristic and job burnout among Chinese correctional officers: a cross-sectional survey (China)	Quantitativo Transversal	Agentes chineses	Nível um pouco maior de <i>burnout</i> no trabalho, afetado pelo estresse no trabalho.
Viotti, 2015.	Work-related stress among correctional officers: A qualitative study (Itália)	Qualitativo	Agentes Penitenciários	Alto risco de estresse pela convivência com os internos.
Molleda, Muñiz, Fresno, Cordero, Díaz, 2015.	Influencia del síndrome de burnout en la salud de los trabajadores penitenciários (Espanha)	Quantitativo Exploratório Descritivo Interpretativo	Trabalhadores estabelecimentos penitenciários	EE e DP maiores nas Unidades Terapêuticas Não Educativas. Realização pessoal maior nos módulos de Unidade Terapêutica Educativa.
Campos, Schneider, Bonafé, Oliveira, Maroco, 2016.	Burnout Syndrome and alcohol consumption in prison employees (Brasil)	Qualitativo Observacional Transversal	Funcionários penitenciários	Religião fator protetor. Indivíduos que consomem álcool mais afetados pelas dimensões da SB.
Ho, Sing, Fong, Au-Yeung, Kit Law, Lee, Man, 2016	Underlying spirituality and mental health: the role of burnout (Hong Kong)	Transversal Descritivo	Profissionais da saúde	Prática espiritual diária fator de proteção da SB.
Stoyanova, Harizanova, 2016.	Assessment of the Personal Losses Suffered by Correctional Officers due to Burnout Syndrome (Bulgária)	Quantitativo Transversal Não intervencionista	Agentes de prisão	Alto nível de burnout tem efeito econômico pessoal negativo em funcionários da prisão.
Kinman, Clements, Hart, 2017.	Working Conditions, Work–Life Conflict, and Well-Being in	Transversal	Trabalhadores de prisões	Dificuldades para equilibrar as demandas de seu trabalho com sua

	U.K. Prison Officers (Reino Unido)			vida pessoal
--	---------------------------------------	--	--	--------------

Quadro 5.2 – Quadro sinóptico dos artigos científicos incluídos na amostra. Ijuí, 2017

DISCUSSÃO

Após a leitura e análise do conteúdo dos 19 artigos elencados, emergiram três categorias: Sintomas físicos, emocionais e fatores desencadeadores de estresse e SB; Mecanismos protetores e de enfrentamento ao estresse utilizados por trabalhadores do sistema prisional; e repercussões de *burnout* nos trabalhadores do cárcere. As mesmas são apresentadas e discutidas, sequencialmente.

CATEGORIA I: SINTOMAS FÍSICOS, EMOCIONAIS E FATORES DESENCADEADORES DE ESTRESSE E DA SÍNDROME DE *BURNOUT*

Os profissionais da segurança penitenciária desempenham função de alto risco, pelo contato direto com os detentos e expostos a diversas situações de estresse. A ansiedade causada pelo fato de o Agente Penitenciário estar diariamente submetido a situações de pressão e desconforto, desvalorização ou falta de reconhecimento da população em geral sobre o seu papel social e sobrecarga de atividades contribui para o desencadeamento de sintomas emocionais e físicos. O corpo torna-se alvo de todos os sofrimentos, evolui para uma degradação da integridade física e psíquica (BONEZ; MORO; SEHNEM, 2013).

Stoyanova e Harizanova (2016), em estudo transversal com 201 agentes de duas prisões búlgaras, evidenciaram que os participantes apresentaram ansiedade e depressão nos últimos seis meses (33,8%), insônia (30,9%), ganho ou perda de peso (29,4%), dores de cabeça frequentes (23,9%), aumento da autocrítica (23,9%), aumento da irritabilidade (22,4%), distúrbios gastrointestinais (16,4%) e falta de ar (10%). De todos esses sintomas, mais de três deles ocorreram simultaneamente em 50% (n = 71) dos agentes seniores e 45% (n = 20) dos responsáveis pela prisão. Os autores afirmam que as emoções cronicamente estressantes relacionadas à insatisfação no trabalho, alienação e *burnout* foram associadas à depressão, sintomas psicossomáticos, outros sintomas e doenças com essas relações em psicologia organizacional.

Neveu (2007), em pesquisa com 707 agentes prisionais franceses, idade de 22 a 57 anos, 87% homens, mostrou que, entre as dimensões de *burnout*, a realização pessoal é menos relacionada ao esgotamento de recursos, e o esgotamento emocional, ao absenteísmo e à depressão.

Kinman, Clements e Hart (2017), em estudo com 1.682 trabalhadores de prisões no Reino Unido, evidenciaram que os participantes eram predominantemente brancos britânicos (97%), faixa etária de 20 a 67 anos. Os autores constataram alto nível nos três tipos de conflitos *trabalho-vida*, entre eles: 1. Conflito baseado em tempo: os problemas particulares foram destacados, o tempo gasto no trabalho reduz as oportunidades para que os agentes relaxem e se envolvam na vida familiar e atividades de lazer; 2. Conflito baseado em deformação: também eram comuns os sentimentos de ansiedade ou irritabilidade desencadeados pelo papel do trabalho, com impacto prejudicial na vida pessoal; 3. Conflito baseado em comportamento: os comportamentos que se esperam dos agentes da prisão não são, necessariamente, favoráveis a uma vida pessoal satisfatória. Os autores afirmam que conflitos baseados no tempo, tensão, longas horas, alta carga e rápido ritmo de trabalho são reações comuns e estavam relacionados às experiências pessoais de agressão dos prisioneiros e que resultaram em esgotamento emocional.

Harizanova e Tarnovska (2013) em investigação com 106 funcionários de prisão da Bulgária afirmaram que os eventos psicotraumáticos predominaram em divorciados (mais de 50%) em comparação com indivíduos casados. O sentimento de ansiedade e depressão dependiam do tempo de serviço na prisão, entre os funcionários que tinham até 5 anos de experiência na prisão a depressão não era relevante (61,11%), porém 38,89% apresentavam ansiedade. A economia das emoções predominou nos trabalhadores divorciados (66,67%) e o déficit emocional nos oficiais solteiros foi de 100%, enquanto nos divorciados de 50%. O ponto final do estresse é a sensação de frustração com o próprio trabalho e consigo mesmo, o sentimento de ansiedade e depressão prevalece. Nesse contexto, o tempo de serviço influencia no aparecimento de sintomas psicológicos e físicos de estresse (BONEZ; MORO; SEHNEM, 2013). Os autores afirmam em estudo com 19 Agentes Penitenciários em Unidade Prisional de Santa Catarina que os resultados divergem, pois 100% dos participantes não apresentaram desesperança, depressão, ideação

suicida. Constataram que 5,26% apresentaram grau mínimo de ansiedade e 31,57% se encontravam na fase de resistência do estresse.

Tschiedel e Monteiro (2013) em pesquisa com oito Agentes Penitenciários em um albergue feminino em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, evidenciaram que o cargo desencadeia situações que evoluem para sofrimento psíquico. Dentre as situações vivenciadas, elencaram: desmotivação, impotência pelas condições inadequadas de trabalho, falta de reconhecimento e qualidade de vida precária. Já outro estudo, de Viotti (2016), com 28 Agentes Penitenciários em prisão na Itália, constatou que a convivência com os presos foi considerada fator desencadeante de estresse por 100% dos participantes. O autor reforça a necessidade de os trabalhadores saberem gerenciar reações emocionais e comportamentos agressivos dos prisioneiros. Outra investigação, de Hu et al. (2015) em quatro prisões da China, com 1.769 agentes, concluiu que 25,9% sentiram-se ameaçados em seu local de trabalho.

Boudoukha et al. (2013), em estudo com 240 agentes penitenciários na França, relatam que eles apresentaram níveis elevados de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, *burnout* e estresse. Eles ressaltam que a constante ameaça de violência, agressão de presos aos participantes da pesquisa, produz enfraquecimento psicológico e estresse relacional, sintomas de estresse pós-traumático e *burnout*. Outro estudo de Pranjic et al. (2012) avaliou a associação de *burnout* com sintomas de exaustão adrenal em 116 pacientes expostos a estresse crônico, tratados de 2005 a 2008, no Departamento de Patologia Ocupacional e Toxicologia Tuzla, Bósnia e Herzegovina. Eles apresentaram todos os sintomas de exaustão adrenal, 95,3% dificuldade em se concentrar ou tomar decisão, 62,8% problemas de aprendizagem, 76,6% atitudes negativas e percepção deficiente, 77,9% reduziram ou perderam a autoestima, 95,3% apatia e exaustão, 77,9% depressão, 99% alto nível de exaustão emocional, 94,2% alto nível de despersonalização, 76,6% estresse traumático agudo e 52,3% falta de realização pessoal. Constataram também que o esgotamento emocional foi mais incidente entre as mulheres.

A análise das 19 produções científicas reafirma que os trabalhadores do sistema prisional atuam em um ambiente estressor, em constante ameaça de violência e que contribui para o adoecimento físico e psíquico. Sua missão é garantir

que o sujeito permaneça confinado, sob controle, e, para tanto, requer que ele tenha conhecimento e competências para gerenciar seus sentimentos e emoções e os das pessoas reclusas. Nesse contexto, o estresse emerge, com outros sintomas físicos e emocionais aliados aos danos, muitas vezes irreversíveis, aos trabalhadores do cárcere.

CATEGORIA II: ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS NO ENFRENTAMENTO AO ESTRESSE E *BURNOUT*, UTILIZADOS POR TRABALHADORES DO SISTEMA PRISIONAL

Na prisão, as emoções em condições de solidão são amplificadas pelos prisioneiros, aliadas as reações que se manifestam por meio de crises emocionais, rejeição de alimentos, cuidados ou recusa para entrar na cela, dentre outros. Além de lidar com essas emoções, os profissionais sentem medo pela sua própria segurança ou de perder o controle da situação (STOYANOVA; HARIZANOVA, 2016). Assim, eles utilizam estratégias defensivas, constroem mecanismos individuais ou coletivos para lidar com uma condição de trabalho que os faz sofrer depressão (NEVEU, 2006).

Kinman, Clements e Hart (2016), em estudo de caso com 04 agentes prisionais dinamarqueses, evidenciaram que o sistema prisional dinamarquês possui como premissa manter a normalidade, ou seja, a vida prisional deve se aproximar ao máximo das condições fora da prisão, para preparar o retorno dos presos à comunidade. Os autores pontuam que o foco na reabilitação requer que os agentes prisionais estabeleçam envolvimento pessoal com os detentos, "sair" com eles, jogar bilhar, participar de esportes e jogar golfe. Além disso, devem ajudá-los a lidar com as emoções e seus "remorsos" (ou falta deles) em longas sessões de diálogo. Concomitantemente, o profissional precisa estar alerta, em função da segurança tanto dele próprio como de seus colegas. Outro agente relata a necessidade de usar de ironia e humor, para tentar permanecer inalterado frente a fatos trágicos, como o suicídio. O humor ajuda a criar distância, isso não significa que o envolvimento emocional, necessariamente, diminua.

Para os funcionários, lidar com criminosos é parte do trabalho e, depois de um tempo, percebem que algum tipo de dor emocional é inevitável, porém não

podem deixar que afete sua vida pessoal, se isto ocorrer, não conseguirão mais trabalhar (LEMMERGAARD; MUHR, 2012). Os autores reportam que a indiferença profissional entre os agentes penitenciários não é, portanto, uma questão de desapego total, o uso do cinismo, ironia e humor são ferramentas valiosas para lidar com aspectos emocionais difíceis do trabalho. Sem indiferença profissional, os oficiais de prisão não conseguiriam se envolver na reabilitação de presos e lidar com as partes emocionalmente difíceis de seu trabalho.

O trabalho e a vida pessoal podem proteger os agentes da prisão do impacto negativo das demandas de trabalho em seu bem-estar. A capacidade de desligar psicologicamente de incidentes violentos é no intuito de proteger o equilíbrio entre trabalho, vida pessoal e bem-estar (HARIZANOVA; TARNOVSKA, 2013). Os autores afirmam que ruminar sobre incidentes violentos que ocorrem a si mesmo ou a seus colegas, ou se preocupar excessivamente com aqueles que podem acontecer no futuro pode ser um sinal de transtorno de estresse pós-traumático.

Ainda em relação ao enfrentamento ao estresse no ambiente de trabalho prisional, pesquisa de Campos et al. (2016), com 339 agentes penitenciários em duas prisões de São Paulo, constatou que 78,5% faziam uso de bebidas alcoólicas, 22,4% apresentavam comportamentos de risco em relação a estas e os homens fumantes se mostraram mais propensos a apresentar comportamentos de risco. Do mesmo modo, outro estudo de Stoyanova e Harizanova (2016) verificou que os participantes consumiram álcool quatro vezes por semana (11,0%), aumentaram sua ingestão no último ano (6,0%) e o volume variou entre 100 e 200 ml/dia. Os guardas e oficiais superiores informaram o uso de substâncias psicotrópicas para se recuperar após mudança de trabalho exaustiva (37,5%), eram tabagistas (44,3%), aumentaram o número de cigarros/dia no último ano de trabalho (11,9%) e apresentaram as três dimensões de *burnout* associadas, significativamente,

à ingestão de álcool e uso de psicotrópicos.

A prática religiosa pode se constituir em fator de proteção para os trabalhadores que atuam no cárcere. Nesse íterim, investigação com 312 profissionais de saúde de uma grande instituição de reabilitação mental em Hong Kong confirmou que a prática espiritual diária atuou como um fator protetor contra problemas relacionados à saúde mental, associada à diminuição dos níveis de ansiedade e *burnout* (HO et al., 2016). Outro estudo igualmente apontou que a

prática religiosa foi um fator de proteção significativo utilizado pelos participantes para a não ingestão da bebida alcoólica (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

Dentre os estudos que integraram essa revisão, destaca-se que os níveis de *burnout* dos trabalhadores do cárcere está diretamente relacionado ao número de atestados, consultas médicas/mês e medicamentos adquiridos pelos profissionais (STOYANOVA; HARIZANOVA, 2016). Os autores pontuam que o número médio de atestados nos trabalhadores sem *burnout* foi de cinco dias/ano; em participantes com baixos níveis de *burnout*, 12,5 dias/ano; e, em indivíduos com altos níveis da respectiva síndrome, foi de 29 dias/ano. Eles concluíram que participantes com alto nível de *burnout* tiveram 3,3% menos de renda anual comparados aos sem SB, baixa satisfação no trabalho, e eram menos comprometidos com organização.

Dentre as estratégias de enfrentamento utilizadas por trabalhadores do cárcere, destacam atividades de entretenimento (78,94%), descanso (57,89%), serviços gerais não remunerados (15,78%), trabalhos remunerados (10,52%) e estudo nos dias de folga (10,52%) (BONEZ; MORO; SEHNEM, 2013). Os trabalhadores necessitam de tempo e apoio adequados, treinamento para aprender a "desligar" das preocupações, desenvolver intervenções cuidadosamente orientadas para criar barreiras físicas e psicológicas mais efetivas entre o trabalho e a vida não profissional para facilitar o processo de desenrolamento (KINMAN; CLEMENTS; HART, 2016).

A partir da síntese dos estudos analisados, evidenciam-se inúmeras estratégias de enfrentamento ao estresse vivenciado no ambiente de trabalho, e muitas delas são utilizadas pelos trabalhadores do sistema prisional. Estas vão desde mecanismos defensivos, tais como indiferença, cinismo, ironia, humor, até família, religião, prática espiritual diária, entretenimento, descanso e outras atividades profissionais que possuem como intuito de melhor lidar com o sofrimento vivenciado no ambiente prisional. Avalia-se que todas as estratégias que os autores mencionaram podem, temporariamente, proteger os profissionais quanto ao adoecimento, porém requerem monitoramento e ações educacionais, apoio de diferentes profissionais da área da saúde com o objetivo de promover e manter a saúde e prevenir danos muitas vezes irreparáveis, como é o caso da SB, que incapacita o indivíduo de continuar trabalhando, com repercussões pessoais, familiares, organizacionais e na sociedade como um todo.

CATEGORIA III: REPERCUSSÕES DE *BURNOUT* EM TRABALHADORES DO CÁRCERE

O trabalhador penitenciário desempenha suas funções em um ambiente de risco, o que favorece a ocorrência da SB. Esta categoria trabalha em um ambiente único, de alto risco, com sistema de turnos, cumpre muitas horas extras e convive com o medo de contrair doenças incuráveis decorrentes do contato com os internos (HARIZANOVA; TARNOVSKA, 2013). Além disso, necessita controlar e garantir a segurança das pessoas que não estão dispostas a ser mantidas confinadas.

Gould et al. (2013) conduziram investigação sobre a prevalência de estratégias de *burnout* e enfrentamento usadas por 208 agentes penitenciários em 10 centros penitenciários da província de Alberta, Canadá. Os participantes apresentaram altos níveis de *burnout* nas dimensões de EE e DP, já na dimensão de incompetência profissional, foi médio. Os autores evidenciaram que os escores de DP foram significativamente maiores nos homens e que esses altos níveis de estresse ocupacional e *burnout* são dispendiosos para o sistema prisional, com consequências alarmantes para a saúde e segurança da equipe dentro das prisões.

Estudo búlgaro de Harizanova e Tarnovska (2013) constatou que 74,53% dos participantes apresentaram altos níveis de SB nas três dimensões, devido ao contato intenso com os prisioneiros. Quanto ao tempo de atuação dos participantes, os autores identificaram que os altos níveis de *burnout* ocorreram nos trabalhadores recém-nomeados, de um a três anos na instituição, e que o estresse prevalece em trabalhadores que assumem cargos de gestão. Outra investigação, com 160 funcionários de prisões dos Estados Unidos, mostrou que a DP foi a única dimensão do *burnout* que influenciou, significativamente, o apoio à punição e que esses profissionais podem ter uma tendência a distanciar-se dos presos, vê-los como criminosos; portanto, que precisam ser punidos (LAMBERT; HOGAN; ALTHEIMER, 2009).

Investigação de Mendes, Claro e Robazzi (2014) com 95 enfermeiras de prisões centrais portuguesas constatou que 31,57% apresentavam exaustão física, emocional e cinismo, e 6,32% incompetência profissional. Os autores afirmam que enfermeiras que trabalham nas prisões apresentam-se com níveis de *burnout* mais elevados do que os enfermeiros em geral, bem como altos níveis de exaustão física

e emocional. Já pesquisa, de Palazzo, Carlotto e Aerts (2012), com 879 servidores públicos municipais de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre-RS, evidenciou que a EE e o sentimento de desgaste elevou-se à medida que aumentou a percepção de que o trabalho era estressante, presença de grosserias e de pessoas que atrapalhavam o ambiente de trabalho. Os autores afirmam que a DP aumentou à medida que o servidor percebia o trabalho como estressante, com presença de calúnias, fofocas, grosserias, conflitos interpessoais e pessoas que atrapalhavam o ambiente de trabalho. Outro resultado importante refere-se a que os níveis de baixa realização pessoal foram menores entre aqueles que entravam em contato com o público.

Estudo transversal de Hu et al. (2015) mostrou níveis elevados de *burnout* e indicou que os agentes penitenciários que se comprometem com o trabalho apresentaram 5,5 vezes mais EE e 3,05 vezes DP com baixo comprometimento no trabalho. Os agentes penitenciários com altos salários apresentaram 4,02 vezes mais eficácia profissional do que os com baixo salário. O excesso de gratificação teve efeito positivo na eficácia profissional e os agentes penitenciários que percebiam maior ameaça eram mais propensos a altos níveis de EE e DP, e os do sexo masculino apresentaram maior nível de *burnout*, do mesmo modo que indicado em outra pesquisa (HO et al., 2016).

Igualmente, estudo de Boudoukha et al. (2013) com 240 funcionários de instituições prisionais francesas, evidenciou níveis de exaustão emocional e despersonalização elevados, enquanto os de realização pessoal e autoeficácia foram baixos. Estes resultados indicam que o *burnout* foi alto nessa amostra e pode ser visto como um fator de risco para transtorno de estresse pós-traumático. Outro estudo relacionou o consumo do álcool com a SB, os autores constataram que indivíduos que relataram consumo de álcool apresentaram maiores escores médios de exaustão emocional e cinismo, e menores de eficácia profissional, em comparação com indivíduos abstinentes (CAMPOS et al., 2016).

Os estudos analisados ratificam que os trabalhadores do sistema prisional apresentam altos níveis de SB, com repercussões na saúde física, psíquica e com comprometimento das relações interpessoais e da organização prisional. Além disso, dentre as consequências da SB, destaca-se o tratamento do detento com indiferença, distância, como objetos impessoais, apoio à punição, a não à

ressocialização, desencadeia conflitos e põe em risco a segurança das casas prisionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção desse estudo, verifica-se que, independentemente da cultura e dinâmica de funcionamento do sistema prisional de diversos países, muitas características se mantêm, tais como rotina de trabalho, ambiente isolado, monótono e com elevado grau de concentração e alerta. Por outro lado, ao mesmo tempo em que exigem dos trabalhadores atitudes de cuidado e de inserção com os prisioneiros, se faz indispensável priorizar a segurança, o que pode contribuir para a ocorrência de sentimentos e atitudes ambivalentes.

Com base nos resultados das investigações selecionadas, constata-se que os trabalhadores do cárcere vivenciam o estresse e apresentam SB em percentuais elevados. Estes compreendem sintomas físicos, emocionais, aliados a danos, muitas vezes irreversíveis. Neste contexto, emerge a necessidade de preparar trabalhadores e gestores com conhecimentos sobre estresse, SB e estratégias de enfrentamento para lidar com ele. Dentre os mecanismos de enfrentamento mais citados, estão família, prática espiritual diária, religião, atividades de entretenimento, descanso e outros trabalhos como fatores de proteção e fonte de recursos emocionais.

A análise das publicações em periódicos nacionais e internacionais sobre estresse e *burnout* em trabalhadores do sistema prisional manifesta que ambos necessitam de ampliação de conhecimentos da equipe e gestores por meio de ações educacionais periódicas com vistas a um melhor enfrentamento de estresse ocupacional, manutenção da saúde desta população e prevenção da SB.

Referências

BEZERRA, Cláudia de Magalhães; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patricia. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 7, p.2135-2146, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n7/1413-8123-csc-21-07-2135.pdf> >. Acesso em: 04 de ago. de 2017.

BONEZ, Aline; MORO, Elisamara dal; SEHNEM, Scheila Beatriz. Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense. **Psicologia Argumento**, [s.l.], v. 31, n. 400, p. 507-517, 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=12241&dd99=view&dd98=pb>>.

Acesso em: 10 de ago. de 2017.

BOUDOUKHA, Abdel Halim et al. Inmates-to-Staff Assaults, PTSD and Burnout. **Journal Of Interpersonal Violence**, [s.l.], v. 28, n. 11, p. 2332-2350, 11 fev. 2013. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0886260512475314>>.

Acesso em: 24 set. 2017

BRASIL. Decreto nº 6.042, de 12 de fevereiro de 2007. Altera o Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999, disciplina a aplicação, acompanhamento e avaliação do Fator Acidentário de Prevenção - FAP e do Nexo Técnico Epidemiológico, e dá outras providências. **Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil]**. 2007 fev 13; 144 (31 Seção 1): 2-20.

BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, 2001. p. 580. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 114).

BRINGAS-MOLLEDA, C. et al. Influence of burnout on the health of prison workers. **Revista Española de Sanidad Penitenciaria**, [s.l.], v. 17, n. 3, p. 67-73, fev. 2015. Disponível em: <<http://europepmc.org/abstract/med/26501588>>. Acesso em: 30 set. 2017.

CAMPOS, Isabella Cristina Moraes et al. Fatores Sociodemográficos e Ocupacionais Associados à Síndrome de Burnout em Profissionais de Enfermagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 28, n. 4, p. 764-771, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v28n4/0102-7972-prc-28-04-00764>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

CAMPOS, Juliana Alvares Duarte Bonini et al. Burnout Syndrome and alcohol consumption in prison employees. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 205-216, mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2016000100205>. Acesso em: 20 de ago. de 2017.

GOULD, Drew D. et al. The relationship between burnout and coping in adult and young offender center correctional officers: An exploratory investigation. **Psychological Services**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 37-47, 2013. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/record/2012-23381-001>>. Acesso em: 9 set. 2017.

HARIZANOVA, Stanislava; TARNOVSKA, Tanya. Professional burnout syndrome among correctional facility officers. **Folia Medica**, Plovdiv, v. 2, n. 55, p.73-79, Apr./June 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24191402>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

HO, Rainbow Tin Hung et al. Underlying spirituality and mental health: the role of burnout. **Journal Of Occupational Health**, [s.l.], v. 58, n. 1, p. 66-71, 2016. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/joh/58/1/58_15-0142-OA/pdf>. Acesso em: 5 out. 2017.

HU, S. et al. The association between work-related characteristic and job burnout among Chinese correctional officers: a cross-sectional survey. **Public Health**, [s.l.], v. 129, n. 9, p. 1172-1178, set. 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0033350615002048>>. Acesso em: 27 out. 2017.

KINMAN, Gail; CLEMENTS, Andrew James; HART, Jacqui. Working Conditions, Work–Life Conflict, and Well-Being in U.K. Prison Officers. **Criminal Justice And Behavior**, [s.l.], v. 44, n. 2, p. 226-239, 24 set. 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0093854816664923>>. Acesso em: 17 out. 2017.

LACERDA, Maria Ribeiro; COSTENARO, Regina Gema Santini. Metodologias da pesquisa para Enfermagem e Saúde: da teoria à prática. 1.ed. Porto Alegre: Moriá; 2016. 511 p.

LAMBERT, Eric G.; HOGAN, Nancy L.; ALTHEIMER, Irshad. The Relationship Between Burnout and Support for Punishment and Treatment: A Preliminary Examination. **International Journal Of Offender Therapy And Comparative Criminology**, [s.l.], v. 54, n. 6, p. 1004-1022, 30 set. 2009. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306624X09348585>>. Acesso em: 26 out. 2017.

LEMMERGAARD, Jeanette; MUHR, Sara Louise. Golfing with a murderer—Professional indifference and identity work in a Danish prison. **Scandinavian Journal Of Management**, [s.l.], v. 28, n. 2, p. 185-195, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S095652211100087X>>. Acesso em: 30 set. 2017.

MASLACH, Christina; LEITER, Michael P.. Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. **World Psychiatry**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 103-111, jun. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27265691>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MENDES, Aida Maria de Oliveira Cruz; CLARO, Margarida; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. Burnout in nurses working in portuguese central prisons and type of employment contract. **Med Lav**, v. 105, n. 3, p. 214-222, mai. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/cinti/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8b/bwe/TempState/Downloads/Publicacao.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.

NEVEU, Jean-Pierre. Jailed resources: conservation of resources theory as applied to burnout among prison guards. **J. Organ. Behav.** v. 28, n. 1, p. 21-42, set. 2007. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.393/full>>. Acesso em: 23 set. 2017.

PALAZZO, Lílian dos Santos; CARLOTTO, Mary Sandra; AERTS, Denise Rangel Ganzo de Castro. Síndrome de Burnout: estudo de base populacional com servidores do setor público. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 46, n. 6, p. 1066-1073, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000600017>. Acesso em: 16 set. 2017

PRANJIC, N et al. Is adrenal exhaustion synonym of syndrome burnout at workplace? **Coll Antropol**, v. 36, n. 3, p. 911-9, set. 2012. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23213952>>. Acesso em: 10 set. 2017.

SANTOS, Cristina Mamédio da Costa; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce. The PICO strategy for the research question construction and evidence search. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 15, n. 3, p. 508-511, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692007000300023&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 ago. 2017.

SILVEIRA, Stelyus Leônidas Mariano; CÂMARA, Sheila Gonçalves; AMAZARRAY, Mayte Raya. Preditores da Síndrome de Burnout em profissionais da saúde na atenção básica de Porto Alegre/RS. **Cadernos Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 22, n. 4, p. 386-392, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v22n4/1414-462X-cadsc-22-04-00386.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

STOYANOVA, Rg; HARIZANOVA, Sn. Assessment of the Personal Losses Suffered by Correctional Officers due to Burnout Syndrome. **The International Journal Of Occupational And Environmental Medicine**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 33-41, 1 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26772596>>. Acesso em: 29 set. 2017.

TSCHIEDEL, Rubia Minuzzi; MONTEIRO, Janine Kieling. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 3, n. 18, p. 527-535, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/352379601/Prazer-e-Sofrimento-Na-Trab-Agentes>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

VIOTTI, Sara. Work-related stress among correctional officers: A qualitative study. **Work**, [s.l.], v. 53, n. 4, p. 871-884, 25 jan. 2016. Disponível em: <<https://iris.unito.it/retrieve/handle/2318/1598195/226361/VIOTTI%202016%20WOK.pdf>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

6 MANUSCRITO III – Estresse ocupacional e relação com variáveis sociodemográficas em servidores penitenciários, publicado na International Journal for Innovation Education and Research, ISSN: 2411-2933, Estrato: A2; Área de Avaliação: Interdisciplinar.

ESTRESSE OCUPACIONAL E RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS EM SERVIDORES PENITENCIÁRIOS

RESUMO

A prisão é uma realidade na vida de todas as pessoas. Diante disso, trabalhar no sistema prisional requer, além do conhecimento técnico e científico, capacidade de gerenciamento das emoções e habilidade para enfrentamento ao estresse vivenciado, de maneira a manter a saúde física, psíquica e qualidade dos serviços prestados às pessoas privadas de liberdade. **Objetivo:** analisar o estresse ocupacional de servidores penitenciários e correlacioná-lo com variáveis sociodemográficas. **Metodologia:** estudo transversal e analítico, com 254 trabalhadores do sistema prisional da 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Para coleta de dados foi utilizado formulário de caracterização sociodemográfico, ocupacional e Escala de Estresse no Trabalho. **Resultados:** Entre os participantes, 52,4% do sexo masculino, 72,4% casados/companheiro, média de idade 41,62 anos, 55,9% apresentaram intensidade de estresse moderado e 2,8% da amostra estava em alto nível de estresse. **Conclusões:** Esses resultados são merecedores de atenção e de ações de planejamento e intervenções que contribuam na redução do estresse e manutenção da saúde física e psíquica desses trabalhadores.

Palavras-chaves: Esgotamento profissional. Prisões. Trabalhadores.

INTRODUÇÃO

A prisão é uma realidade na vida das pessoas, direta ou indiretamente, reflete as desigualdades sociais, é considerado instrumento de exclusão social e a serviço de uma classe dominante (MADRID; PRADO, 2014). Os autores consideram grave e triste a situação das Pessoas Privadas de Liberdade (PPL) que vivem no Brasil, em presídios superlotados, ociosas e sem garantia dos direitos fundamentais. Aliado a esta reflexão, o relatório da Organização das Nações Unidas (2016) descreve o sistema carcerário brasileiro como cruel, desumano, degradante, violador de direitos

humanos e em desacordo com as normas nacionais e internacionais (BRITO; DAUDÉN, 2015).

O Brasil conta com a quarta maior população penitenciária do mundo (622.202), no ranking liderado por Estados Unidos (2.217.000), China (1.657.812) e Rússia (644.237). O contingente carcerário cresceu mais de 575% nos últimos 25 anos; diante desta demanda, o país necessitaria aumentar cerca de 373.991 vagas em prisões (BRASIL, 2015). Nesse contexto, o caos das prisões necessita ser administrado, e essa tarefa é dos servidores penitenciários. A Organização Internacional do Trabalho (2008) considera a profissão de Agente Penitenciário como uma das mais antigas da humanidade, e a segunda mais perigosa do mundo. Essa conjuntura contribui para o sofrimento dos profissionais, a ocorrência de estresse ocupacional e os predispõe ao adoecimento físico e psíquico dele decorrente.

O estresse ocupacional é um processo em que o sujeito percebe demandas do trabalho como estressores, quando excedem sua habilidade de enfrentamento (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Com relação ao servidor penitenciário, os níveis de estresse são altos, principalmente quando não dispõem de recursos necessários para desempenhar suas funções, como falta de pessoal, inadequação ou deficiência de equipamentos (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016). Os profissionais estão submetidos a um trabalho que desencadeia fadiga física e mental, risco de doenças infecciosas, turnos desgastantes, aliados à remuneração inadequada (HARIZANOVA; TARNOVSKA, 2013). Outro estressor, citado pelos trabalhadores, é a invisibilidade de sua profissão perante a sociedade, mesmo em um país no qual a população carcerária aumenta vertiginosamente e as suas condições de trabalho se mantêm precárias (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

O estresse está intimamente relacionado à capacidade de adaptação dos seres humanos diante das adversidades e mudanças (FARO; PEREIRA, 2013). É um processo inerente ao ser humano, porém com respostas subjetivas as quais divergem de pessoa para pessoa (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016). Nesse ínterim, a atenção à saúde mental dos servidores penitenciários beneficia a eles, à família, aos detentos e à sociedade como um todo (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016). Diante disso, ressalta-se a importância dos trabalhadores conhecerem sobre estresse, sinais e sintomas, físicos e emocionais, de maneira a

possibilitar o uso de estratégias de enfrentamento efetivas a fim de preservar sua saúde e evitar danos.

A partir dessas considerações, objetiva-se com esse estudo analisar o estresse ocupacional de servidores penitenciários e correlacioná-lo com variáveis sociodemográficas.

METODOLOGIA

Esse estudo integra a dissertação de mestrado intitulada “Estresse e síndrome de *burnout* em servidores penitenciários”.

Trata-se de um estudo transversal e analítico. Participaram da pesquisa trabalhadores que atenderam aos critérios de inclusão, a saber: ser trabalhador penitenciário concursado ativo, pertencer ao quadro da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), lotado na 3ª Região Penitenciária e aceitar participar voluntariamente da pesquisa. Foram excluídos servidores com dificuldade de compreensão das questões que integravam os instrumentos de coletas de dados.

A população alvo era 381 trabalhadores do sistema prisional, adscritos à 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul (RS) que integram as categorias profissionais: Agentes Penitenciários, Agentes Penitenciários Administrativos e Técnicos Superiores Penitenciários. No período de coleta de dados, 88 servidores não foram encontrados nas casas prisionais, 11 gozavam de licença prêmio, nove estavam afastados por motivos de saúde, sete em férias, cinco se recusaram a participar, três estavam afastados pela Procuradoria Geral do Estado, um era cedido para o sindicato e uma estava em licença gestante. Dessa forma, participaram do estudo 254 trabalhadores.

Os dados foram coletados por meio da utilização de um protocolo composto por formulário de caracterização sociodemográfica e ocupacional e pela Escala de Estresse no Trabalho – EET (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). O formulário foi elaborado pela pesquisadora e contemplou as seguintes variáveis: sexo, estado civil, escolaridade, cargo, tempo de atuação na Susepe, classe ocupacional, local de residência, carga horária, opção por atuar no sistema prisional. Na questão referente aos motivos que levaram o trabalhador a optar por ser servidor penitenciário, permitiu-se o uso de múltiplas respostas.

Para avaliar o estresse ocupacional foi empregada a EET, que é uma escala de estresse ocupacional geral, unifatorial, composta por 23 situações, sendo que cada uma aborda tanto um estressor quanto uma reação a ele (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Cada item do instrumento oferece opções de resposta com valores variáveis de um a cinco, em escala tipo Likert: um – “discordo totalmente”, dois – “discordo”, três – “concordo em parte”, quatro - “concordo”, e cinco – “concordo totalmente”. A classificação dos participantes ocorreu pela soma das pontuações atribuídas aos itens da escala, após, o valor foi dividido pelo número de itens e chegou-se à obtenção da média individual. Os participantes foram classificados quanto à intensidade de estresse: “baixo estresse” – 1,00 a 2,00; “moderado estresse” – 2,01 a 4,00 e “alto estresse” – 4,01 a 5,00.

Os dados da pesquisa foram registrados e organizados no programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 15.0. Foi utilizada estatística descritiva (limite superior e inferior, *range*, média, desvio padrão, coeficiente de variação), ANOVA e intervalo de confiança de 95%. Na confiabilidade interna da EET, encontrou-se um alfa de Cronbach de 0,942 para os 23 itens, o que atesta a confiabilidade do instrumento para essa população.

Foram respeitados os aspectos éticos que regem pesquisas com seres humanos. O projeto, após consentimento do Comitê de Ética da Escola Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIJUÍ (parecer nº 1.948.910, CAAE nº 63136916.6.0000.5350). Os participantes que aceitaram integrarem-se à pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias.

RESULTADOS

Quanto à caracterização sociodemográfica dos 254 participantes da pesquisa, constatou-se que 133 (52,4%) eram do sexo masculino, 184 (72,4%) casados ou com companheiro. No que se refere à escolaridade, 1 (0,4%) dos trabalhadores possui ensino fundamental, 2 (0,8%) ensino médio incompleto, 98 (38,6%) ensino médio completo, 96 (37,8%) nível superior, 50 (19,7%) especialização, 6 (2,4%) mestrado e 1 (0,4%) tem doutorado.

No que concerne à idade verificou-se que 94 (37%) tinham menos de 40 anos, 126 (49,6%) de 40 e 50 anos e 34 (13,4%) mais de 50 anos. Também se identificou que o limite inferior da idade foi de 23 anos, o superior de 59 anos e a média de idade $41,62 \pm 7,20$ anos.

Quanto ao município de residência, 167 (65,7%) trabalhadores residem na cidade onde estão lotados. O que motivou os participantes a serem servidores públicos foi (50%) pelos benefícios do concurso público, (50%) estabilidade, (17,3%) salário, (15%) por opção e (6%) por falta de outra oportunidade.

Dos participantes da pesquisa, 198 (78%) eram Agentes Penitenciários, 22 (8,7%) Agentes Penitenciários Administrativos e 34 (13,4%) Técnicos Superiores Penitenciários. Quanto ao tempo de atuação, averiguou-se que 147 (57,9%) trabalhavam no serviço há menos de 10 anos, 61 (24%) de 10 a 15 anos incompletos e 46 (18,1%) há 15 anos ou mais. Dentre os participantes, 92 (36,2%) integravam a classe B, a qual incluía o maior número de trabalhadores; 172 (67,7%) cumpriam sua carga horária em forma de plantões e 209 (82,3%) deles atuavam exclusivamente na SUSEPE. Com relação a horas de sono ininterruptas na noite anterior, a média foi $5,56 \pm 2,24$, com um coeficiente de variação de 40,29%, o que revela variabilidade nas horas ininterruptas de sono.

Sequencialmente, a Tabela 6.1 apresenta a classificação dos trabalhadores quanto à intensidade do estresse ocupacional, verificada por meio da EET.

Tabela 6.1 – Classificação da intensidade do estresse ocupacional dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017

EET	N	%	Li; Ls	Média	Desvio padrão
Baixo Estresse	105	41,3	1,00; 2,00	1,55	0,30
Moderado Estresse	142	55,9	2,04; 3,91	2,73	0,50
Alto Estresse	7	2,8	4,09; 4,61	4,27	0,19

Baixo Estresse = 1,00 a 2,00; Moderado Estresse = 2,01 a 4,00; Alto Estresse = 4,01 a 5,00.
Fonte: Dados da pesquisa, 2017

A Tabela 6.2 mostra a classificação da intensidade de estresse dos participantes da pesquisa conforme sexo, estado civil, escolaridade, idade, município de residência e motivo de ser servidor penitenciário.

Tabela 6.2 – Classificação da intensidade do estresse conforme características sócio-demográficas de trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017

Variáveis Sócio-demográficas		Baixo Estresse N(%)	Moderado Estresse N(%)	Alto Estresse N(%)	Total N(%)
Sexo	Masculino	58(22,8)	72(28,3)	3(1,2)	133(52,4)
	Feminino	47(18,5)	70(27,6)	4(1,6)	121(47,6)
Estado Civil	Solteiro	14(5,5)	27(10,6)	-	41(16,1)
	Casado/Companheira	76(29,9)	102(40,2)	6(2,4)	184(72,4)
	Separado	11(4,3)	11(4,3)	1(0,4)	23(9,1)
	Viúvo	2(0,8)	1(0,4)	-	3(1,2)
	Outra	2(0,8)	1(0,4)	-	3(1,2)
Escolaridade	Nível fundamental	1(0,4)	-	-	1(0,4)
	Nível médio incompleto	-	2(0,8)	-	2(0,8)
	Nível médio completo	42(16,5)	54(21,3)	2(0,8)	98(38,6)
	Superior	40(15,7)	54(21,3)	2(0,8)	96(37,8)
	Especialização	21(8,3)	26(10,2)	3(1,2)	50(19,7)
	Mestrado	1(0,4)	5(2,0)	-	6(2,4)
	Doutorado	-	1(0,4)	-	1(0,4)
Idade	Menos de 40 anos	39(15,4)	52(20,5)	3(1,2)	94(37,0)
	40 a 50 anos	51(20,1)	71(28,0)	4(1,6)	126(49,6)
	Mais de 50 anos	15(5,9)	19(7,5)	-	34(13,4)
Reside na cidade na qual está lotado	Sim	65(25,6)	96(37,8)	6(2,4)	167(65,7)
	Não	40(15,7)	46(18,1)	1(0,4)	87(34,3)
Motivou a ser um servidor penitenciário	Concurso público	51(20,1)	74(29,1)	2(0,8)	127(50,0)
	Estabilidade	37(14,6)	48(18,9)	3(1,2)	88(34,6)
	Salário	4(1,6)	5(2,0)	1(0,4)	10(3,9)
	Falta de oportunidades	-	2(0,8)	1(0,4)	3(1,2)
	Por opção	13(5,1)	13(5,1)	-	26(10,2)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Com relação à classe a que os trabalhadores pertencem, verifica-se que os níveis mais elevados de estresse foram da classe B, “Moderado, Baixo e Alto estresse” respectivamente, e diverge das demais classes em percentuais menores e aproximados.

A Tabela 6.3 apresenta a classificação da intensidade do estresse conforme características funcionais dos participantes.

Tabela 6.3 – Classificação da intensidade do estresse conforme características funcionais dos participantes que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017

		Baixo Estresse N(%)	Moderado Estresse N(%)	Alto Estresse N(%)	Total N(%)
Cargo	Ag. Penitenciário	91(35,8)	101(39,8)	6(2,4)	198(78,0)
	Ag. Penitenciário Adm.	7(2,8)	15(5,9)	-	22(8,7)
	Técnico Sup. Penitenciário	7(2,8)	26(10,2)	1(0,4)	34(13,4)
Anos de atuação no sistema prisional	0 --- 5 anos	24(9,4)	24(9,4)	-	48(18,9)
	5 --- 10 anos	39(15,4)	57(22,4)	3(1,2)	99(39,0)
	10 --- 15 anos	23(9,1)	37(14,6)	1(0,4)	61(24,0)
	15 --- 20 anos	6(2,4)	7(2,8)	1(0,4)	14(5,5)
	20 --- 25 anos 25 anos ou mais	7(2,8) 6(2,4)	15(5,9) 2(0,8)	1(,4) 1(0,4)	23(9,1) 9(3,5)
Classe	A	23(9,1)	25(9,8)	1(0,4)	49(19,3)
	B	35(13,8)	55(21,7)	2(0,8)	92(36,2)
	C	18(7,1)	26(10,2)	2(0,8)	46(18,1)
	D	20(7,9)	28(11,0)	2(0,8)	50(19,7)
	E	9(3,5)	8(3,1)	-	17(6,7)
Cumpre carga horária	Plantonista	77(30,3)	90(35,4)	5(2,0)	172(67,7)
	Expediente	28(11,0)	52(20,5)	2(0,8)	82(32,3)
Exerce outra função*	Sim	19(7,5)	23(9,1)	2(0,8)	44(17,4)
	Não	85(33,6)	119(47,0)	5(2,0)	209(82,6)

* Um entrevistado não respondeu Ag = Agente

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

A seguir, na Tabela 6.4 estão explicitadas as variáveis idade, horas de trabalho e ininterruptas de sono, segundo a EET. Esta demonstra que frente aos resultados apresentados anteriormente a idade, horas de trabalho, bem como as horas ininterruptas da noite anterior não demonstram diferença significativa entre a média destas variáveis em cada uma das categorias de níveis de estresse. Também, a referida tabela apresenta o intervalo de confiança (95%) em cada uma das categorias divididas pelo nível de estresse.

Tabela 6.4 – Estatística descritiva, ANOVA e Intervalo de Confiança da idade, horas de trabalho e horas ininterruptas na noite anterior, segundo a Escala de Estresse no Trabalhador (EET) dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017

	Nível de Estresse	Li	Ls	Média	Desvio Padrão	CV %	ANOVA p-valor	Intervalo de confiança-95%	
								Li	Ls
Idade	Baixo Estresse	25,0	58,0	41,75	7,02	16,82	0,964	40,39	43,11
	Moderado Estresse	23,0	59,0	41,51	7,46	17,97		40,28	42,75
	Alto Estresse	36,0	49,0	41,86	4,60	10,98		37,60	46,11
Horas no Trabalho	Baixo Estresse	0,0	36,0	7,58	9,36	123,40	0,979	5,77	9,39
	Moderado Estresse	0,0	60,0	7,66	10,38	135,61		5,93	9,39
	Alto Estresse	0,1	24,0	6,87	8,06	117,44		-0,59	14,32
Horas ininterruptas na noite anterior	Baixo Estresse	0,0	19,0	5,86	2,39	40,86	0,204	5,39	6,32
	Moderado Estresse	0,0	12,0	5,35	2,14	39,95		5,00	5,71
	Alto Estresse	3,0	6,0	5,29	1,25	23,72		4,13	6,45

As médias não diferem entre ($p > 0,05$) Li = Limite inferior ; Ls = Limite superior
 Fonte: Dados da pesquisa, 2017

DISCUSSÃO

Participaram do estudo 254 trabalhadores do sistema prisional da 3ª Região Penitenciária do RS e quanto à caracterização sociodemográfica, sumariamente, a maioria era do sexo masculino, casado/companheiro, na faixa etária de 40 e 50 anos, com nível superior e especialização, em percentuais aproximados, dados que vão ao encontro de estudo com 339 trabalhadores de duas prisões brasileiras do município de São Paulo (CAMPOS et al., 2016). Resultados similares também foram encontrados em estudo que analisou a qualidade de vida no trabalho de 14 agentes penitenciários do Centro de Detenção Provisória do Rio Grande do Norte, no que se refere a sexo, idade e escolaridade; em contrapartida, divergem quanto ao estado civil (FAGUNDES; COSTA; MOREIRA, 2017). Em relação à idade, constatou-se que os resultados dos estudos são semelhantes, o que demonstra que os trabalhadores integram uma população jovem, em plena fase produtiva.

Na classificação dos trabalhadores quanto à intensidade do estresse ocupacional, verificou-se com a EET que o maior percentual se encontrava em “Moderado Estresse” e que 2,8% deles já estavam em “Alto de Estresse”. Esses

profissionais devem ter um olhar diferenciado pelos serviços de saúde e pela instituição, pois o estresse nessa intensidade já desencadeia sinais de alerta no organismo. Ademais, devido aos altos riscos a que estão expostos em seu trabalho, esses sinais terão maior probabilidade de evoluir, ao ponto de o sujeito não conseguir lidar com os estressores laborais e conduzir para o afastamento de seu ambiente de trabalho (BONEZ; MORO; SEHNEM, 2013).

Os trabalhadores do sistema prisional estão expostos em seu dia a dia a diversas situações que podem ser percebidas como estressores, por desempenhar função de alto risco, em ambiente insalubre, com interações contínuas pelo contato direto com prisioneiros, familiares, equipe, entre outros fatores (BONEZ; MORO; SEHNEM, 2013). Os autores justificam que, por esses trabalhadores serem diariamente submetidos a situações de pressão, desconforto, desvalorização, falta de reconhecimento da população em geral, sobrecarga de atividades, convergem para o estresse e os efeitos dele decorrentes, com danos à saúde física e psíquica, muitas vezes irreversíveis. Assim, o corpo torna-se alvo do sofrimento, o que pode evoluir para a degradação da integridade física e psíquica.

Em pesquisa com 171 funcionários do sexo masculino, de quatro prisões do Irã, o nível de estresse ocupacional foi mais alto entre profissionais que atuam em cargos de chefia (AKBARI et al., 2017). Os oficiais de segurança, funcionários administrativos, corretores, profissionais sociais e de saúde foram classificados em nível médio de estresse. Num contexto geral, esses trabalhadores foram categorizados em alto estresse no trabalho e, em virtude do instrumento de avaliação utilizado, foi verificado que eles apresentavam alta demanda e baixo controle no trabalho.

Estudo com outra população de trabalhadores, 519 policiais militares, que atuam em 97 municípios do estado do RS, mostrou que 72,39% encontrava-se em nível moderado de estresse, 16,99% alto nível e 10,62% baixo nível (ALMEIDA et al., 2017). Esses resultados reiteram que várias situações vivenciadas pelos trabalhadores do sistema prisional são avaliadas como estressoras. Nesse cenário, Viotti (2016) elenca como principais estressores a convivência com presos, imagem social negativa; riscos à saúde, pelo medo de contrair doenças; horas extras; longa distância entre o trabalho e a família, que causa solidão; estrutura física inadequada, com problemas de higiene; altas temperaturas no verão e muito baixas no inverno, o

que afeta o humor tanto dos funcionários quanto dos presos, e o conflito de valores pela dificuldade em aceitar seus papéis como "executores da privação da liberdade".

Quando verificada a correlação entre estresse e variáveis sociodemográficas, constatou-se que a maior parte dos trabalhadores casados ou com companheiro apresentaram moderado estresse, porém com baixa significância estatística. Esses dados divergem de estudo Harizanova e Tarnovska (2013), com 106 funcionários da prisão de Plovdiv, Bulgária, no qual foi verificado que 100% dos divorciados e 50% dos solteiros relataram maior irritação quando se comunicavam com os prisioneiros, falta de interesse nos problemas e necessidades destes. Os autores pontuam que a família é fonte de recursos emocionais aos trabalhadores, contribui para expressar simpatia, responder ao sofrimento dos prisioneiros e na reabilitação mais efetiva dos infratores.

Quanto aos níveis de estresse dos trabalhadores que residiam na cidade onde trabalhavam, 96 deles (37,8%) estavam em "Moderado Estresse" e 6 (2,4%) em "Alto Estresse". Esse resultado vem de encontro ao estudo de Viotti (2016) com 28 Agentes Penitenciários de uma prisão da Itália, no qual evidenciou que os profissionais se estressam mais por trabalhar em instalações correccionais, longe de suas casas, pela necessidade de se deslocar temporária ou permanentemente, pela separação do local de origem, gerenciamento dos relacionamentos a longa distância com família e a solidão no trabalho.

A classificação da intensidade do estresse, conforme características funcionais dos participantes da presente pesquisa ora analisada, segundo o cargo que ocupam, mostra que os percentuais mais elevados de moderado estresse, seguido de baixo e alto estresse, é dos Agentes Penitenciários. Constata-se que nenhum Agente Administrativo encontrava-se em alto estresse. Esses resultados vão de encontro a Almeida, Ibdaiwi e Lopes (2015), o qual teve como população alvo 33 bombeiros, de Santa Maria, RS. Os autores evidenciaram que os bombeiros que atuavam no setor administrativo apresentaram alto nível de estresse.

Quanto ao tempo de atuação em anos no sistema prisional, destaca-se que o trabalhador ao iniciar suas atividades no cárcere entra em um período de adaptação, passa a conhecer a realidade, o funcionamento do sistema e suas peculiaridades; geralmente após cinco anos ele passa a compreender a dinâmica da "instituição total". Isso pode justificar a maior intensidade de estresse vivenciada por eles dos

cinco aos dez anos de atuação. A partir dos dez anos de atuação, os participantes desta pesquisa apresentaram menor intensidade de estresse. Esta reflexão vem ao encontro de Almeida, Ibdaiwi e Lopes (2015) ao afirmarem que, à medida que aumenta o tempo de serviço, melhora o domínio em relação às técnicas e procedimentos necessários para a execução das atividades inerentes à profissão e melhora o enfrentamento do estresse.

Os profissionais que cumprem carga horária em forma de plantões apresentaram percentuais mais elevados de estresse dos que trabalham no expediente. Já pesquisa com oito agentes de segurança penitenciária, do sexo feminino, que desempenham suas atividades em um albergue feminino em Porto Alegre/RS, revela que as trabalhadoras consideram a escala de serviço em forma de plantões vantajosa, por permitir trabalhar 24 e folgar 72 horas (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013). Os autores afirmam que a escala de plantão propicia que as agentes penitenciárias exerçam outras atividades nos dias de folga para complementar a renda familiar, usufruem mais tempo para lazer, convivência com a família, prática de atividades físicas, entre outras.

Constatou-se também que os profissionais que não exercem outra função fora do sistema prisional encontravam-se em níveis de estresse mais elevados do que os demais. Isso se justifica, pois os profissionais que possuem outra ocupação não permanecem o tempo todo no ambiente de trabalho, se envolvem com outras atividades e isso pode beneficiá-los no sentido de reduzir os níveis de estresse.

Os trabalhadores do sistema prisional experimentam taxas mais elevadas de estresse ocupacional decorrentes dos estressores organizacionais, os quais levam a resultados negativos não só para eles, como também para a instituição (FINNEY et al., 2013).

A análise dos resultados dessa pesquisa, aliada aos posicionamentos dos autores a partir de pesquisas em nível mundial com profissionais que atuam no cárcere e em outros locais, evidencia que esse tipo de atividade prisional é estressante por inúmeros fatores, tais como convivência com os prisioneiros em um ambiente insalubre, com risco de vida, e que exige estado de alerta permanente e estabilidade emocional. Pensa-se que esta requer aquisição e ampliação de conhecimentos de maneira a empoderar gestores, profissionais e sociedade para um enfrentamento mais adequado para prevenir danos à saúde física e psíquica.

CONCLUSÃO

A construção desta pesquisa permitiu analisar o estresse ocupacional de 254 servidores penitenciários e correlacioná-los com variáveis sociodemográficas. Verificou-se que, com a EET, mais da metade deles encontrava-se em nível moderado de estresse e 7 (2,8%) em alto nível.

Esses resultados são merecedores de atenção e de ações com vistas ao planejamento e intervenções que vão desde a ampliação de conhecimentos sobre o tema até escutas terapêuticas, formação de grupos que permitam a esses sujeitos a identificação dos sinais e sintomas de estresse aliados à socialização do sofrimento vivenciado. Pensa-se que essas intervenções podem contribuir para redução desses índices de estresse e manutenção da saúde física e psíquica desses servidores, garantia de um trabalho efetivo e de qualidade no cárcere, com repercussões positivas no ambiente de trabalho e no âmbito pessoal, familiar e social deste percentual expressivo de profissionais que atuam no cárcere.

Espera-se que este trabalho possa instigar pesquisadores no sentido de ampliar investigações sobre a temática, inclusive com outras abordagens metodológicas e que permitam fazer inferências com evidências científicas.

Limitações do estudo: Pretendia-se contemplar todos os trabalhadores que atuam no sistema prisional da 3ª Região Penitenciária do RS e isso não foi possível porque 127 deles não foram encontrados no local de trabalho, por diversos motivos. Além desta, pensa-se que, quanto à metodologia utilizada, ela poderia ter sido complementada por uma abordagem qualitativa, em busca de identificar as especificidades de cada trabalhador referentes às percepções dos estressores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKBARI, Jafar et al. Job demand-control and job stress at work: A cross-sectional study among prison staff. **Journal Of Education And Health Promotion**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.15-28, 2017. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5433637/>>. Acesso em: 10 de set. de 2017.

ALMEIDA, Damiana Machado de; IBDAIWI, Thiago Kader Rajeh; LOPES, Luis Felipe Dias. Estresse ocupacional na perspectiva dos bombeiros da cidade de Santa Maria/RS. **Revista de Carreiras e Pessoas (recape) Issn 2237-1427**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.156-171, 22 dez. 2015. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/23322>>. Acesso em: 03 de out. de 2017.

ALMEIDA, Damiana Machado de et al. Avaliação do Estresse Ocupacional no cotidiano de Policiais Militares do Rio Grande do Sul. **Revista Organizações em Contexto**, [s.l.], v. 13, n. 26, p.215-238, 28 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/OC/article/viewFile/7206/pdf>>. Acesso em: 05 de out. de 2017.

BEZERRA, Cláudia de Magalhães; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patricia. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 7, p.2135-2146, jul. 2016. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n7/1413-8123-csc-21-07-2135.pdf> >. Acesso em: 04 de ago. de 2017.

BONEZ, Aline; MORO, Elisamara dal; SEHNEM, Scheila Beatriz. Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense. **Psicologia Argumento**, [s.l.], v. 31, n. 400, p.507-517, 2013. Disponível em:< <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=12241&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 10 de ago. de 2017.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN 2014**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/radio/mj-divulga-novo-relatorio-sobre-populacao-carceraria-brasileira>>. Acesso em: 02 de jul. de 2017.

BRITO, João Paulo; DAUDÉN, Laura (Ed.). **Violação Continuada: dois anos da crise em pedrinhas**. 2015. Conectas Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.conectas.org/arquivos/editor/files/conectas_relatorio_pedrinhas.pdf>. Acesso em: 03 out. 2017.

CAMPOS, Juliana Alvares Duarte Bonini et al. Burnout Syndrome and alcohol consumption in prison employees. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.205-216, mar. 2016. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2016000100205>. Acesso em: 20 de ago. de 2017.

FAGUNDES, Emerson de França; COSTA, Juliherme Carlos da; MOREIRA, Tabita Aija Silva. Qualidade de Vida no Trabalho o caso dos agentes penitenciários em um Centro de Detenção Provisória do Rio Grande do Norte. **Research, Society And Development**, [s. l.], v. 5, n. 2, p.109-123, 2017. Disponível em: < <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/101>>. Acesso em: 05 de set. de 2017.

FARO, André; PEREIRA, Marcos Emanuel. Estresse: Revisão Narrativa da Evolução Conceitual, Perspetivas Teóricas e Metodológicas. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, Portugal, v. 14, n. 1, p.78-100, 17 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/362/36226540009.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. 2017.

FINNEY, Caitlin et al. Organizational stressors associated with job stress and burnout in correctional officers: a systematic review. **Bmc Public Health**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.1-13, 29 jan. 2013. Springer Nature. Disponível em: <<https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/1471-2458-13-82?site=bmcpublikealth.biomedcentral.com>>. Acesso em: 05 de out. de 2017.

HARIZANOVA, Stanislava; TARNOVSKA, Tanya. Professional burnout syndrome among correctional facility officers. **Folia Medica**, Plovdiv, v. 2, n. 55, p.73-79, Apr./June 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24191402>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

MADRID, Fernanda de Matos Lima; PRADO, Florestan Rodrigo. A função ativa do cárcere no sistema penal brasileiro. **Revista Seção Judiciária**, Rio de Janeiro, v. 21, p.107-122, dez. 2014. Disponível em: <https://www.jfrj.jus.br/sites/default/files/revista-sjrj/arquivo/art_funcao_ativa_carcere.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [s.l.], v. 9, n. 1, p.45-52, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100006&script=sci_abstract&tng=es>. Acesso em: 02 de jul. de 2017.

TSCHIEDEL, Rubia Minuzzi; MONTEIRO, Janine Kieling. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 3, n. 18, p.527-535, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/352379601/Prazer-e-Sufrimento-Na-Trab-Agentes>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

TSIRIGOTIS, Konstantinos; GRUSZCZYŃSKI, Wojciech; PĘCZKOWSKI, Sebastian. Anxiety and styles of coping with occupational stress resulting from work with 'dangerous' prisoners in prison service officers. **Acta Neuropsychiatrica**, [s.l.], v. 27, n. 05, p.297-306, 29 maio 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26022450>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

VIOTTI, Sara. Work-related stress among correctional officers: A qualitative study. **Work**, [s.l.], v. 53, n. 4, p.871-884, 25 jan. 2016. Disponível em: <<https://iris.unito.it/retrieve/handle/2318/1598195/226361/VIOTTI%202016%20WORK.pdf>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

7 MANUSCRITO IV – Síndrome de *Burnout* em Trabalhadores do Cárcere

SÍNDROME DE *BURNOUT* EM TRABALHADORES DO CÁRCERE

RESUMO

A Síndrome de *Burnout* é oriunda do estresse ocupacional e o trabalhador do cárcere atua em um ambiente que requer estado de alerta e que o predispõe ao estresse e efeitos dele decorrentes. **Objetivo:** avaliar Síndrome de *Burnout* em trabalhadores do cárcere e relacionar com as características ocupacionais. **Metodologia:** estudo transversal, com 254 trabalhadores do sistema prisional, adscritos à 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, composto por oito municípios. Para coleta de dados foi utilizado protocolo, composto por: formulário de caracterização sociodemográfica e ocupacional e *Maslach Burnout Inventory*, essa ocorreu entre os meses de abril a junho de 2017. Com relação a confiabilidade interna da escala *Maslach Burnout Inventory*, obteve-se um alfa de Cronbach de 0,76 para os 22 itens. **Resultados:** constatou-se que 22,8% trabalhadores encontravam-se em alto nível de *burnout* nas três dimensões; 10,05% deles apresentaram alto nível de *burnout* em duas dimensões, Despersonalização e Incompetência Profissional; 3% em Incompetência Profissional e Desgaste Emocional, 40,4% Desgaste Emocional e Despersonalização. Os trabalhadores que se encontravam em alto nível de *burnout* em somente uma das dimensões perfizeram 26,3% em Despersonalização, 21,8% em Incompetência Profissional e 9,1% em Desgaste Emocional. **Conclusão:** O trabalho no cárcere contribui para o adoecimento dessa categoria profissional. E, nesse sentido, tornam-se necessárias estratégias promocionais e preventivas de educação em saúde, aliadas à implementação de políticas públicas direcionadas especificamente a essa população.

Palavras Chaves: Esgotamento Profissional. Trabalhadores. Prisões.

INTRODUÇÃO

A Síndrome de *Burnout* (SB) é oriunda do estresse ocupacional (Penz et al., 2017) e considerada um limitante profissional (Hoppen et al., 2017), pelo impacto negativo no desempenho cognitivo e no humor do trabalhador, associado ao aumento do risco de doenças físicas e psíquicas que, em muitos casos, ocasionam afastamento laboral (PENZ et al., 2017). O *burnout* é uma disforia ocupacional que coloca claramente a experiência do estresse individual dentro de um contexto social e envolve tanto a concepção do indivíduo como a de outros. Quanto maior é o desajuste entre a pessoa e o trabalho, maior a probabilidade de *burnout*; contudo, quanto maior o envolvimento, maior a probabilidade de engajamento (MASLACH; LEITER, 2016).

A SB segue um modelo tridimensional: exaustão emocional, despersonalização e ineficácia profissional. Para avaliá-la existem instrumentos já validados em diversos países e idiomas, mas a pesquisa psicométrica de *Maslach Burnout Inventory* (MBI) se destaca (MASLACH; LEITER, 2016). Diante da ocorrência da SB, o indivíduo apresenta dificuldades para equilibrar as demandas de seu trabalho com sua vida pessoal. Kinman, Clements e Hart (2016) afirmam isso em estudo com 1.682 oficiais da prisão do Reino Unido que buscou investigar as relações entre as condições de trabalho e conflitos de trabalho-vida baseados no tempo, deformação e comportamento. O estudo evidenciou que quem conseguiu separar dificuldades do ambiente de trabalho da vida pessoal demonstrou melhor equilíbrio e mais saudável emocionalmente.

O trabalhador do cárcere atua em um ambiente perigoso, insalubre, está constantemente exposto a riscos, tensão, pressão, o qual requer estado de alerta, e essas condições predispõem ao desencadeamento do estresse ocupacional e dos efeitos dele decorrentes sobre a saúde do trabalhador (GRECO et al., 2013). Hu et al. (2015), em estudo em quatro prisões da China, com 1.769 Agentes Penitenciários que trabalhavam 12 horas/dia, com esforço excessivo e pouca recompensa salarial, mostrou que 25,9% sentiam-se ameaçados e esgotados pelo trabalho, propensos a altos níveis de exaustão emocional e cinismo. Os autores pontuam que esses trabalhadores experimentaram um nível ligeiramente superior de *burnout*, decorrente do estresse ocupacional.

A invisibilidade do sofrimento psíquico no trabalho, aliada à dificuldade em reconhecer-se na atividade laboral como causadora de agravos à saúde mental, ainda é uma realidade (FEITOSA; SILVEIRA; ALMEIDA, 2015). Os autores pontuam que as queixas psíquicas do trabalhador são levadas em consideração somente quando associadas a manifestações físicas, com a presença de alterações, anormalidades ou lesão orgânica.

A relevância desse estudo se dá a partir da vivência da pesquisadora atuar há 12 anos como trabalhadora do sistema prisional, conhecer características do ambiente laboral e, principalmente, por sentir-me instigada a desvelar essa realidade, a partir da identificação de inúmeras situações de sofrimento psíquico entre colegas de trabalho. Neste contexto, questiona-se: Qual o nível da síndrome de *burnout* em trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do

Rio Grande do Sul? A partir dessas considerações, busca-se com o presente estudo avaliar SB em trabalhadores do cárcere e relacionar com as características ocupacionais.

METODOLOGIA

Esse estudo integra a dissertação de mestrado, intitulada “Estresse e síndrome de *burnout* em servidores penitenciários”.

Trata-se de um estudo transversal. Participaram da pesquisa trabalhadores que atenderam aos critérios de inclusão, a saber: ser trabalhador penitenciário concursado ativo, pertencer ao quadro da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), lotado na 3ª Região Penitenciária e aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

A população alvo foi de 381 trabalhadores do sistema prisional, adscritos à 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, compostos por oito municípios e dez casas prisionais. Integram as categorias profissionais: Agentes Penitenciários responsáveis pela vigilância, custódia e guarda das pessoas privadas de liberdade, Agentes Penitenciários Administrativos que atuam na execução de trabalhos de rotina administrativa e atendimento ao público e Técnicos Superiores Penitenciários desenvolvem atividades de nível superior de grande complexidade, como Psicólogos, Assistentes Sociais, Jurídico, Enfermeiros e Odontólogos.

O período de coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e junho de 2017. Entre os servidores, 88 não foram encontrados nas casas prisionais, 11 gozavam de licença prêmio, nove afastados por motivos de saúde, sete em férias, cinco se recusaram a participar, três estavam afastados pela Procuradoria Geral do Estado, um cedido para o sindicato e uma em licença gestante. Dessa forma, participaram efetivamente do estudo 254 trabalhadores.

Os dados foram coletados por meio da utilização de um protocolo composto por formulário de caracterização sociodemográfica, ocupacional e o *Maslach Burnout Inventory* (MIB). As características apresentadas neste artigo são: cargo, anos de atuação, modalidade de cumprimento da carga horária na prisão (plantonista/expediente) e se exerce outra atividade paralela à prisional. Quanto ao MBI, o mesmo foi desenvolvido nos Estados Unidos por Cristina Maslach e Susan

Jackson, traduzido e validado no Brasil por Lautert (1995). Ele avalia os escores de *burnout* em relação aos sentimentos pessoais e atitudes do profissional em seu trabalho e frente aos demais.

A escolha dos pontos de corte nos escores da escala MBI foi realizada pelo percentil 75, o mesmo utilizado no estudo de validação do MBI, no Brasil (LAUTERT, 1995). Desta maneira, cada dimensão foi categorizada nos níveis baixo, moderado ou alto. Para a análise utilizaram-se as três dimensões de *burnout*: Desgaste emocional, considerando o percentil 75, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 0 a 17; Alto nível - escore de 18 a 34. Na Despersonalização, considerando o percentil 75, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 0 a 9; Alto nível- escore de 10 a 17. Na Incompetência Profissional, considerando o percentil 25 sendo este com escore reverso, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 17 a 32; Alto nível - escore de 0 a 16.

Os dados da pesquisa foram registrados e organizados no programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 15.0. Foi utilizada estatística descritiva (limite superior e inferior, média, desvio padrão, coeficiente de variação), intervalo de confiança de 95%, qui-quadrado e correlação de Pearson. Quanto à consistência interna da escala *Maslach Burnout Inventory* (MIB), obteve-se um alfa de Cronbach de 0,76 para os 22 itens.

Foram respeitados os aspectos éticos que regem pesquisas com seres humanos. O projeto, após consentimento do Comitê de Ética da Escola Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIJUÍ (parecer nº 1.948.910, CAAE nº 63136916.6.0000.5350). Os participantes que aceitaram integrarem-se à pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias.

RESULTADOS

A Tabela 7.1 apresenta a caracterização sociodemográfica dos 254 trabalhadores do sistema prisional, participantes da pesquisa. Nesta constata-se que os percentuais referentes ao sexo são aproximados, a maioria com idade de 40 a 50 anos incompletos, casados/companheiro, os maiores percentuais são de trabalhadores que cursaram o nível médio e superior.

Tabela 7.1 – Caracterização sociodemográfica de trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017

		N	%
Sexo	Masculino	133	52,4
	Feminino	121	47,6
Estado Civil	Solteiro	41	16,1
	Casado/Companheira	184	72,4
	Separado	23	9,1
	Viúvo	3	1,2
	Outra	3	1,2
Escolaridade	Nível fundamental	1	0,4
	Nível médio incompleto	2	0,8
	Nível médio completo	98	38,6
	Superior	96	37,8
	Especialização	50	19,7
	Mestrado	6	2,4
	Doutorado	1	0,4
Idade	Menos de 40 anos	94	37,0
	40 a 50 anos incompletos	126	49,6
	50 anos ou mais	34	13,4
(Li; Ls; Range) (Média; Desvio padrão)		(23;59;36)	(41,62;7,20)
Reside na cidade na qual está lotado	Sim	167	65,7
	Não	87	34,3
Motivou a ser um servidor penitenciário	Concurso público	127	50,0
	Estabilidade	127	50,0
	Salário	44	17,3
	Por opção	38	15,0
	Falta de oportunidades	6	2,4

Li = Limite inferior; Ls = Limite superior

Ainda em relação aos dados contidos na tabela acima, evidencia-se que o maior percentual é de trabalhadores que residem na cidade onde atuam e o que os motivou a ingressar no serviço público foi estabilidade e concurso público.

Sequencialmente, a Tabela 7.2 apresenta as características funcionais do trabalho dos servidores penitenciários. A maioria é Agente Penitenciário, com 5 a 10 anos incompletos de atuação, pertencentes à classe B, plantonistas e que trabalham com exclusividade na SUSEPE.

Tabela 7.2 – Características funcionais do trabalho dos trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017

		N	%
Cargo	Agente Penitenciário	198	78,0
	Agente Penitenciário Administrativo	22	8,7
	Técnico Superior Penitenciário	34	13,4
Anos de atuação no sistema prisional	0 --- 5 anos	48	18,9
	5 --- 10 anos	99	39,0
	10 --- 15 anos	61	24,0
	15 --- 20 anos	14	5,5
	20 --- 25 anos	23	9,1
	25 anos ou mais	9	3,5
Classe	A	49	19,3
	B	92	36,2
	C	46	18,1
	D	50	19,7
	E	17	6,7
Horas no trabalho anteriores à coleta do cortisol (Li; Ls; Range) (Média; Desvio padrão)		(0; 60; 60)	(7,60;9,88)
Cumpre carga horária	Plantonista	172	67,7
	Expediente	82	32,3
Exerce outra função*	Sim	44	17,3
	Não	209	82,3
Horas de sono ininterruptas teve na noite anterior (Li; Ls; Range) (Média; Desvio padrão)		(0; 19)	(5,56;2,24)

Li = Limite inferior; Ls = Limite superior *Um entrevistado não respondeu

Os 254 trabalhadores do sistema prisional, participantes da pesquisa, em sua maioria encontravam-se em baixo/moderado nível de *burnout* e os demais, em percentuais aproximados, em alto nível de incompetência profissional, desgaste emocional e despersonalização (Figura 7.1).

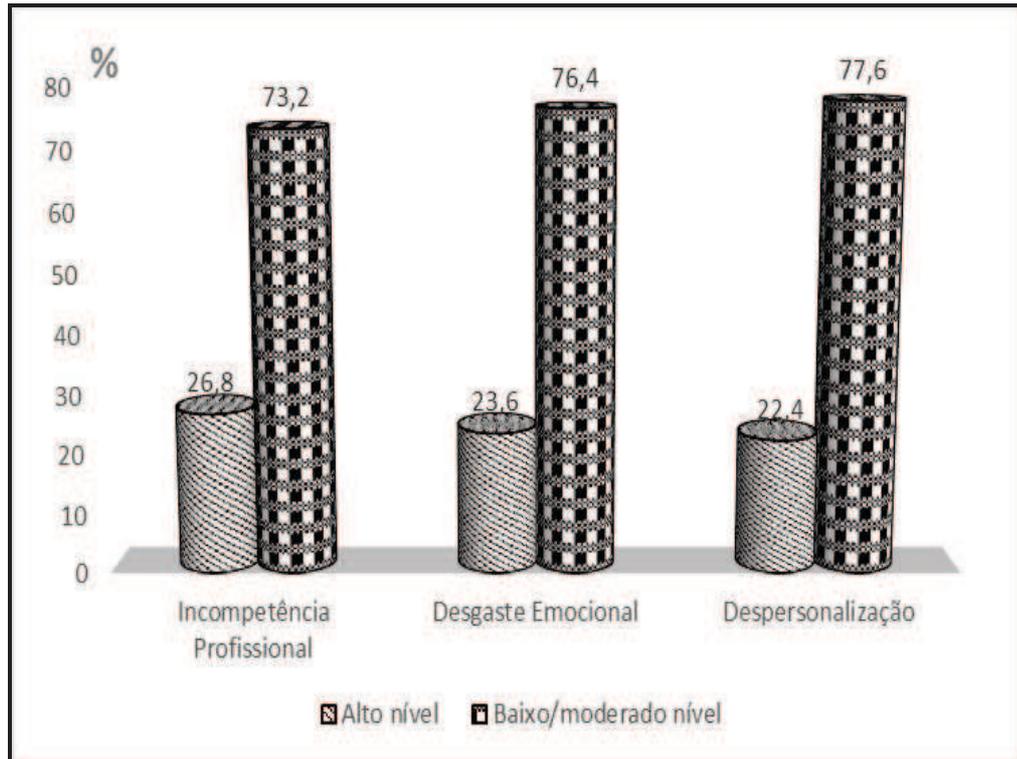


Figura 7.1 – Dimensões do MBI em trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

A Tabela 7.3 apresenta a primeira dimensão do MBI “Incompetência Profissional” associada às variáveis: cargo, anos de atuação, cumprimento da carga horária e atuação em atividade paralela.

Tabela 7.3 – Incompetência Profissional, dimensão do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS.

	Incompetência Profissional	Alto nível N(%)	Baixo/moderado nível N(%)	Total N(%)	Qui- quadrado p-valor
Cargo	Ag. Penitenciário	57(22,4)	141(55,5)	198(78,0)	0,100
	Ag. Penitenciário Adm.	7(2,8)	15(5,9)	22(8,7)	
	Técnico Sup. Penitenciário	4(1,6)	30(11,8)	34(13,4)	
Anos de atuação	0 --- 10 anos	38(15,0)	109(42,9)	147(57,9)	0,581
	10 --- 20 anos	19(7,5)	56(22,0)	75(29,5)	
	20 anos ou mais	11(4,3)	21(8,3)	32(12,6)	
Cumpre carga horária	Plantonista	55(21,7)	117(46,1)	172(67,7)	0,007
	Expediente	13(5,1)	69(27,2)	82(32,3)	
Exerce outra função*	Sim	13(5,1)	31(12,3)	44(17,4)	0,661
	Não	55 (21,7)	154(60,9)	209(82,6)	
		68(26,8)	186(73,2)	254(100)	

* Um entrevistado não respondeu Ag = Agente; Teste qui-quadrado com nível de significância menor do que 0,05 ($p < 0,05$)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Em continuidade à apresentação dos dados da pesquisa, na Tabela 7.4 está explicitada a dimensão desgaste emocional do MBI conforme características do trabalho dos participantes.

Tabela 7.4 – Desgaste Emocional, dimensão do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS.

	Desgaste Emocional	Alto nível N(%)	Baixo/modera do nível N(%)	Total N(%)	Qui- quadrado p-valor
Cargo	Ag. Penitenciário	39(15,4)	159(62,6)	198(78,0)	0,019
	Ag. Penitenciário Adm.	9(3,5)	13(5,1)	22(8,7)	
	Técnico Sup. Penitenciário	12(4,7)	22(8,7)	34(13,4)	
Anos de atuação	0 --- 10 anos	33(13,0)	114(44,9)	147(57,9)	0,788
	10 --- 20 anos	18(7,1)	57(22,4)	75(29,5)	
	20 anos ou mais	9(3,5)	23(9,1)	32(12,6)	
Cumprimento carga horária	Plantonista	33(13,0)	139(54,7)	172(67,7)	0,016
	Expediente	27(10,6)	55(21,7)	82(32,3)	
Exerce outra função*	Sim	15(5,9)	29(11,5)	44(17,4)	0,075
	Não	45(17,8)	164(64,8)	209(82,6)	
		60(23,6)	194(76,4)	254(100)	

* Um entrevistado não respondeu; Ag = Agente; Teste qui-quadrado com nível de significância menor do que 0,05 ($p < 0,05$)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Na tabela 7.5 está descrita a dimensão despersonalização do MBI, conforme características do trabalho dos participantes da pesquisa.

Tabela 7.5 – Despersonalização, dimensão do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS.

Despersonalização		Alto nível N(%)	Baixo/mo- derado nível N(%)	Total N(%)	Qui- quadr- ado p- valor
Cargo	Ag. Penitenciário	46(18,1)	152(59,8)	198(78,0)	0,267
	Ag. Penitenciário Adm.	2(0,8)	20(7,9)	22(8,7)	
	Técnico Sup. Penitenciário	9(3,5)	25(9,8)	34(13,4)	
Anos de atuação	0 --- 10 anos	34(13,4)	113(44,5)	147(57,9)	0,952
	10 --- 20 anos	16(6,3)	59(23,2)	75(29,5)	
	20 anos ou mais	7(2,8)	25(9,8)	32(12,6)	
Cumpr carga horária	Plantonista	40(15,7)	132(52,0)	172(67,7)	0,652
	Expediente	17(6,7)	65(25,6)	82(32,3)	
Exerce outra função*	Sim	15(5,9)	29(11,5)	44(17,4)	0,043
	Não	42(16,6)	167(66,0)	209(82,6)	
		57(22,4)	197(77,6)	254(100)	

* Um entrevistado não respondeu; Ag = Agente; Teste qui-quadrado com nível de significância menor do que 0,05 ($p < 0,05$)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

A Tabela 7.6 apresenta os resultados do uso da estatística descritiva e intervalo de confiança das dimensões de MBI, segundo características do trabalho dos participantes. Nesta evidencia-se que, na Despersonalização com média $4,44 \pm 2,57$, ocorreu grande variabilidade entre a pontuação de cada um dos participantes. Isto se pode afirmar ao considerar o Coeficiente de Variação (CV), que foi de 57,77%. No nível alto de Despersonalização, a variabilidade foi menor e o CV, de 16,58%.

Tabela 7.6 – Estatística descritiva e Intervalo de Confiança das dimensões do MBI segundo os níveis da SB dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS.

Dimensões	Nível	n	n		Média	Desvio Padrão	CV %	IC de 95%	
			Li	Ls				Li	Ls
Despersonalização	Alto	57	10	17	12,12	2,01	16,58	11,59	12,66
	Baixo/moderado	197	0	9	4,44	2,57	57,77	4,08	4,80
	Total	254	0	17	6,17	4,04	65,49	5,67	6,66
Incompetência Profissional*	Alto	68	0	16	12,96	2,73	21,10	12,29	13,62
	Baixo/moderado	186	17	32	23,70	4,55	19,20	23,04	24,36
	Total	254	0	32	20,82	6,31	30,31	20,04	21,60
Desgaste Emocional	Alto	60	18	34	22,82	4,73	20,74	21,59	24,04
	Baixo/moderado	194	0	17	8,00	4,48	56,06	7,36	8,64
	Total	254	0	34	11,50	7,77	67,54	10,54	12,46

*Escore Reverso; Li = Limite inferior; Ls = Limite superior; IC = Intervalo de confiança
Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Ainda em relação aos dados da Tabela 7.6, na segunda dimensão do MBI - Incompetência Profissional (escore reverso) evidencia-se que a variabilidade entre os escores dos participantes obteve médias $12,96 \pm 2,73$ (alto nível) e $23,70 \pm 4,55$ (baixo/moderado nível), com CV menor que 30,31%, o que demonstra menor variabilidade entre as respostas. Na terceira dimensão da SB, Desgaste Emocional, constata-se grande variabilidade nos escores baixo/moderado, com média de $8,00 \pm 4,48$; por outro lado, quanto ao alto nível da referida dimensão, verifica-se variabilidade dos escores em relação à média, com CV de 20,74%. Além desses dados, a mesma tabela apresenta os Limites Inferior (Li) e Limite Superior (Ls) da classificação em cada uma das categorias, conforme instruções do MBI.

Na figura 7.2, são apresentadas as três dimensões que integram o MBI, conforme a classe dos trabalhadores penitenciários. O trabalhador ao assumir o concurso entra automaticamente na classe A, com o passar dos anos ocorrem as promoções por merecimento ou antiguidade e ele vai subindo de classe. Nesta, verifica-se que, independentemente da classe a que pertencem, os níveis de *burnout*

estão presentes de uma forma muito similar nas três dimensões, tanto no baixo/moderado quanto no alto nível.

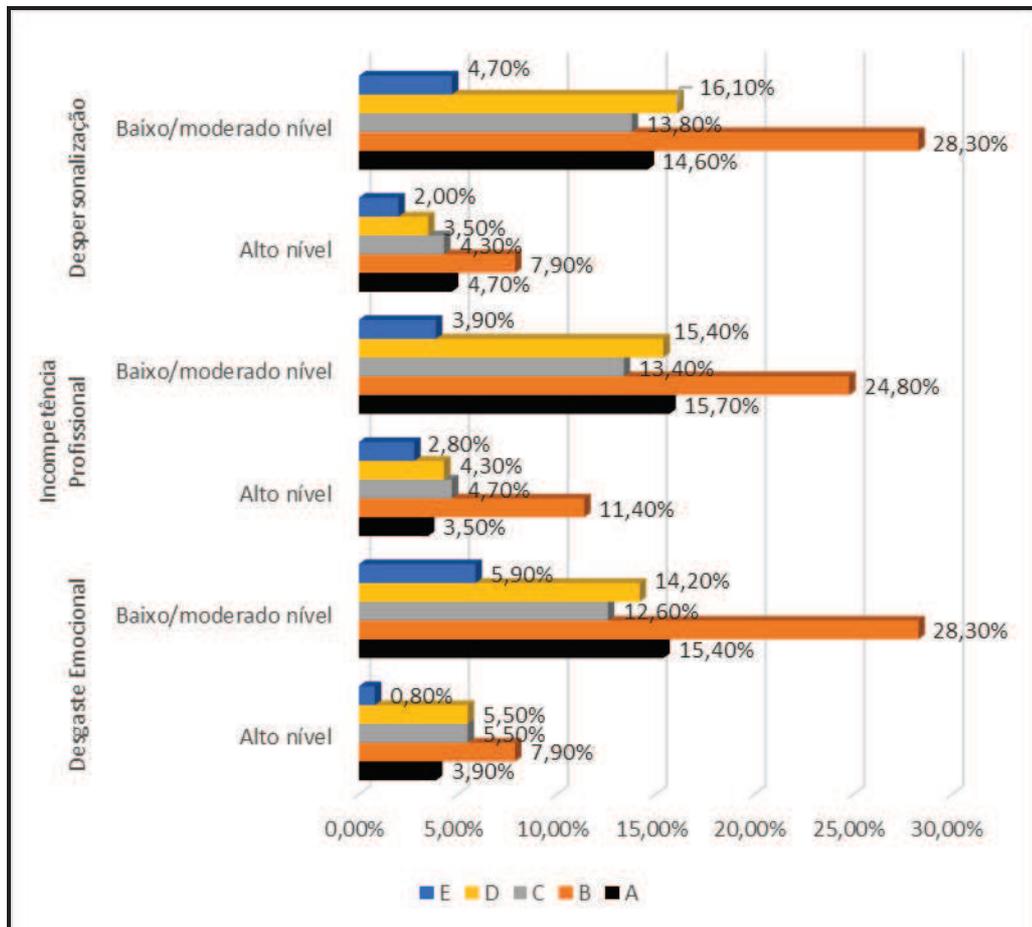


Figura 7.2 – Dimensões do MBI segundo características da classe dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Constata-se que a frequência dos trabalhadores que estão na “Classe E” aparece sempre como o menor número de sujeitos e os que estão na “Classe B”, com maior frequência em todas as dimensões. Outra leitura dos dados é em relação ao nível baixo/moderado, que apresenta frequência maior na “Classe D”, e, no alto nível, a frequência maior está na “Classe C”. Com exceção da dimensão desgaste emocional no alto nível, os percentuais foram idênticos nas “Classes C e D”.

Na Tabela 7.7, são apresentadas as correlações entre as dimensões de *burnout*. Nesta verifica-se correlação inversa entre incompetência profissional e desgaste emocional e com a despersonalização. Além disso, evidencia-se forte correlação positiva entre desgaste emocional e despersonalização.

Tabela 7.7 – Correlação entre as dimensões do MBI segundo características do trabalho dos trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017

		Desgaste Emocional	Despersonalização
Incompetência Profissional	r	-0,282(**)	-0,221(**)
	p-valor	0,000	0,000
Desgaste Emocional	r	1	0,656(**)
	p-valor		0,000

**Correlação significativa $p < 0.01$); r = correlação de Pearson

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Finalizando a apresentação dos dados, dos 254 participantes, constatou-se que 10,05% deles apresentaram alto nível de *burnout* em duas dimensões, Despersonalização e Incompetência Profissional; 3% em Incompetência Profissional e Desgaste Emocional, 40,4% Desgaste Emocional e Despersonalização. Os trabalhadores que se encontravam em alto nível de *burnout* em somente uma das dimensões perfizeram 26,3% em Despersonalização, 21,8% em Incompetência Profissional e 9,1% em Desgaste Emocional. Entre os trabalhadores 66% encontravam-se em baixo/moderado nível de *burnout* em todas as dimensões da síndrome.

DISCUSSÃO

Participaram desse estudo 254 trabalhadores do sistema prisional da 3ª Região Penitenciária do RS. Quanto à caracterização sociodemográfica, o fato de a população estudada apresentar percentuais aproximados de ambos os sexos diverge de estudo de Silva et al. (2016), com 87 trabalhadores penitenciários de um presídio do sul do Brasil, no qual a maioria (79,3%) era do sexo masculino. Quanto à idade e estado civil, os resultados vão ao encontro da referida investigação, 37,9% com faixa etária maior ou igual a 40 anos e 71,3% eram casados/relação estável.

Quanto às características funcionais dos participantes, o fato de o maior percentual ser de Agentes Penitenciários, com menos de 10 anos de atuação, na classe B, plantonistas, que atuam exclusivamente na SUSEPE e residem no

município onde trabalham, é similar aos resultados de Silva et al (2016), pois 79,3% eram Agentes Penitenciários. O percentual das variáveis tempo de trabalho e local de residência divergem, pois 36,8% trabalhavam na instituição há mais de oito anos e a maioria (72%) não residia na cidade onde trabalhava. Os autores afirmam que essas características são inerentes à atividade laboral do Agente e remetem à necessidade constante de controle emocional por parte desses trabalhadores. Esta realidade é vivenciada pela autora diariamente no sistema prisional, como trabalhadora.

Atualmente, em nível mundial o *burnout* é pesquisado em diferentes populações. A referida SB é reconhecida como um risco ocupacional em várias profissões, em especial as que requerem contato pessoal contínuo e intenso, como serviços humanos, educação e cuidados em saúde. Nesse sentido, os relacionamentos podem ser gratificantes e envolventes, mas também estressantes (MASLACH; LEITER, 2016).

Os trabalhadores do sistema prisional da 3ª Região Penitenciária do RS apresentaram percentuais elevados das três dimensões da SB, no alto nível. Harizanova e Tarnovska (2013), em investigação com 106 trabalhadores da prisão em Plovdiv, Bulgária, vão ao encontro destes resultados. Os autores incluíram na pesquisa todos os funcionários que mantêm contato direto com prisioneiros e constataram que a maioria (74,53%) encontrava-se em *burnout*.

Mendes et al. (2014), em pesquisa com 95 enfermeiros em sete prisões Portuguesas, avaliaram níveis de *burnout* e sua relação com características sociodemográficas e profissionais. Os autores afirmam que 31,57% dos enfermeiros apresentava exaustão emocional e o mesmo percentual, despersonalização. Ressaltam também que 6,32% deles apresentaram incompetência profissional. Esses resultados demonstram que enfermeiros que trabalham nas prisões têm níveis de *burnout* mais elevados do que os enfermeiros em geral, o que demonstra elevada carga emocional decorrente do trabalho.

A SB integra três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e incompetência profissional (MASLACH; LEITER, 2016). Os autores pontuam que a primeira é a Exaustão Emocional descrita pelo desgaste, perda de energia, depleção, debilitação e fadiga; a segunda, Despersonalização ou Cinismo, se caracteriza por atitudes negativas ou inadequadas em relação aos clientes,

irritabilidade, perda de idealismo e retirada; já a terceira dimensão, Ineficácia ou Incompetência Profissional, é originalmente chamada de realização pessoal reduzida e descrita como produtividade ou capacidade reduzida, baixa moral e incapacidade de lidar com o trabalho.

Os servidores penitenciários lidam com populações rejeitadas e potencialmente violentas, o que pode contribuir para o desencadeamento de *burnout* (HU et al., 2015). Esses trabalhadores mantêm contato direto com prisioneiros, são responsáveis pela manutenção do confinamento e estão continuamente expostos a intimidação, agressão, ameaça, possibilidade de rebelião, o que configura exposição a riscos psicossociais (JASKOWIAK; FONTANA, 2015). As exigências deste tipo trabalho são rigorosas, tanto no âmbito psicológico, quanto fisiológico e cognitivo (HARIZANOVA; TARNOVSKA, 2013).

As especificidades da atividade laboral dos trabalhadores do cárcere remetem à necessidade de controle emocional (SILVA et al., 2016). As três dimensões da SB emergem no indivíduo como consequência das condições de trabalho em que atua (BRINGAS-MOLLEDA et al., 2015). Os autores pontuam que as relações sociais se constituem em um dos pilares básicos desta profissão. Nesse ínterim, destaca-se a dificuldade de o trabalhador se manter saudável no ambiente penitenciário.

No que tange à primeira dimensão da SB, Incompetência Profissional, o fato de 26,8% dos participantes apresentar alto nível mostra que esta população está vulnerável ao adoecimento pelo trabalho. O maior percentual é dos Agentes Penitenciários, que atuam no sistema prisional há menos de 10 anos como plantonistas e, exclusivamente, em uma das casas prisionais. Harizanova e Tarnovska (2013) igualmente encontraram resultado semelhante ao desta pesquisa ora analisada, na qual Incompetência Profissional apresentou percentual elevado em trabalhadores recém-nomeados, que atuam há menos de um ano e nos há mais de 5 anos na prisão. Hu et al. (2015) afirmam que funcionários da prisão com baixa satisfação no trabalho e compromisso organizacional estão mais ausentes do que aqueles mais satisfeitos e comprometidos.

Outra pesquisa, com 240 agentes penitenciários franceses, verificou níveis de sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (PTSD), *burnout* e estresse (BOUDOUKHA et al., 2013). Os autores pontuam que trabalhadores que apresentam baixa autoestima podem ser menos eficazes e ter pouca realização pessoal. Como

consequência, os servidores penitenciários são mais suscetíveis de apresentar *burnout* e PTSD, potencializados, gradativamente, após a vivência de eventos traumáticos.

A segunda dimensão da SB - Desgaste emocional apresentou alto nível, em 23,6% dos participantes desta pesquisa. A maioria também era Agente Penitenciário, atuantes há menos de 10 anos, que cumpriam carga horária como plantonistas e, exclusivamente, na SUSEPE. Boudoukha et al. (2013) constataram que os trabalhadores penitenciários estavam propensos a PTSD e apresentaram altos níveis de desgaste emocional, estresse, despersonalização, intrusão, evasão, hiper-reatividade e SB. Os autores afirmam que o Esgotamento Emocional é decorrente, principalmente, do relacionamento intenso entre profissionais e prisioneiros ao longo dos anos trabalhados, pode interferir e prejudicar o bem-estar, desencadear estresse e evoluir para desgaste emocional.

Quanto à terceira e última dimensão, Despersonalização, 22,4% apresentaram alto nível e os maiores índices foram referentes aos Agentes Penitenciários que atuam há menos de 10 anos, plantonistas e, exclusivamente, na SUSEPE. Hu et al. (2015) afirmam que o desequilíbrio entre esforço, recompensa no trabalho e ameaça foram associados à exaustão emocional e à despersonalização. Esse resultado mostra que agentes penitenciários com alto comprometimento no trabalho apresentaram 5,5 vezes mais exaustão emocional e 3,05 vezes mais despersonalização do que os demais.

Estudo de Bringas-Molleda et al. (2015), com 222 trabalhadores penitenciários da Espanha, objetivou determinar a influência que os fatores da SB têm na saúde desses profissionais. Para isso, eles compararam uma Unidade Terapêutica Educacional (UTE) como modelo alternativo de prisão com outra do sistema tradicional. Os autores evidenciaram que a realização pessoal foi maior nos módulos UTE. Já a SB foi maior nos indivíduos do módulo tradicional, mais especificamente as dimensões exaustão emocional e despersonalização. Os autores concluem a SB tem como uma das consequências a deterioração da saúde e os elementos que a integram, como preditores de doenças.

Quanto ao nível de *burnout* 22,8% dos trabalhadores encontravam-se em elevado nível de *burnout*, nas três dimensões; 10,05% deles apresentaram alto nível de *burnout* em duas dimensões, Despersonalização e Incompetência Profissional;

3% em Incompetência Profissional e Desgaste Emocional, 40,4% Desgaste Emocional e Despersonalização. Os trabalhadores que se encontravam em alto nível de *burnout* em somente uma das dimensões perfizeram 26,3% em Despersonalização, 21,8% em Incompetência Profissional e 9,1% em Desgaste Emocional. Constatou-se também que 66% deles encontravam-se em baixo/moderado nível de *burnout* em todas as dimensões da síndrome. Fernández-Sánchez et al. (2017), em estudo com 64 profissionais de saúde de um Hospital Universitário da Espanha que trabalham em unidades de cuidados paliativos, mesmo que outra população de trabalhadores, se assemelhou a essa pesquisa, pois 26,09% dos participantes relataram altas pontuações em duas ou três dimensões do MBI e 28,98% tiveram pontuações altas em apenas uma dimensão.

Os resultados dessa pesquisa, aliados às colocações dos autores, comprovam que o trabalhador do cárcere é propenso ao estresse ocupacional e aos danos dele decorrentes. O principal prejuízo é a SB, que pode inviabilizar sua atuação profissional, com danos a sua saúde física, psíquica e com repercussões negativas na assistência às pessoas privadas de liberdade, seus familiares, na imagem da instituição e na sociedade como um todo.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa permitiu avaliar SB em 254 trabalhadores do sistema prisional. Constatou-se com o uso do MBI elevados índices de *burnout* entre os profissionais participantes da pesquisa, 5,11% dos trabalhadores encontravam-se em alto nível de *burnout* nas três dimensões, 13,77% alto nível em duas dimensões e 29,92% alto nível em uma dimensão. Esses índices demonstram que o trabalho no cárcere contribui para o adoecimento dessa categoria profissional.

Considera-se que cabe aos gestores, trabalhadores e profissionais de saúde ações educacionais de promoção e prevenção de agravos à saúde física e psíquica, decorrentes do estresse ocupacional em excesso e, desta forma, prevenir a ocorrência da referida síndrome.

Espera-se que os resultados dessa investigação possam ser importantes no intuito de instigar pesquisadores para ampliar investigações sobre a temática, inclusive com outras abordagens metodológicas e que permitam fazer inferências e,

desta maneira, ampliar evidências científicas. Que, igualmente, possam ser utilizados por gestores, trabalhadores do cárcere e a sociedade como um todo, no sentido de contribuir para reflexões, discussões e criação de políticas públicas direcionadas a esta parcela significativa da população que merece ser melhor assistida.

REFERÊNCIAS

BOUDOUKHA, Abdel Halim et al. Inmates-to-Staff Assaults, PTSD and Burnout. **Journal Of Interpersonal Violence**, [s.l.], v. 28, n. 11, p. 2332-2350, 11 fev. 2013. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0886260512475314>>. Acesso em: 24 set. 2017.

BRINGAS-MOLLEDA, C. et al. Influence of burnout on the health of prison workers. **Revista Española de Sanidad Penitenciaria**, [s.l.], v. 17, n. 3, p.67-73, fev. 2015. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1575-06202015000300002>. Acesso em: 03 de nov. de 2017.

FERNÁNDEZ-SÁNCHEZ, José Carlos et al. Association between burnout and cortisol secretion, perceived stress, and psychopathology in palliative care unit health professionals. **Palliative And Supportive Care**, p.1-12, 24 abr. 2017.

FEITOSA, Rúbia Mara Maia; SILVEIRA, Lia Carneiro; ALMEIDA, Arisa Nara Saldanha de. CONTEXTOS DE UMA PESQUISA: REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO TRABALHADOR. **Journal Of Nursing Ufpe On Line**, [s. l.], v. 9, n. 1, p.271-279, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10336/11037>>. Acesso em: 05 de jul. de 2017.

GRECO, Patrícia Bitencourt Toscani et al. Estresse no trabalho em agentes dos centros de atendimento socioeducativo do Rio Grande do Sul. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s.l.], v. 34, n. 1, p.94-103, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000100012> Acesso em: 05 de jul. de 2017.

HARIZANOVA, Stanislava; TARNOVSKA, Tanya. Professional burnout syndrome among correctional facility officers. **Folia Medica**, Plovdiv, v. 2, n. 55, p.73-79, Apr./June 2013. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24191402>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

HOPPEN, Cátia Maria Scherer et al. High prevalence of burnout syndrome among intensivists of the city of Porto Alegre. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, [s.l.], v. 29, n. 1, p.115-120, 2017. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/0103-507x.20170017>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-507X2017000100115&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 05 de jul. de 2017.

HU, S. et al. The association between work-related characteristic and job burnout among Chinese correctional officers: a cross-sectional survey. **Public Health**, [s.l.], v. 129, n. 9, p. 1172-1178, set. 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0033350615002048>>. Acesso em: 27 out. 2017.

JASKOWIAK, Caroline Raquela; FONTANA, Rosane Teresinha. O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 68, n. 2, p.235-243, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672015000200235&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 12 de jul. de 2017.

KINMAN, Gail; CLEMENTS, Andrew James; HART, Jacqui. Working Conditions, Work–Life Conflict, and Well-Being in U.K. Prison Officers. **Criminal Justice And Behavior**, [s.l.], v. 44, n. 2, p. 226-239, 24 set. 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0093854816664923>>. Acesso em: 17 out. 2017.

LAUTERT, Liana. **O desgaste profissional do enfermeiro**. 1995. 275 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidad Pontificia de Salamanca, Espanha, 1995. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11028>>. Acesso em: 02 de jun. de 2017.

MASLACH, Christina; LEITER, Michael P.. Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. **World Psychiatry**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 103-111, jun. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27265691>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MENDES, Aida Maria de Oliveira Cruz; CLARO, Margarida; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. Burnout in nurses working in portuguese central prisons and type of employment contract. **Med Lav**, v. 105, n. 3, p. 214-222, mai. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/cinti/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/Publicacao.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.

PENZ, Marlene et al. Hair cortisol as a biological marker for burnout symptomatology. **Psychoneuroendocrinology**, [s.l.], p.1-10, jul. 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28781093>>. Acesso em: 03 de jul. de 2017.

SILVA, Jonatan da Rosa Pereira da et al. Custo Humano no Trabalho de Agentes Penitenciários. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 3, n. 6, p.112-124, 2016.

MANUSCRITO V – Análise do Cortisol Salivar e *Burnout* em Trabalhadores do Cárcere.

RELAÇÃO ENTRE CORTISOL SALIVAR E *BURNOUT* EM TRABALHADORES DO CÁRCERE

RESUMO

Os trabalhadores do sistema prisional vivenciam o estresse em níveis elevados no cotidiano do trabalho e são propensos ao desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*. Para avaliar o estresse ocupacional o método bioquímico mais sensível e de fácil acesso é o cortisol salivar. **Objetivo:** avaliar a concentração de cortisol salivar em trabalhadores do cárcere e relacioná-la a Síndrome de *Burnout*. **Metodologia:** estudo transversal e analítico, com 240 trabalhadores do sistema prisional da 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, compostos por oito municípios e dez casas prisionais. Integram as categorias profissionais: Agentes Penitenciários, Agentes Penitenciários Administrativos e Técnicos Superiores Penitenciários. Para coleta de dados utilizou-se formulário de caracterização sociodemográfica, *Maslach Burnout Inventory* e amostras salivares. No período de coleta de dados foi de abril a junho de 2017. **Resultados:** Quanto maior o nível de *burnout* mais elevados os níveis de cortisol salivar nos trabalhadores penitenciários. **Conclusão:** A SB estão presentes nos trabalhadores em todas as dimensões que integram o instrumento e, igualmente, os níveis de cortisol salivar se apresentaram elevados.

Palavras Chave: Cortisol. Esgotamento profissional. Trabalhadores. Prisões.

INTRODUÇÃO

A prisão possui dupla função, de um instrumento de punição e incumbência de modificar atitudes das Pessoas Privadas de Liberdade (PPL) com intuito de reintegrá-las à sociedade e prevenir reincidências (MOLLEDA et al., 2015). Esses papéis são do servidor penitenciário, em especial do Agente Penitenciário, responsável pela segurança dos reclusos e da instalação (FINNEY et al., 2013). Devido à natureza da sua profissão, eles estão sujeitos a vários fatores de riscos, tensões, desgaste físico e mental (FAGUNDES; COSTA e MOREIRA, 2017).

Os trabalhadores do sistema prisional atuam em uma das áreas mais propensas ao desenvolvimento de problemas de saúde física e psíquica (MOLLEDA et al., 2015). Esses trabalhadores experimentam taxas mais elevadas de estresse ocupacional e da Síndrome de *Burnout* (SB), decorrentes de estressores organizacionais, levando a resultados negativos não só para eles, como também para a instituição (FINNEY et al., 2013). Os autores pontuam que a estrutura e o clima organizacional estão significativamente associados ao estresse ocupacional e a SB.

Nesse sentido, importante a mensuração da dosagem do cortisol, na medida em que ele representa a resposta fisiológica do organismo aos fatores estressores do ambiente. Assim para avaliar o estresse, a dosagem de cortisol se constitui no método bioquímico mais conhecido e sensível (GUNNAR; QUEVEDO, 2007). Possui importante papel na pesquisa em saúde do trabalhador devido ao seu uso potencial para avaliar a resposta fisiológica em grupos de trabalho expostos à sobrecarga e estresse ocupacional (CAMPOS; DAVID, 2014).

O responsável por produzir e liberar o cortisol é o córtex das glândulas adrenais, nas últimas etapas do sono, com o objetivo de preparar o organismo para a vigília. A concentração de cortisol no despertar é mais alta e decresce, gradativamente, ao longo do dia e atinge concentrações menores antes de o indivíduo dormir (NUNES, 2008). É um hormônio ativado no segundo momento da reação ao estresse, no *feedback* negativo para o cérebro, que regula a restauração do funcionamento neurofisiológico (McEWEN, 2000). Por possuir receptores em praticamente todos os órgãos e afetar diretamente o funcionamento do eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenais, ele altera funções sistêmicas autonômicas e de imunização (HELLHAMMER; WUST; KUDIELKA, 2009; LUPIEN et al., 2007).

Atualmente, nas pesquisas sobre estresse, o cortisol salivar é o hormônio mais frequentemente avaliado, pela facilidade de acesso (CHRIST-CRAIN et al., 2007; KALRA et al., 2007; SOARES; ALVES, 2006; TAYLOR et al., 2007). Fato reafirmado por outros autores de que a determinação do cortisol salivar é a mais apropriada para a detecção da concentração excessiva do hormônio no organismo, devido à facilidade de obtenção de amostra e por não exigir procedimentos invasivos, de alto custo e complexidade (HELLHAMMER; WUST; KUDIELKA, 2009). Sua correlação com o cortisol plasmático é de cerca de 90% de compatibilidade, o

que demonstra nível de sensibilidade diagnóstica apurada e favorece investigações científicas (ROSAL et al., 2004; SIMPSON et al., 2008; TAYLOR et al., 2007).

Essas considerações reafirmam a importância de ampliar estudos que relacionem os níveis de cortisol com *burnout*. Constitui-se em temática atual, pertinente e que requer ações preventivas para evitar danos à saúde física e psíquica dos trabalhadores do cárcere que vivenciam o estresse em seu cotidiano de trabalho. Neste contexto, questiona-se: Qual o nível de concentração do cortisol salivar relacionado a Síndrome de *burnout* em trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul? O presente estudo tem como objetivo avaliar a concentração de cortisol salivar em trabalhadores do cárcere e relacioná-la a Síndrome de *Burnout*.

METODOLOGIA

Esse estudo integra a dissertação de mestrado “Estresse, síndrome de *burnout* e cortisol salivar em servidores penitenciários”. Trata-se de um estudo transversal e analítico. Participaram trabalhadores que atenderam aos critérios de inclusão, a saber: ser trabalhador penitenciário concursado ativo, pertencer ao quadro da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), lotado na 3ª Região Penitenciária e aceitar participar voluntariamente da pesquisa. Foram excluídos servidores com dificuldade de compreensão das questões que integravam os instrumentos de coletas de dados e trabalhadores que realizaram procedimento dentário invasivo, devido aos sangramentos gengivais.

A população alvo foi de 381 trabalhadores do sistema prisional, adscritos à 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, compostos por oito municípios e dez casas prisionais que integram as categorias profissionais: Agentes Penitenciários, Agentes Penitenciários Administrativos e Técnicos Superiores Penitenciários. No período de coleta de dados de abril a junho de 2017, 88 servidores não foram encontrados nas casas prisionais, 11 gozavam de licença prêmio, nove afastados por motivos de saúde, sete em férias, cinco se recusaram a participar, três estavam afastados pela Procuradoria Geral do Estado, um cedido para o sindicato e uma em licença gestante. Dessa forma, participaram efetivamente do estudo 254 trabalhadores.

Os dados foram coletados por meio da utilização de um protocolo composto por formulário de caracterização sociodemográfica e ocupacional, *Maslach Burnout Inventory* (MIB) e amostras salivares. O formulário foi elaborado pela pesquisadora e contemplou as seguintes variáveis: sexo, estado civil, escolaridade, cargo, tempo de atuação na SUSEPE, classe ocupacional, local de residência, carga horária, opção por atuar no sistema prisional. Na questão referente aos motivos que levaram o trabalhador a optar por ser servidor penitenciário, permitiu-se o uso de múltiplas respostas.

O MBI avalia o *burnout* em relação aos sentimentos pessoais e atitudes do profissional em seu trabalho e frente aos demais. A escolha dos pontos de corte nos escores da escala MBI foi realizada pelo percentil 75, o mesmo utilizado no estudo de validação do MBI no Brasil (LAUTERT, 1995). Desta maneira, cada dimensão foi categorizada em nível baixo/moderado ou alto. Para a análise utilizaram-se as três dimensões de *burnout*: Desgaste Emocional, considerando o percentil 75, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 0 a 17; Alto nível - escore de 18 a 34. Na Despersonalização, considerando o percentil 75, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 0 a 9; Alto nível - escore de 10 a 17. Na Incompetência Profissional, considerando o percentil 25, sendo este com escore reverso, encontrou-se: Baixo/moderado nível – escore de 17 a 32; Alto nível - escore de 0 a 16.

Para avaliar os níveis de cortisol salivar foram coletadas amostras salivares dos participantes por meio de tubos *Salivette*®, devidamente identificados e armazenados em condições e local apropriados. As coletas de saliva foram efetuadas pelo próprio trabalhador, em roletes de algodão de alta absorção, presentes no tubo *Salivette*®. Não houve necessidade de jejum; quando o exame foi realizado após as principais refeições, houve um intervalo de três horas entre refeição e coleta. Antes da coleta, foram necessárias três horas sem escovar os dentes.

Procedimento de coleta: Abriu-se o *Salivette*®, o *swab* foi removido e colocado na boca para estimular a salivação, mantido durante três a cinco minutos ou o tempo necessário para sentir que estava saturado de saliva; após, retornou à posição inicial no *Salivette*® e fechou-se firmemente o tubo. O volume mínimo necessário de saliva foi de 1,0 mL. Após as coletas, as amostras foram mantidas sob

refrigeração (2-8°C) e enviadas para a análise laboratorial. As amostras foram processadas em Laboratório de Análises Clínicas e o cortisol determinado pelo método de Eletroquimioluminescência. Os valores de referência de cortisol: Coleta pela manhã - 10h: < 0,78 ug/dL; Coleta à tarde: < 0,24 ug/dL; Coleta à noite: < 0,24 ug/dL. Os dados da pesquisa foram registrados e organizados no programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 15.0. Foi utilizada estatística descritiva (limite superior e inferior, média, desvio padrão, coeficiente de variação), ANOVA, t de Student e intervalo de confiança de 95%.

Foram respeitados todos os aspectos éticos que regem pesquisas com seres humanos. O projeto, após consentimento do Comitê de Ética da Escola Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIJUÍ (parecer nº 1.948.910, CAAE nº 63136916.6.0000.5350). Os participantes que aceitaram integrarem-se à pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias.

RESULTADOS

Na Tabela 8.1 são explicitados os valores de referência da análise do cortisol salivar nos trabalhadores do cárcere, no decorrer do turno de trabalho, manhã ou tarde. Entre os participantes, constatou-se que a maioria apresentou níveis de cortisol dentro dos parâmetros de referência, porém 2,4% apresentaram níveis elevados de cortisol salivar.

Tabela 8.1 – Análise do Cortisol Salivar dos trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017

Turno	Valores referência	n	%
Manhã	≤ 0,78 g/Dl	199	78,3
	> 0,78 ug/dL	5	2,0
Tarde	≤ 0,24g/Dl	35	13,8
	> 0,24 ug/Dl	1	0,4

*14(5,5%) amostras insatisfatórias para análise de cortisol.

A Tabela 8.2 apresenta as dimensões do MBI, na qual se verifica que 22,8% dos trabalhadores encontravam-se em elevado nível de *burnout*, nas três dimensões; 10,05% deles apresentaram alto nível de *burnout* em duas dimensões, Despersonalização e Incompetência Profissional; 3% em Incompetência Profissional e Desgaste Emocional, 40,4% Desgaste Emocional e Despersonalização. Os trabalhadores que se encontravam em alto nível de *burnout* em somente uma das dimensões perfizeram 26,3% em Despersonalização, 21,8% em Incompetência Profissional e 9,1% em Desgaste Emocional. Constatou-se também que 66% deles encontravam-se em baixo/moderado nível de *burnout* em todas as dimensões da síndrome.

Tabela 8.2 – Análise do MBI nas três dimensões da SB dos trabalhadores penitenciários. 3ª Região Penitenciária do RS. Abril a Junho/2017

Despersonalização			Desgaste Emocional	
			Alto nível	Baixo/moderado nível
Alto nível	Incompetência Profissional	Alto nível	13	6
		Baixo/moderado nível	23	15
			22,8%	10,5%
			40,4%	26,3%
Baixo/moderado nível	Incompetência Profissional	Alto nível	6	43
		Baixo/moderado nível	18	130
			3,0%	21,8%
			9,1%	66,0%

A Tabela 8.3 apresenta resultados do uso de estatística descritiva, t de Student e ANOVA do valor dos níveis de cortisol segundo o MBI. Constata-se que na avaliação geral dos participantes os níveis de cortisol encontravam-se mais

elevados, estatisticamente significativos, nos participantes que apresentaram alto nível da SB.

Tabela 8.3 – Estatística descritiva, t de Student e ANOVA do valor do cortisol segundo níveis de SB de trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Abril a Junho/2017

	Li	Ls	Média	Desvio Padrão	CV%	p-valor
MBI						Teste t
Alto	0,079	0,990	0,311	0,207	66,56	0,028
Baixo/moderado nível	0,060	0,915	0,244	0,175	71,43	

As médias diferem entre si para $p < 0,05$; Li = Limite inferior; Ls = Limite superior; 14 amostras insatisfatórias.

DISCUSSÃO

Os caminhos pelos quais o estresse ocupacional produz efeitos adversos à saúde constitui um desafio (CAMPOS; DAVID, 2014). O mesmo pode trazer consequências para o trabalhador e as instituições, tais como custos significativos para a organização, decorrentes do absentismo, menor produtividade e tratamentos de saúde (AKBARI et al., 2014). O estresse ocupacional pode causar danos à saúde física e psíquica (SHAKERIAN et al., 2017). Entre os fatores estressores ocupacionais está a sobrecarga de trabalho e a falta de liberdade de decisão (AKBARI et al., 2014). Os autores pontuam que a carga de trabalho dos Agentes Penitenciários aumentou nos últimos anos devido a cortes financeiros, de pessoal e pelo crescimento do contingente carcerário. Consequentemente, necessitaram ampliar a carga horária e permanecer tempo maior no ambiente trabalho. Para lidar com o estresse, muitas vezes recorrem a hábitos nocivos, como aumento da ingestão de álcool, tabagismo e abuso de substâncias.

A SB é uma doença laboral decorrente da exaustão física e psicológica, aliada ao estresse permanente no trabalho (CORRÊA et al., 2017). Os autores pontuam que o *burnout* ocorre principalmente naquelas profissões que possuem contato direto com pessoas, como enfermeiros, policiais, agentes penitenciários e docentes. A mesma integra três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Incompetência Profissional (MASLACH; LEITER, 2016). Está

associada a alterações fisiológicas desconhecidas do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal e, conseqüentemente, à desregulação do hormônio cortisol (RIBEIRO; MOTTA, 2014).

Atualmente, o cortisol salivar exerce um importante papel na pesquisa em saúde do trabalhador devido ao seu uso potencial para avaliar a resposta fisiológica em grupos de trabalho expostos à sobrecarga e estresse ocupacional (CAMPOS; DAVID, 2014). É o marcador mais promissor para avaliar a resposta ao estresse neurobiológico (KUDIELKA et al., 2012). Apesar de diversos estudos sobre estresse e cortisol publicados nas últimas décadas, surpreendentemente, poucos estudos examinaram alterações dos níveis de cortisol em relação ao *burnout* (PENZ et al., 2017).

Os resultados desta pesquisa permitem afirmar que, quanto maior o *burnout*, maior é o nível de cortisol nos trabalhadores participantes da pesquisa. Estudo de Marchand et al. (2014) vem de encontro a esse resultado. Eles avaliaram sintomas de *burnout* e níveis de cortisol salivar em 401 trabalhadores canadenses, que atuam no turno diurno. Os autores constataram que as mulheres eram (56,1%) dos trabalhadores com idade média de 41,3 anos. A Exaustão Emocional foi mais correlacionada com as concentrações de cortisol, no amanhecer e na hora de dormir. A Incompetência Profissional só se manifestou na hora de dormir, enquanto a dimensão da despersonalização não foi significativa. O *burnout* foi caracterizado pelo declínio acentuado nas concentrações mais baixas de cortisol, 30 minutos após o despertar, e, quanto maior o *burnout*, menores foram os níveis de cortisol. Estudo de Coorte, Penz et al. (2017) com 314 participantes em Dresden, Alemanha, evidenciou associações entre concentrações de cortisol do cabelo e *burnout*. Eles constataram níveis elevados de cortisol em indivíduos que relataram vários sintomas de *burnout*.

Os resultados da presente pesquisa, ora analisada, mostram a relação entre SB e níveis de cortisol salivar, que vem de encontro a outras investigações internacionais. Isso mostra a lacuna de pesquisas que envolvem essa temática aliada ao uso de indicador fisiológico de estresse.

CONCLUSÃO

A SB está presente nos trabalhadores participantes da pesquisa, em todas as dimensões que integram o instrumento utilizado, e os níveis de cortisol salivar igualmente se apresentaram elevados. A partir desses resultados pode-se afirmar que essa população vivencia o estresse ocupacional, tende a adoecer e que a avaliação do cortisol salivar é um indicador fisiológico importante e que pode ser utilizado para avaliar esses profissionais.

Esses resultados podem ser utilizados por gestores, trabalhadores e pesquisadores no sentido de ampliar conhecimentos sobre SB e instigar o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a temática e, dessa forma, obter mais evidências científicas, prevenir agravos à saúde física e psíquica, com repercussões na qualidade do trabalho com pessoas privadas de liberdade, na imagem do sistema prisional e da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

AKBARI, Jafar et al. Job Stress among Iranian Prison Employees. **The International Journal Of Occupational And Environmental Medicine**, v. 5, p.208-215, jan. 2014.

CAMPOS, Juliana Faria; DAVID, Helena Maria Scherlowski Leal. Análise de cortisol salivar como biomarcador de estresse ocupacional em trabalhadores de enfermagem. **Revista de Enfermagem Uerj**, [s. L.], v. 4, n. 22, p.447-453, 2014.

CORRÊA, Jonathan Saidelles et al. Características de publicações nacionais sobre Síndrome de Burnout. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, [s.l.], v. 7, n. 10, p.91-104, 9 ago. 2017. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/212>. Acesso em: 13 de nov. de 2017.

CHRIST-CRAIN, M. et al. Measurement of serum free cortisol shows discordant responsivity to stress and dynamic evaluation. **The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism**, p. 1729-1735, 2007. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/6464379_Measurement_of_Serum_Free_Cortisol_Shows_Discordant_Responsivity_to_Stress_and_Dynamic_Evaluation>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

FAGUNDES, Emerson de França; COSTA, Guilherme Carlos da; MOREIRA, Tabita Aija Silva. Qualidade de Vida no Trabalho o caso dos agentes penitenciários em um Centro de Detenção Provisória do Rio Grande do Norte. **Research, Society And Development**, [s. l.], v. 5, n. 2, p.109-123, 2017. Disponível em: <

<https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/101>>. Acesso em: 05 de set. de 2017.

FINNEY, Caitlin et al. Organizational stressors associated with job stress and burnout in correctional officers: a systematic review. **Bmc Public Health**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.1-13, 29 jan. 2013. Springer Nature. Disponível em: <<https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/1471-2458-13-82?site=bmcpublikealth.biomedcentral.com>>. Acesso em: 05 de out. de 2017.

GUNNAR, M.; QUEVEDO, K. The neurobiology of stress and development. **Annual Review of Psychology**, p. 145-73, 2007. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.psych.58.110405.085605>> Acesso em: 14 de jun. de 2017.

HELLHAMMER, DH; WÜST S; KUDIELKA BM. Salivary cortisol a biomarker in stress research. **Psychoneuroendocrinology**, p.163-71, 2009.

KALRA, S. et al. The relationship between stress and hair cortisol in healthy pregnant women. **Clinical and Investigative Medicine**, p. 103-107, 2007. Disponível em: <<file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/986-3179-1-PB.pdf>> Acesso em: 10 de agosto de 2017.

LAUTERT, Liana. **O desgaste profissional do enfermeiro**. 1995. 275 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidad Pontificia de Salamanca, Espanha, 1995. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11028>>. Acesso em: 02 de jun. de 2017.

LUPIEN, S. J. et al. The effects of stress and stress hormones on human cognition: implications for the field of brain and cognition. **Brain and Cognition**, p. 209-237, 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17466428>> Acesso em: 10 de agosto de 2016.

MARCHAND, Alain et al. Burnout symptom sub-types and cortisol profiles: What's burning most?. **Psychoneuroendocrinology**, [s.l.], v. 40, p.27-36, fev. 2014.

MASLACH, Christina; LEITER, Michael P.. Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. **World Psychiatry**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 103-111, jun. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27265691>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

McEWEN, B. S. Allostasis and allostatic load: implications for neuropsychopharmacology. **Neuropsychopharmacology**, 22:108-123, 2000. Disponível em: <<http://www.nature.com/npp/journal/v22/n2/pdf/1395453a.pdf>> Acesso em: 10 de agosto de 2017.

MOLLEDA et al. Influence of burnout on the health of prison workers. Revista Española de Sanidad Penitenciaria, p.: 67-73, 2015.

NUNES, M.T. **O hipotálamo endócrino**. Fisiologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008. p. 930-51.

PENZ, Marlene et al. Hair cortisol as a biological marker for burnout symptomatology. **Psychoneuroendocrinology**, [s.l.], p.1-3, jul. 2017. Elsevier BV. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1016/j.psyneuen.2017.07.485>>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

RIBEIRO, Samara dos Santos; MOTTA, Elizângela Araujo Pestana. ASSOCIAÇÃO ENTRE A SÍNDROME DE BURNOUT E O HORMÔNIO CORTISOL. **Revista de Ciências da Saúde**, [s. L.], v. 16, n. 2, p.87-93, 2014. Semestral. Disponível em: Acesso em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rcisaude/article/view/4081>

ROSAL, M. C. et al. Stress, social support, and cortisol: inverse associations? **Behavioral Medicine**, 30:11-21, 2004. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pub_med/15473629> Acesso em: 15 de agosto de 2016.

SHAKERIAN, Mahnaz et al. Job demand-control and job stress at work: A cross-sectional study among prison staff. **Journal Of Education And Health Promotion**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.15-25, 2017.

SILVA, Jonatan da Rosa Pereira da et al. Custo Humano no Trabalho de Agentes Penitenciários. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 3, n. 6, p.112-124, 2016.

SIMPSON, E. E. A. et al. Salivary cortisol, stress, and mood in healthy older adults: the Zenith study. **Biological Psychology**, 78:1-9, 2008. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18243482>> Acesso em: 10 de agosto de 2017.

SOARES, A. J. A.; ALVES, M. G. P. Cortisol como variável em psicologia da saúde. **Psicologia, Saúde & Doenças**, 7:165-177, 2006. Disponível em: <<file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/105.pdf>> Acesso em: 15 de julho de 2017

TAYLOR, S. E. et al. Cultural differences in the impact of social support on psychological and biological stress responses. **Psychological Science**, p. 831-837, 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17760781>> Acesso em: 15 de julho de 2017.

9 CONCLUSÃO

A construção desse trabalho tornou possível avaliar a intensidade de estresse ocupacional, níveis de cortisol salivar e Síndrome de *Burnout* em trabalhadores penitenciários que atuam no sistema prisional.

Inicialmente, realizou-se uma revisão integrativa sobre SB, que foi fundamental para aprimoramento, compreensão, construção e fundamentação de conhecimento relacionado à temática. Contribuiu também para a construção dos artigos que emergiram da pesquisa de campo.

A análise dos artigos científicos mostra que os trabalhadores do cárcere vivenciam o estresse e apresentam SB em percentuais elevados. Essa afirmação pode ser feita porque mais da metade dos trabalhadores do cárcere, participantes da pesquisa (55,9%), apresentaram nível moderado e 2,8% alto nível de estresse ocupacional. Ressalta-se que 5,11% deles se encontravam em alto nível de *burnout*, evidenciado nas três dimensões, 13,77% em duas e 29,92% em uma dimensão. Esses índices demonstram que o trabalho no cárcere contribui para o adoecimento dessa categoria profissional.

Esses resultados são merecedores de atenção e de ações com vistas ao planejamento de intervenções que vão desde a ampliação de conhecimentos sobre o tema até escutas terapêuticas, formação de grupos que permitam a esses sujeitos a identificação dos sinais e sintomas de estresse aliados à socialização do sofrimento vivenciado e estratégias de enfrentamento mais adequadas com vistas à promoção da saúde e prevenção de adoecimento com consequente incapacidade para o trabalho.

Espera-se que este trabalho possa instigar gestores, trabalhadores e pesquisadores no sentido de ampliar discussões e reflexões direcionadas a essa parcela significativa da população que necessita ser melhor cuidada. Quanto aos pesquisadores, esses resultados podem contribuir para instigá-los a realizar mais investigações sobre a temática, inclusive com outras abordagens metodológicas e que permitam fazer inferências, e dessa forma ampliar com evidências científicas a análise dos níveis do cortisol salivar. Diante desses resultados, cabe a equipe de saúde prisional trabalhar com esses profissionais.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Cláudia de Magalhães; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patricia. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 7, p.2135-2146, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n7/1413-8123-csc-21-07-2135.pdf>>. Acesso em: 04 de ago. de 2017.

BONEZ, Aline; MORO, Elisamara dal; SEHNEM, Scheila Beatriz. Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense. **Psicologia Argumento**, [s.l.], v. 31, n. 400, p. 507-517, 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=12241&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 10 de ago. de 2017.

BOUDOUKHA, Abdel Halim et al. Inmates-to-Staff Assaults, PTSD and Burnout. **Journal Of Interpersonal Violence**, [s.l.], v. 28, n. 11, p. 2332-2350, 11 fev. 2013. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0886260512475314>>. Acesso em: 24 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, 2001. p. 580. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 114).

BRASIL. Ministério da Justiça. **Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN 2014**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/radio/mj-divulga-novo-relatorio-sobre-populacao-carceraria-brasileira>>. Acesso em: 02 de jul. de 2017.

BRINGAS-MOLLEDA, C. et al. Influence of burnout on the health of prison workers. **Revista Española de Sanidad Penitenciaria**, [s.l.], v. 17, n. 3, p.67-73, fev. 2015. Disponível em: <<http://europepmc.org/abstract/med/26501588>>. Acesso em: 30 set. 2017.

BRITO, João Paulo; DAUDÉN, Laura. **Violação Continuada: dois anos da crise em pedrinhas**. 2015. Conectas Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.conectas.org/arquivos/editor/files/conectas_relatorio_pedrinhas.pdf>. Acesso em: 03 out. 2017.

CHRIST-CRAIN, M. et al. Measurement of serum free cortisol shows discordant responsivity to stress and dynamic evaluation. **The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism**, p. 1729-1735, 2007. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/6464379_Measurement_of_Serum_Free_Cortisol_Shows_Discordant_Responsivity_to_Stress_and_Dynamic_Evaluation>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

FARO, André; PEREIRA, Marcos Emanuel. Estresse: Revisão Narrativa da Evolução Conceitual, Perspetivas Teóricas e Metodológicas. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, Portugal, v. 14, n. 1, p.78-100, 17 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/362/36226540009.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. 2017.

FEITOSA, Rúbia Mara Maia; SILVEIRA, Lia Carneiro; ALMEIDA, Arisa Nara Saldanha de. CONTEXTOS DE UMA PESQUISA: REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO TRABALHADOR. **Journal Of Nursing Ufpe On Line**, [s. l.], v. 9, n. 1, p.271-279, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10336/11037>>. Acesso em: 05 de jul. de 2017.

FERREIRA, Pedro Gonçalo; FERREIRA, António Jorge; CRAVO-ROXO, Paulo. Constrangimentos ao controlo da tuberculose no sistema prisional. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, [s.l.], v. 33, n. 1, p.71-83, jan. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpsp.2014.11.003>.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GOULD, Drew D. et al. The relationship between burnout and coping in adult and young offender center correctional officers: An exploratory investigation. **Psychological Services**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 37-47, 2013. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/record/2012-23381-001>>. Acesso em: 9 set. 2017.

HARIZANOVA, Stanislava; TARNOVSKA, Tanya. Professional burnout syndrome among correctional facility officers. **Folia Medica**, Plovdiv, v. 2, n. 55, p.73-79, Apr./June 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24191402>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

HELLHAMMER, DH; WÜST S; KUDIELKA BM. Salivary cortisol a biomarker in stress research. **Psychoneuroendocrinology**, p.163-71, 2009.

JASKOWIAK, Caroline Raquele; FONTANA, Rosane Teresinha. O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 68, n. 2, p.235-243, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672015000200235&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 de jul. de 2017.

KALRA, S. et al. The relationship between stress and hair cortisol in healthy pregnant women. **Clinical and Investigative Medicine**, p. 103-107, 2007. Disponível em: <<file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/986-3179-1-PB.pdf>> Acesso em: 10 de agosto de 2017.

MADRID, Fernanda de Matos Lima; PRADO, Florestan Rodrigo. A função ativa do cárcere no sistema penal brasileiro. **Revista Seção Judiciária**, Rio de Janeiro, v. 21, p.107-122, dez. 2014. Disponível em: <https://www.jfrj.jus.br/sites/default/files/revista-sjrj/arquivo/art_funcao_ativa_carcere.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

MASLACH, Christina; LEITER, Michael P.. Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. **World Psychiatry**, [s.l.], v. 15, n.

2, p. 103-111, jun. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27265691>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

NUNES, M.T. **O hipotálamo endócrino**. Fisiologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008. p. 930-51.

PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 1, p.45-52, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000100006&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 02 de jul. de 2017.

PENZ, Marlene et al. Hair cortisol as a biological marker for burnout symptomatology. **Psychoneuroendocrinology**, [s.l.], p.1-10, jul. 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28781093>>. Acesso em: 03 de jul. de 2017.

SILVEIRA, Stelyus Leônidas Mariano; CÂMARA, Sheila Gonçalves; AMAZARRAY, Mayte Raya. Preditores da Síndrome de Burnout em profissionais da saúde na atenção básica de Porto Alegre/RS. **Cadernos Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 22, n. 4, p. 386-392, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v22n4/1414-462X-cadsc-22-04-00386.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

SOARES, A. J. A.; ALVES, M. G. P. Cortisol como variável em psicologia da saúde. **Psicologia, Saúde & Doenças**, 7:165-177, 2006. Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/105.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2017.

TAYLOR, S. E. et al. Cultural differences in the impact of social support on psychological and biological stress responses. **Psychological Science**, p. 831-837, 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17760781>> Acesso em: 15 de julho de 2017.

TSCHIEDEL, Rubia Minuzzi; MONTEIRO, Janine Kieling. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 3, n. 18, p. 527-535, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/352379601/Prazer-e-Sofrimento-Na-Trab-Agentes>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

VIOTTI, Sara. Work-related stress among correctional officers: A qualitative study. **Work**, [s.l.], v. 53, n. 4, p. 871-884, 25 jan. 2016. Disponível em: <<https://iris.unito.it/retrieve/handle/2318/1598195/226361/VIOTTI%202016%20WOK.pdf>>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

ANEXOS

ANEXO I

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Este questionário foi desenvolvido com a finalidade de obtenção de dados para pesquisa de dissertação para obtenção de título de mestre da pesquisadora responsável: Sabrina Azevedo Wagner Benetti. Para a garantia de uma amostra representativa e fidedigna, é necessário o preenchimento correto e completo deste instrumento.

IDENTIFICAÇÃO Nº _____

1. Idade: _____ anos

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Estado Civil:

() Solteiro () Casado/Companheira () Separado () Viúvo () Outra

4. Escolaridade:

() Nível fundamental () Nível médio incompleto () Nível médio completo
() Superior () Especialização () Mestrado () Doutorado

5. Qual o cargo de servidor penitenciário:

() Agente Penitenciário
() Agente Penitenciário Administrativo
() Técnico Superior Penitenciário

6. Há quantos anos atua no sistema prisional?

() 0 a 5 anos
() 5 a 10 anos
() 10 a 15 anos
() 20 a 25 anos
() 25 anos ou mais

7. Classe:

() A () B () C () D () E

8. Reside na cidade na qual está lotado como servidor penitenciário?

Sim Não

9. Cumpre carga horária?

Plantonista Expediente

10. Está a quantas horas no trabalho?

11. Quantas horas de sono ininterruptas teve na noite anterior?

12. O que o motivou a ser um servidor penitenciário?

concurso público

estabilidade

salário

falta de oportunidades

por opção

13. Que atividades de lazer você realiza?

passear com a família

Viajar

Assistir filmes

Atividades físicas (futebol, vôlei, caminhada, academia, andar bicicleta)

Festas/churrascos

14. Qual a periodicidade que você realiza uma atividade de lazer?

diária duas vezes/semana três vezes/semana semanal mensal

15. Você necessitou se afastar de suas atividades nos últimos 2 anos por motivo de saúde? Sim Não

16. Quanto tempo? _____

17. Quais motivos? _____

18. É tabagista: Sim Não Ex-fumante

19. Usa bebida alcoólica: Sim Não

() uso ocasional () até duas doses diárias () três doses diárias () mais de três doses diárias

20. Possui alguma doença?

() HAS () DM () hipo ou hipertireoidismo () transtorno de humor () outros_____

21. Faz uso de algum medicamento? () Sim () Não

22. Qual? _____

23. Há quanto tempo? _____

24. Ganhou peso desde que iniciou suas atividades no sistema prisional?

() Sim () Não

25. Reside no município de lotação? () Sim () Não

26. Exerce alguma função além de servidor penitenciário? () Sim () Não

27. Deseja realizar outro concurso ou trocar de emprego? () Sim () Não

28. Você já passou por alguma situação em que teve muito medo durante sua atividade laboral? () Sim () Não

Qual/is? _____

29. Qual a situação de maior estresse passou no sistema prisional?

30. Você já viveu alguma situação que lhe deixou constrangido por exercer suas atividades no sistema prisional? () Sim () Não

Especificar: _____

31. Possui ou não religião: () Sim () Não

ANEXO II - ESCALA DE ESTRESSE NO TRABALHO (EET)

Abaixo estão listadas várias situações que podem ocorrer no dia a dia de seu trabalho. Leia com atenção cada afirmativa e utilize a escala apresentada a seguir para dar sua opinião sobre cada uma delas.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo Totalmente

Para cada item, marque o número que melhor corresponde à sua resposta.

- Ao marcar o número 1 você indica discordar totalmente da afirmativa.
- Assinalando o número 5 você indica concordar totalmente com a afirmativa.
- Observe que quanto menor o número, mais você discorda da afirmativa e quanto maior o número, mais você concorda com a afirmativa.

1	A forma como as tarefas são distribuídas em minha área tem me deixado nervoso.	1	2	3	4	5
2	O tipo de controle existente em meu trabalho me irrita.	1	2	3	4	5
3	Falta de autonomia na execução do meu trabalho tem sido desgastante.	1	2	3	4	5
4	Tenho me sentido incomodado com a falta de confiança de meu superior sobre o meu trabalho.	1	2	3	4	5
5	Sinto-me irritado com a deficiência na divulgação de informações sobre decisões organizacionais.	1	2	3	4	5
6	Sinto-me incomodado com a falta de informações sobre minhas tarefas no trabalho.	1	2	3	4	5
7	A falta de comunicação entre mim e meus colegas de trabalho deixa-me irritado.	1	2	3	4	5
8	Sinto-me incomodado por meu superior tratar-me mal na frente de colegas de trabalho.	1	2	3	4	5
9	Sinto-me incomodado por ter que realizar tarefas que estão além de minha capacidade.	1	2	3	4	5
10	Fico de mau humor por ter que trabalhar durante muitas horas seguidas.	1	2	3	4	5

11	Sinto-me incomodado com a comunicação existente entre mim e meu superior.	1	2	3	4	5
12	Fico irritado com discriminação/favoritismo no meu ambiente de trabalho.	1	2	3	4	5
13	Tenho me sentido incomodado com a deficiência nos treinamentos para capacitação profissional.	1	2	3	4	5
14	Fico de mau humor por me sentir isolado na organização.	1	2	3	4	5
15	Fico irritado por ser pouco valorizado por meus superiores.	1	2	3	4	5
16	As poucas perspectivas de crescimento na carreira tem me deixado angustiado.	1	2	3	4	5
17	Tenho me sentido incomodado por trabalhar em tarefas abaixo do meu nível de habilidade.	1	2	3	4	5
18	A competição no meu ambiente de trabalho tem me deixado de mau humor.	1	2	3	4	5
19	A falta de compreensão sobre quais são minhas responsabilidades neste trabalho tem causado irritação.	1	2	3	4	5
20	Tenho estado nervoso por meu superior me dar ordens contraditórias.	1	2	3	4	5
21	Sinto-me irritado por meu superior encobrir meu trabalho bem feito diante de outras pessoas.	1	2	3	4	5
22	O tempo insuficiente para realizar meu volume de trabalho deixa-me nervoso.	1	2	3	4	5
23	Fico incomodado por meu superior evitar me incumbir de responsabilidades importantes.	1	2	3	4	5

ANEXO III - INVENTÁRIO DE MASLACH DE *BURNOUT*

Marque um X a coluna que indica com que frequência você se sente como o enunciado de cada questão.

Com que frequência sente isso?	Nunca	Algumas vezes ao ano	Algumas vezes ao mês	Algumas vezes na última semana	Diariamente
1. Sinto-me emocionalmente decepcionado com meu trabalho.	0	1	2	3	4
2. Quando termino minha jornada de trabalho sinto-me esgotado.	0	1	2	3	4
3. Quando me levanto pela manhã e me deparo com outra jornada de trabalho, sinto-me fatigado.	0	1	2	3	4
4. Sinto que posso entender facilmente como as pessoas que tenho que atender se sentem a respeito das coisas.	0	1	2	3	4
5. Sinto que estou tratando pacientes e familiares como se fossem objetos impessoais.	0	1	2	3	4
6. Sinto que trabalhar todo dia com gente me cansa.	0	1	2	3	4
7. Sinto que trato com muita efetividade os problemas das pessoas que tenho que atender.	0	1	2	3	4
8. Sinto que meu trabalho está me desgastando.	0	1	2	3	4
9. Sinto que estou influenciando positivamente nas vidas das pessoas, através de meu trabalho.	0	1	2	3	4
10. Sinto que tornei-me mais duro com as pessoas, desde que comecei este trabalho.	0	1	2	3	4
11. Preocupo-me com este trabalho que está me endurecendo emocionalmente.	0	1	2	3	4
12. Sinto-me muito vigoroso em meu trabalho.	0	1	2	3	4
13. Sinto-me frustrado por meu trabalho.	0	1	2	3	4
14. Sinto que estou trabalhando demais no meu trabalho.	0	1	2	3	4
15. Sinto que realmente não me importa o que ocorra com as pessoas as quais tenho que	0	1	2	3	4

atender profissionalmente.					
16. Sinto que trabalhar em contato direto com as pessoas que me estressa.	0	1	2	3	4
17. Sinto que posso criar, com facilidade, um clima agradável com os receptores do meu trabalho.	0	1	2	3	4
18. Sinto-me estimulado depois de haver trabalhado diretamente com quem tenho que atender.	0	1	2	3	4
19. Creio que consigo muitas coisas valiosas nesse trabalho.	0	1	2	3	4
20. Sinto-me como se estivesse no limite de minhas possibilidades.	0	1	2	3	4
21. No meu trabalho eu manejo os problemas emocionais com muita calma.	0	1	2	3	4
22. Parece-me que pacientes e familiares culpam-se por alguns de seus problemas.	0	1	2	3	4

ANEXO IV
PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DOS SERVIÇOS
PENITENCIÁRIOS



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS
ESCOLA DO SERVIÇO PENITENCIÁRIO



AUTORIZAÇÃO

Na data de dia 28/09/2016 a Escola do Serviço Penitenciário (setor responsável pelas pesquisas entre a SUSEPE e as Instituições de Ensino Superior) autoriza (o/a) pesquisador (a) **SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI** a realizar a pesquisa sob o título " **ESTRESSE E INDICATIVOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM SERVIDORES PENITENCIÁRIOS** " junto a 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul.

O Projeto de Pesquisa está vinculado Universidade de Cruz Alta e Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul - Mestrado em Atenção Integral à Saúde, sob orientação da professora Dra. Eniva Miladi Fernandes Stamm.

Salientamos que para realização da coleta dos dados necessários ao andamento da pesquisa, é necessário que o (a) pesquisador (a) apresente o Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da IES e após agende previamente a data da visita ao estabelecimentos e com os (as) Administradores (as) dos Estabelecimentos Prisionais da 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul.

Acreditamos que a Escola do Serviço Penitenciário, através do Grupo de Trabalho em Ética em Pesquisas, realizou análise ética e documental do projeto em tela, deixando a critério do (a) diretor (a) do estabelecimento prisional questões práticas, tais como disponibilização de espaços, efetivo funcional para movimentação de apenados e organização do tempo.

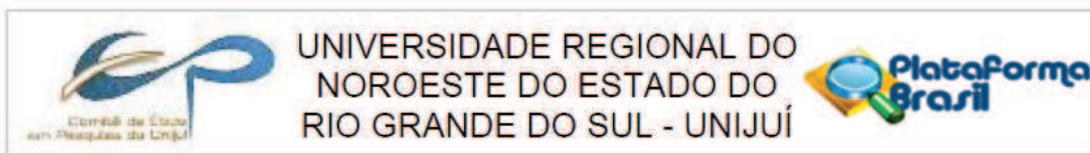
Mediante esta autorização, solicitamos que após o término do Projeto, o (a) pesquisador (a) envie seu trabalho final de pesquisa, para a Escola do Serviço Penitenciário, de forma impressa ou digital.

Destacamos que o (a) pesquisador (a) deverá respeitar, rigorosamente, os procedimentos operacionais e de segurança de acordo com a Administração do Estabelecimento Prisional onde irá ocorrer a pesquisa.

Atenciosamente,


João Eduardo Quevedo Reymunde
Diretor da Escola do Serviço Penitenciário

ANEXO V
PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIJUÍ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESTRESSE E INDICATIVOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM SERVIDORES PENITENCIÁRIOS

Pesquisador: SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63136916.6.0000.5350

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO DE INTEGRAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO DO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.948.910

Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa: Estresse e indicativos da Síndrome de Burnout em servidores penitenciários

Nome da pesquisadora: Sabrina Azevedo Wagner Benetti

E-mail: sabrina.benetti@hotmail.com

Nome da Instituição: Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste

O trabalho no sistema prisional possui diversas peculiaridades e estudos evidenciam o quanto ele pode lesar o trabalhador com danos à saúde física e psíquica resultantes de sobrecarga, estresse e Síndrome de Burnout. OBJETIVO GERAL: Avaliar a intensidade de estresse ocupacional, prevalência e indicativos da Síndrome de Burnout em trabalhadores penitenciários que atuam no sistema prisional. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Verificar a influência das variáveis sociodemográficas e clínicas com o estresse do servidor penitenciário; Analisar a influência do trabalho frente ao estresse vivenciado pelos participantes da pesquisa com o uso da Escala de Estresse no Trabalho – (EET); Avaliar prevalência e indicativos da SB nos trabalhadores do cárcere, integrantes da pesquisa; Avaliar a concentração dos níveis de cortisol livre dos trabalhadores; Relacionar os indicativos de Burnout com a intensidade do estresse vivenciado pelos trabalhadores do sistema prisional; Associar níveis de estresse e Burnout com a carga de trabalho; Relacionar o cortisol e sua relação

Endereço: Rua do Comércio, 3.000

Bairro: Univeristário

CEP: 98.700-000

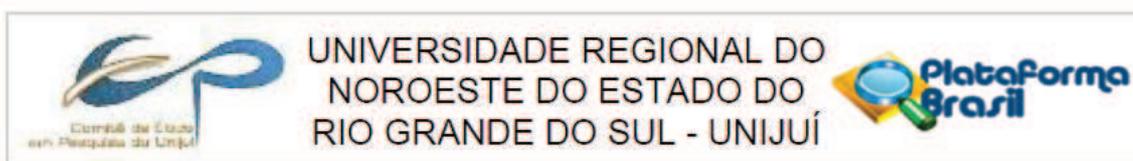
UF: RS

Município: IJUÍ

Telefone: (55)3332-0301

Fax: (55)3332-0331

E-mail: cep@unijui.edu.br



Continuação do Parecer: 1.948.910

com o estresse. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo exploratório, transversal, descritivo e analítico. Os dados serão coletados com o uso de três instrumentos: formulário sociodemográfico e clínico, Escala de Estresse no Trabalho, Maslach Burnout Inventory e a determinação do cortisol salivar. Serão convidados para a pesquisa 381 trabalhadores do sistema prisional, adscritos à 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, no período de janeiro a dezembro de 2017. As variáveis que integram os instrumentos de

coleta de dados serão analisados com o uso de estatística descritiva, analítica e com o programa Statistical Package for Social Science, versão 17.0.

RESULTADOS ESPERADOS: Podem ser importantes para verificar o nível de estresse, concentração de cortisol salivar, indicativos da Síndrome de Burnout e seus efeitos na saúde dos servidores penitenciários. Dessa forma, possibilita implementar estratégias para promoção da saúde e prevenção de agravos a esse percentual significativo de trabalhadores, com repercussões na melhoria da qualidade de vida.

Objetivo da Pesquisa:

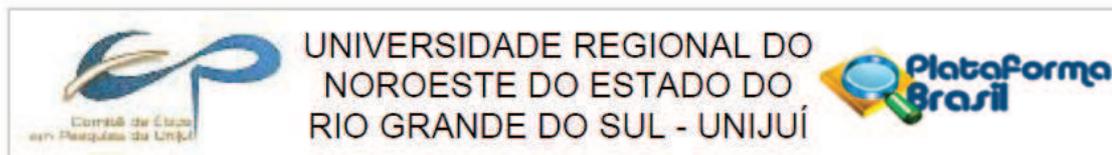
Objetivo Primário:

Avaliar a intensidade de estresse ocupacional, prevalência e indicativos da Síndrome de Burnout em trabalhadores penitenciários que atuam no sistema prisional.

Objetivo Secundário:

- a) Verificar a influência das variáveis sociodemográficas e clínicas com o estresse do servidor penitenciário;
- b) Analisar a influência do trabalho frente ao estresse vivenciado pelos participantes da pesquisa com o uso da Escala de Estresse no Trabalho – (EET);
- c) Avaliar prevalência e indicativos da SB nos trabalhadores do cárcere, integrantes da pesquisa;
- d) Avaliar a concentração dos níveis de cortisol livre dos trabalhadores;
- e) Relacionar os indicativos de burnout com a intensidade do estresse vivenciado pelos trabalhadores do sistema prisional;
- f) Associar níveis de estresse e Burnout com a carga de trabalho;
- g) Relacionar o cortisol e sua relação com o estresse.

Endereço: Rua do Comércio, 3.000	CEP: 98.700-000
Bairro: Univeristário	
UF: RS	Município: IJUI
Telefone: (55)3332-0301	Fax: (55)3332-0331
	E-mail: cep@unijui.edu.br



Continuação do Parecer: 1.948.910

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisadora informará os participantes que, o fato de eles aceitarem integrar ao estudo poderá incorrer em riscos, como: desconforto, cansaço, tristeza por reviver situações emocionais de estresse, relembrar momentos difíceis e sintomas físicos, histórias de sua vida desagradáveis, entre outros. Se isso ocorrer, a entrevista será interrompida e o trabalhador será encaminhado ao Serviço de Atendimento ao Servidor da SUSEPE que dispõe de psicóloga.

Benefícios:

Os participantes do estudo poderão ser beneficiados pela oportunidade de refletir acerca de sua vida profissional, verificar o nível de estresse e os enfrentamentos do dia-a-dia, aspectos considerados importantes e que qualificam sua atuação e os beneficiam no sentido de manutenção da saúde e prevenção de agravos, em especial a SB.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa bem estruturado e de grande relevância social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Presentes e de forma adequada.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado

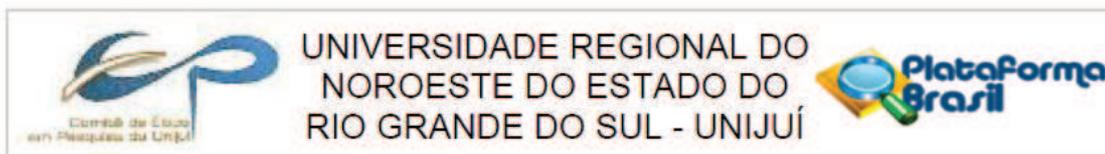
Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da UNIJUI acompanha o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	TermoSabrina.pdf	01/03/2017 09:48:55	Anna Paula Bagetti Zeifert	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_839317.pdf	12/12/2016 13:55:03		Aceito
Folha de Rosto	FRSabrina.pdf	12/12/2016 13:54:32	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito

Endereço: Rua do Comércio, 3.000
Bairro: Univeristário **CEP:** 98.700-000
UF: RS **Município:** IJUI
Telefone: (55)3332-0301 **Fax:** (55)3332-0331 **E-mail:** cep@unijui.edu.br



Continuação do Parecer: 1.948.910

Outros	DeclaracaoPamelaPsicologa.docx	07/12/2016 09:24:57	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	declaracaoGracielePsicologa.docx	07/12/2016 09:24:34	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	INVENTARIODEMASLACHDEBURNOUT.docx	07/12/2016 09:24:07	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	questionariosocio.docx	07/12/2016 09:22:57	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	ESCALADEESTRESSENOTRABALHO.docx	07/12/2016 09:22:21	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	TERMODEACEITEPARAORIENTACAODEPESQUISA.docx	07/12/2016 09:21:45	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	AutorizacaopesquisaESP.pdf	07/12/2016 09:21:04	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	SabrinaBenetti.pdf	07/12/2016 09:20:23	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Outros	EnivaStumm.pdf	07/12/2016 09:20:02	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.docx	07/12/2016 09:19:37	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoComiteeticaUnijui.doc	07/12/2016 09:19:16	SABRINA AZEVEDO WAGNER BENETTI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

IJUI, 06 de Março de 2017

Assinado por:
Anna Paula Bagetti Zeifert
(Coordenador)

Endereço: Rua do Comércio, 3.000

Bairro: Univeristário

CEP: 98.700-000

UF: RS

Município: IJUI

Telefone: (55)3332-0301

Fax: (55)3332-0331

E-mail: cep@unijui.edu.br

ANEXO VI
NOTA PRÉVIA



ESTRESSE E INDICATIVOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM SERVIDORES PENITENCIÁRIOS

STRESS AND INDICATIVES OF BURNOUT SYNDROME IN THE PRISON WORKERS ESTRÉS E INDICATIVOS DEL SÍNDROME DE BURNOUT EN SERVIDORES PENITENCIARIOS

Sabrina Azevedo Wagner Benetti¹, Eniva Miladi Fernandes Stumm²

RESUMO

Objetivo: avaliar a intensidade de estresse ocupacional, prevalência e indicativos da síndrome de *Burnout* em trabalhadores que atuam no sistema prisional. **Método:** estudo exploratório, transversal, descritivo e analítico, com 381 trabalhadores penitenciários da 3ª região penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul. Os dados serão coletados por formulário sociodemográfico e clínico, Escala de Estresse no Trabalho, Inventário de *Maslach Burnout Inventory* e amostras salivares para dosagem dos níveis de cortisol. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, CAEE 63136916.6.0000.5350. A análise será por estatística descritiva e inferencial. **Resultados esperados:** mensuração do estresse, concentração de cortisol salivar, indicativos da síndrome de *Burnout* e efeitos na saúde dos servidores penitenciários. **Descritores:** Prisões; Estresse ocupacional; Cortisol; Trabalhadores.

ABSTRACT

Objective: to evaluate the intensity of occupational stress, prevalence and indicative of burnout syndrome in workers working in the prison system. **Method:** this is an exploratory, transversal, descriptive and analytical study with 381 prison workers from the 3rd penitentiary region of the State of Rio Grande do Sul. Data will be collected by sociodemographic and clinical form, Work Stress Scale, Maslach Burnout Inventory and Salivary samples for cortisol levels. This research is approved by the Research Ethics Committee of the Regional University of the Northwest of the State of Rio Grande do Sul, CAEE 63136916.6.0000.5350. The analysis will be performed by descriptive and inferential statistics. **Expected results:** measurement of stress, concentration of salivary cortisol, indicative of burnout syndrome and effects on the health of prison workers. **Descriptors:** Prisons; Professional Burnout; Hydrocortisone; Workers.

RESUMEN

Objetivo: evaluar la intensidad de estrés ocupacional, prevalencia e indicativos del síndrome de *burnout* en trabajadores que actúan en el sistema penitenciario. **Método:** estudio exploratorio, transversal, descriptivo y analítico, con 381 trabajadores penitenciarios de la 3ª región penitenciaria del Estado de Rio Grande do Sul. Los datos serán recogidos por: formulario sociodemográfico y clínico, Escala de Estrés en el Trabajo, Inventario de *Maslach Burnout Inventory* y muestras salivares para dosis de los niveles de cortisol. Aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Regional del Noroeste del Estado de Rio Grande do Sul, CAEE 63136916.6.0000.5350. El análisis será por estadística descriptiva y inferencial. **Resultados esperados:** mensuración del estrés, concentración de cortisol salivar, indicativos del síndrome de *burnout* y efectos en la salud de los servidores penitenciarios. **Descriptor:** Prisiones; Agotamiento Profesional; Hidrocortisona; Trabajadores.

¹Enfermeira, Mestranda da Atenção Integral à Saúde, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUI. Ijuí (RS), Brasil. E-mail: sabrina.benetti@hotmail.com; ²Professora Orientadora, Enfermeira, Doutora em Ciências-Enfermagem/UNIFESP. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado em Atenção Integral à Saúde UNICRUZ/UNIJUI. Ijuí (RS), Brasil. E-mail: eniva@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

No Brasil, o contingente carcerário cresceu 575%, de 90 mil presos no início da década de 90 passaram a 607.731, em 2014. Diante dessa demanda necessitaria de mais 373.991 vagas em prisões.¹ O número massivo de presos, aliado à insuficiência de vagas nas casas prisionais, resulta na superlotação. Com isso, estes espaços tornam-se difíceis de serem administrados pelo Estado, aliado ao controle da massa carcerária.² Este cenário requer aumento da responsabilidade dos trabalhadores que atuam no cárcere e predispõe o adoecimento físico e psíquico.

O trabalho no sistema prisional possui especificidades, tais como isolamento, monotonia, em formato de plantões, requer concentração constante, sensação de insegurança, sob ameaça de violência.³ Dessa forma, os trabalhadores podem sofrer efeitos psicológicos adversos associados à sobrecarga, evoluir para Síndrome de *Burnout* (SB) e depressão.⁴ Neste contexto, a SB apresenta percentuais elevados em trabalhadores do cárcere.⁵

Investigação com 26 Agentes Penitenciários (AP) de um presídio da região noroeste do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 220 Pessoas Privadas de Liberdade (PPL) em regime fechado, avaliou condições de trabalho e reflexos da atividade laboral sobre sua saúde.⁶ Eles evidenciaram que a maioria dos servidores ingressou no cargo motivada pela estabilidade, salário, influenciada por familiares e amigos que atuavam no sistema prisional. Os resultados revelaram que as condições de trabalho são insatisfatórias por deficiência de recursos materiais e descaso do poder público com questões inerentes à ressocialização do apenado, que evolui para exposição a riscos psicossociais, insatisfação e desgaste emocional dos trabalhadores.

Outra pesquisa com 208 AP na província de Alberta no Canadá identificou a prevalência de *Burnout* e estratégias de *coping* entre os profissionais.⁷ Os autores constataram que os trabalhadores apresentavam altos níveis de *Burnout*, evidenciada por absenteísmo, rotatividade, má saúde física, aumento da exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal.

A experiência como Enfermeira do sistema prisional durante 11 anos me conduz a reconhecer pontos de fragilidade, tais como estrutura física inadequada para atender à demanda, dinâmica de funcionamento, número insuficiente de profissionais aliado ao déficit de investimentos na qualificação da

equipe por parte do Estado.

OBJETIVOS

- Avaliar a intensidade de estresse ocupacional, prevalência e indicativos da síndrome de *Burnout* em trabalhadores que atuam no sistema prisional.
- Verificar a influência das variáveis sociodemográficas e clínicas com o estresse do servidor penitenciário; analisar a influência do trabalho perante o estresse vivenciado pelos participantes da pesquisa com o uso da Escala de Estresse no Trabalho - (EET).
- Avaliar prevalência e indicativos da SB nos trabalhadores do cárcere, integrantes da pesquisa; avaliar a concentração dos níveis de cortisol livre dos trabalhadores.
- Relacionar os indicativos de *Burnout* com a intensidade do estresse vivenciado pelos trabalhadores do sistema prisional.
- Associar níveis de estresse e *Burnout* com a carga de trabalho; relacionar o cortisol e sua relação com o estresse.

MÉTODO

Estudo exploratório, descritivo, transversal, de abordagem quantitativa. Os dados serão coletados com formulário sociodemográfico e clínico, Escala de Estresse no Trabalho e *Maslach Burnout Inventory* (MIB) e amostras salivares para dosagem dos níveis de cortisol. Os dados serão coletados entre os 381 trabalhadores lotados na 3ª região penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Pretende-se incluir na pesquisa todos os 381 trabalhadores penitenciários concursados ativos, pertencentes ao quadro da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), lotados na 3ª Região Penitenciária. Os critérios de inclusão são: ser trabalhador da SUSEPE, há no mínimo 6 meses, e aceitar participar da pesquisa; e os critérios de exclusão: apresentar dificuldades de compreensão das questões que integram os instrumentos de coleta de dados e não aceitar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Serviço Penitenciário da Superintendência dos Serviços Penitenciários e Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 63136916.6.0000.5350.

Os dados, após a coleta, serão registrados e organizados em um banco de dados no Excel

Benetti SAW, Stumm EMF.

for Windows (OFFICE, 2007) e, posteriormente, analisados com estatística descritiva, inferencial e analítica, com auxílio do programa Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 17.0.

RESULTADOS ESPERADOS

Mapear e avaliar a intensidade de estresse ocupacional, comparado com os níveis de cortisol salivar e indicativos da síndrome de *Burnout* em trabalhadores que atuam na 3ª Região Penitenciária do Estado do Rio Grande do Sul.

Considera-se que estudar o estresse, mensurar níveis de cortisol salivar e indicativos da SB e seus efeitos na saúde dos servidores penitenciários possibilitará o planejamento e implementação de ações direcionadas à promoção da saúde e prevenção de danos, muitas vezes irreparáveis, nessa população. Igualmente, considera-se que os resultados podem se constituir em subsídios importantes, com vistas a intervenções educacionais para ampliar o conhecimento sobre estresse e *Burnout* e dessa forma empoderá-los para o autocuidado, ampliação da qualidade de vida e da saúde.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN 2014. [Internet]. 2016 [cited 2016 Oct 05]. Available from: <https://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen- nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>
2. Goffman E. Manicômios, prisões e conventos. Perspectiva. São Paulo: 2001.
3. Bezerra CM, Assis SG, Constantino P. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. Cien Saude Colet [Internet]. 2016 [cited 2016 Oct 05]; 21(7): 2135-46. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/630/63046188015.pdf> DOI:10.1590/1413-81232015217.00502016
4. Who. World Health Organization. Global Strategy on occupational health for all. [Internet]. 1995 [cited 2016 Oct 07]. Available from: http://www.who.int/occupational_health/en/oehstrategy.pdf
5. Mollada BC, Muñiz AF, Fresno EA, Cordero AM, Díaz FJR. Influence of burnout on the health of prison workers. Rev Esp Sanid Penit [Internet]. 2015 [cited 2016 Oct 05]; 17: 37-

Estresse e indicativos da Síndrome de *Burnout*...

46. Available from: <http://www.sanipe.es/OJS/index.php/RESP/article/view/387/885>
6. Jaskowiaki CR, Fontana RT. O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário. Rev Bras Enferm [Internet]. Mar/Apr 2015 [cited 2016 Aug 02]; 68(2): 235-43. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=5003471672015000200235&lng=es&nrm=iso&tlng=pt DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680208i>
7. Gould DD, Watson SL, Price SR, Valliant PM. The Relationship Between Burnout and Coping in Adult and Young Offender Center Correctional Officers: An Exploratory Investigation. University- Psychological Services. American Psychological Association [Internet]. 2013 Oct [cited 2016 oct 06]; 10(1):37-47. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22924799> DOI: [10.1037/a0029655](https://doi.org/10.1037/a0029655)

Submissão: 11/03/2017

Aceito: 28/05/2017

Publicado: 15/07/2017

Correspondência

Sabrina Azevedo Wagner Benetti
Rua Emílio Frederico Buhner, 637
Bairro São Geraldo
CEP: 98700-000 – Ijuí (RS), Brasil